

VII Encontro

GT Deleuze Guattari

Pensar em veredas que se bifurcam
clínica, política, técnica, educação, estética



2020
RESUMOS



VII ENCONTRO GT DELEUZE E GUATTARI

Quando falamos de ‘veredas que se bifurcam’, queremos dizer na verdade, que Deleuze & Guattari pretendem fazer do exercício do pensamento o fio condutor para outras e múltiplas experimentações a partir de territórios do pensar que se implicam, se diferenciam, se aproximam, se distanciam, num movimento sempre transdisciplinar.

A ideia do Encontro do GT Deleuze & Guattari-2020 é incitar nos participantes (como foi feito nos encontros anteriores), a importância de atividades, práticas e estudos que conversem com os ‘nossos autores’.

Nossa pretensão é contribuir para expandir e fomentar ainda mais as leituras que privilegiam Deleuze & Guattari e os vários sentidos que elas produzem (filosofia, ciência, teatro, cinema, literatura, pintura, educação, psicanálise, direito, ciências humanas).





VII Encontro

GT Deleuze
Guattari

Pensar em veredas que se bifurcam
clínica, política, técnica, educação, estética



ORGANIZAÇÃO

VII Encontro GT Deleuze e Guattari – ANPOF

Alex Fabiano Correia Jardim/UNIMONTES
COORDENADOR DO GT DELEUZE E GUATTARI

COMISSÃO ORGANIZADORA

Adhemar Santos de Oliveira
Alex Fabiano Correia Jardim
Jailson Amorum
Michele Martins
Paulo Henrique Dias Costa
Warley Kelber Gusmão de Andrade





VII Encontro

**GT Deleuze
Guattari**

Pensar em veredas que se bifurcam
clínica, política, técnica, educação, estética



NÚCLEO DE SUSTENTAÇÃO

Núcleo de Sustentação do GT Deleuze/Guattari - ANPOF

Alessandro Carvalho Sales – UNIFESP

Anne Sauvagnargues – Université Paris Nanterre

Bárbara Lucchesi Ramacciotti – UMC

Cíntia Vieira da Silva – UFOP

Eladio C. P. Craia – PUC-PR

Ester Maria Dreher Heuser – UNIOESTE-PR

James Arêas – UERJ

Leonardo Maia – UFRJ

Luiz B. L. Orlandi – UNICAMP

Luiz Manoel Lopes – UFCA

Mariana de Toledo Barbosa – UFF

Sandro Kobol Fornazari – UNIFESP

Zamara Araújo dos Santos – UESB





SUMÁRIO

VEREDAS ARTÍSTICAS	1
CLINICAS, ESQUIZO, PSI	39
VEREDAS EDUCACIONAIS	54
VEREDAS HISTÓRIA DA FILOSOFIA	77
VEREDAS LITERÁRIAS	87
VEREDAS POLÍTICAS	105
VEREDAS TÉCNICAS	129
VEREDAS TRANSVERSAIS	139





VEREDAS ARTÍSTICAS





Veredas Artísticas

Deleuze e adaptação como ato criador no cinema.

Adhemar Santos de Oliveira
Professor - Universidade do Estado da Bahia
adhemar.filosofia@gmail.com

Pensar o que envolve as relações entre a palavra literária e a imagem cinematográfica é pensar na criação e experimentação de novos modos de pensar, pois devemos considerar positivamente a adaptação de uma obra literária para o cinema não pelo fato da história ser fiel ao livro, mas pela capacidade que o diretor teve em transformar as palavras em imagens e a linguagem literária em experimentação cinematográfica. Diante disso, o propósito do presente texto é investigar o encontro entre literatura e cinema, localizando os elementos que unem e/ou separam a obra literária da obra cinematográfica a partir do conceito de adaptação. Desse modo, podemos pensar fatores de ordem do ato criador para uma nova composição estética, pois, pensar uma obra literária adaptada para o cinema é entrar na área mais estreita do pensamento cinematográfico. Assim, o presente texto propõe discutir a partir de Deleuze o problema da adaptação como um processo de criação, pois a adaptação de uma obra literária para o cinema não tem relação nenhuma com o processo de transferência semiótica da “palavra à imagem”; trataremos dessa passagem da obra literária para o cinema como uma “fabulação criadora”, inventando outras possibilidades de expressão. Desse modo as adaptações literárias, portanto, são um dos principais vetores de (re)criação no cinema.

Palavras-chave:
Adaptação; Cinema; Criação; Literatura; Deleuze





Veredas Artísticas

Descolonização do Conhecimento e da Pesquisa entre as Artes e a Filosofia: Considerações Metodológicas a Partir de Deleuze/Guattari

Alessandro Carvalho Sales

Professor - Unifesp - Universidade Federal de São Paulo

alessandro.sales@unifesp.br

Fala-se, já de há muito, a respeito de uma crise da razão no ocidente. Deleuze e Guattari são pensadores que dobram o niilismo contemporâneo em direção ao enfrentamento maior do problema da produção de sentido. As saídas apontadas pelos autores convocam, por sinal, uma nova política quanto ao próprio problema do conhecimento: para além das epistemologias mais tradicionais – ainda muito arraigadas na separação entre sujeito e objeto, bem como nos efeitos dessa dissociação –, desenha-se um salto epistemológico fundamental, em função do qual, dado o jogo da imanência, conhecer passa a ser pensar ou, ainda, criar. O presente trabalho busca considerar esse salto particularmente sob o ponto de vista das pesquisas situadas entre as Artes e a Filosofia, sublinhando as chamadas problemáticas metodológicas. Por essas direções, o que pode nos ensinar essa espécie de descolonização do conhecimento? Quais são os novos “lugares” do sujeito e do objeto? Por que não cabe mais falar em aplicação? O que passa a ser descrever um objeto? O que pode ser ler e escrever em Ciências Humanas, hoje? São essas algumas das questões com que nos depararemos no itinerário da apresentação.

Palavras-chave:

Descolonização; Conhecimento; Pesquisa; Metodologia; Deleuze/Guattari





Veredas Artísticas

Entre a vespa e a orquídea: por uma teoria da comunicação aberrante

André Corrêa da Silva de Araujo

andrecsaraujo@gmail.com

A partir de meados dos anos 70, o filósofo francês Gilles Deleuze começa a usar, com uma certa regularidade, a imagem da relação entre vespa e orquídea como um dispositivo produtivo para operacionalizar conceitos como agenciamento, devir, rizoma e território. Tomada da obra de Proust (a relação de Charlus e Jupien em Sodoma e Gomorra), a imagem da relação entre vespa e orquídea surge como uma forma de dar consistência a uma teoria da sexualidade, que se desenvolve como uma crítica a ideia de organismo em *Anti-Édipo* e alcança sua força mais potente em *Mil Platôs*, quando serve como uma forma de colocar em xeque uma noção idealizada de natureza e contrapor-se às teorias evolutivas de caráter neo-darwinista. O que subjaz a todos esses movimentos teóricos que acompanham a vespa e a orquídea, é uma noção ainda bastante marginalizada, que data da primeira referência de Deleuze a essa imagem: que a vespa e a orquídea constituem uma relação propriamente comunicacional. Esse gesto de vincular a comunicação a uma de suas mais produtivas imagens teóricas pode parecer estranho ao leitor de Deleuze acostumado aos violentos ataques que o francês promove contra a comunicação. Entretanto, a crítica operada por Deleuze para a comunicação diz respeito a uma noção específica desse conceito, vinculado a ideia de intersubjetividade e transcendência. Para distinguir a comunicação que lhe interesse, uma noção produtiva de comunicação, Deleuze acaba por dar a ela um predicado: a comunicação que lhe interessa, a comunicação que opera entre vespa e orquídea, é uma comunicação aberrante. O presente trabalho trata de deslindar essa genealogia do conceito de comunicação aberrante no interior da obra de Gilles Deleuze, além de expor o que o caracteriza de forma específica, tendo como horizonte outros conceitos produtivos elaborados pelo autor, como os citados anteriormente como devir, agenciamento, rizoma e território. Da mesma forma, pretende-se fazer uma genealogia ainda mais ampla na obra de Deleuze para demonstrar como essa noção de comunicação aberrante, apenas elaborada a partir dos anos 70, já aparecia em potência sob o nome de comunicação pelo menos desde a obra *Diferença e Repetição*, de 1968. Ali, vemos vinculadas a ideia de comunicação as noções de encontros produtivos, especialmente em sua dimensão sígnica, e também as noções tomadas da obra de outro filósofo francês, Gilbert Simondon, acerca das ideias de acoplamento, ressonância e movimento forçado como verdadeiros passos para o estabelecimento de uma comunicação.

Palavras-chave:

Vespa e orquídea; comunicação aberrante; semiótica.





Veredas Artísticas

Música, ruído e cosmologia: sobre o conceito de ritornelo em Deleuze e Guattari

Bernardo Girauta
Doutorando - UFRJ
bernardogirauta@gmail.com

Este trabalho procura demonstrar como o conceito de ritornelo, construído por Deleuze e Guattari nos Mil Platôs, antecipa discussões cruciais para a música, a musicologia e as filosofias contemporâneas.

Desde a antiguidade grega, atravessando variados sistemas filosóficos, os conceitos de “música” e “mundo” – ou “cosmos” – estiveram em estreita relação através da ideia pitagórica de “harmonia das esferas”. No Timeu de Platão ou na Scholia de Newton, passando pelas artes liberais de Boécio e pelo Harmonices Mundi de Kepler, encontramos a afirmação de que o mundo, enquanto totalidade absoluta, possuiria uma estrutura análoga à da música. Essa relação entre os conceitos de música e mundo era mediada por um terceiro conceito, o de “harmonia”, que atribuía a ambos, como qualidades essenciais, medida, proporção, equilíbrio e coesão. Na modernidade europeia, a música passou a ser compreendida como uma prática autônoma, com critérios estéticos autorreferentes, perdendo sua abrangência cósmica. O conceito de harmonia passou a operar apenas no interior de processos de análise de regras musicais formais.

Porém, esboçando-se no início do século XX e alcançando uma complexidade e relevância cada vez maiores nos últimos anos, temos o conceito de “ruído” (“noise”). Ele funciona como sede de uma nova analogia entre música e mundo, atravessando a musicologia, as ciências da complexidade pós-cibernética, as filosofias da técnica etc. Essa nova relação, contudo, não se sustenta nas noções de proporção e coesão, como na antiga harmonia das esferas, mas através da reconfiguração do dualismo ordem/caos, agora entendidos como não-dicotômicos nos mais variados campos do pensamento.

Como demonstrou Ronald Bogue, Deleuze e Guattari reinventaram a aliança entre música e cosmologia em “Acerca do Ritornelo”. Contudo, ao contrário do que ocorria no pitagorismo musical, a dupla não o faz através da ideia de harmonia, mas de ritmo e território, o que os permite suspender a oposição entre caos e cosmos e produzir o conceito de “caosmos”. É o que Bogue chama de uma “rizomusicosmologia” – um modo de compreender a música em sua relação com forças cósmicas que são também caóticas e, portanto, irreduzíveis a quaisquer unidades estruturais.

Este trabalho pretende demonstrar como a rizomusicosmologia do ritornelo, com sua música “caosmótica”, produz um movimento possivelmente análogo à emergência do conceito de ruído nos recentes debates que atravessam transversalmente musicologia, filosofia e ciência.

Palavras-chave:

música; ritornelo; cosmologia; ruído; harmonia





Veredas Artísticas

Braços de tocar tambor e margear rio: Marku Ribas “corpo aberto pra canção”

Brenda K. Souza Gomes

brenda.moraes6@gmail.com

Este ensaio pretende traçar uma conversação sobre a composição do corpo na poética sonora do compositor, cantor, instrumentista e ator Marku Ribas. O artista norte-mineiro, nascido em Pirapora (1947), cidade margeada pelo Rio São Francisco, propõe ao longo de uma numerosa produção musical uma amálgama que permite observar no corpo a extensibilidade do som e o seu (des)limite. Os espaços criados pelo plano sonoro no e pelo corpo-artista provocam fissuras no território e tempo, dimensionados e atravessados pela diáspora afro-indígena que permite ao corpo um trânsito que não deixa “costuras”, marcas de início ou fim. Esse movimento será lido, ouvido e analisado a partir das canções que compõe os discos: *Underground* (1973) e *Barrankeiro* (1978). Os álbuns, embora distanciem-se temporalmente, deixam antever características caras à composição markuniana, das quais: o ponto de indistinção entre a língua portuguesa e dialetos africanos e o som propriamente dito. A performance vocal e instrumental do cantor possibilita com que a palavra seja arrancada do regime representativo e alcance uma deriva sonora, entrelaçada pela voz-palavra-instrumento. Nesse liame, perde-se o ponto em que se poderia marcar qualquer distinção entre essas esferas. Em Marku todo o corpo é disjuntivo – articulado e desarticulado em nome da potência que é a música. Apesar de ser ponto de inflexão e experimentação na música popular brasileira, o artista desaparece (por décadas) do cenário do mainstream nacional, restrito aos círculos mais marginais, fato que talvez justifique a ausência de trabalhos críticos em torno de sua produção. A que se pensar, também, o porquê desse desaparecimento – que como podemos acompanhar, cerca e cercou a carreira de outros artistas negros. Como forma de viabilizar esse diálogo, ancoro-me nas considerações sobre o corpo, feitas por Deleuze e Guattari (2010; 1996); no conceito de diáspora africana, de Paul Gilroy (2001) e nas contribuições sobre poesia e voz apresentadas por Paul Zumthor (2005).

Palavras-chave:

corpo; composição; diáspora africana; música popular brasileira; som.





Veredas Artísticas

Metamorfoses no labirinto sonoro d'As bacantes de Eurípedes

Caio Whitaker Tosato

Mestrando - UFSCar

caio.whitaker.tosato@gmail.com

Pretende-se, a partir de dois textos de Gilles Deleuze publicados em *Crítica e clínica* (*O mistério de Ariadne segundo Nietzsche* e *Para dar um fim ao juízo*), realizar uma interpretação da tragédia *As bacantes* de Eurípedes.

Na tragédia *Dioniso*, filho de Zeus e Semele, chega à Tebas (sua terra natal) como um estrangeiro. Na peça ele também é chamado deus Rumor. Como nota o tradutor Trajano Vieira no prefácio, Dioniso é o próprio som das flautas dos ritos. Trata-se de um deus brincalhão; em seus ritos, promove a dança, a embriaguez e a loucura. Penteu, o tirano-rei da cidade, o homem de Estado, proíbe os cultos a Dioniso (questionando seu estatuto de deus). Como nota o tradutor, o nome Penteu associa-se a sofrimento (*pénthos*). Este pesar, junto à pretensão de prender Dioniso, aproximam o tirano de Teseu tal como Deleuze o descreve, com seu pesadume niilista e sua pretensão matar o touro no final do labirinto.

Quando Rumor chega a Tebas as mulheres enlouquecem e vão para a floresta nos cultos dionisíacos, tornando-se as bacantes. Penteu manda prender as mulheres, mas suas correntes se soltam sozinhas; também manda prender o estrangeiro, mas, iludido, acaba colocando um touro na cela, acreditando ser Dioniso. Nesse momento, o deus faz o palácio do tirano (o paço) tremer e desabar. Tal cena pode ser relacionada com a descrição feita por Deleuze do labirinto arquitetônico de Teseu que treme com o labirinto sonoro de Dioniso. Depois de ter seu palácio desabado, Penteu, surpreendido com a integridade física de Dioniso (que, na verdade, o esperava do lado de fora), vai sendo enfeitiçado até ser convencido a ir para a floresta observar as bacantes. Quando isso acontece, o tirano vê a cidade e o sol duplicados; enquanto o estrangeiro passa a ter aspectos de touro. Chegando lá, as bacantes, dominadas pela loucura dionisíaca, veem Penteu como um Leão e despedaçam-no. Por fim, sua mãe (Agave), que participava dos cultos, volta a cidade com a cabeça do filho na mão e é recebida pelo avó de Penteu (pai de Agave), certa de que carrega a cabeça de uma fera, marcando o final trágico. Dioniso metamorfoseia as perspectivas, abalando as identidades. O próprio deus muda de natureza e de forma, transformando-se em touro, em estrangeiro, em som. A loucura dionisíaca itinerante opera um sistema de crueldade que abala o juízo sedentário do homem de Estado e de sua família.

Palavras-chave:
tragédia grega; Dioniso; metamorfose





Veredas Artísticas

Atletismo afetivo: ressonâncias entre Artaud e Deleuze

Carlos José Martins
Professor - UNESP Rio Claro
carlosjmartins@hotmail.com

Em seu livro *O Teatro e seu Duplo*, no capítulo intitulado *Um Atletismo Afetivo* Antonin Artaud postula a existência de uma “musculatura afetiva”. No seu entendimento o ator possuiria, tal como um atleta, um corpo afetivo paralelo ao corpo orgânico. Tal corpo seria um duplo do outro, no entanto operando em um plano distinto, o plano dos afetos. Nas palavras de Artaud: “O ator é como um verdadeiro atleta físico, mas com a ressalva surpreendente de que ao organismo do atleta corresponde um organismo afetivo análogo, e que é paralelo ao outro embora não aja no mesmo plano”. Para Artaud, o ator é um “atleta do coração”. Vale dizer - “a esfera afetiva lhe pertence propriamente.” Destarte, para Deleuze, a esfera afetiva é a esfera de pertencimento propriamente dita do artista. Não que lhe seja exclusiva, uma vez que todos corpos comportam, em alguma medida, tal plano somático. Não obstante, este é o campo no qual o artista exercita sua maior potência. Deleuze, inspirado em Artaud, nomeará como “corpo sem órgãos” este plano afetivo da existência somática que será fundamental, entre outras, para sua teoria da sensação no campo das artes. Em outros termos, o que ele também chamará de “fato intensivo do corpo” para designar a sensação enquanto marcadamente distinta do sensacional, do representacional, bem como do plano extensivo do corpo. Neste sentido, para Deleuze, a sensação decorreria do encontro de uma onda que percorre o corpo com as forças que agem sobre ele. Trata-se, portanto, de explorar esta instigante relação entre o pensamento de Antonin Artaud e o pensamento de Gilles Deleuze no que tange às noções de atletismo afetivo e corpo sem órgãos de modo a explorar a potência de tais expressões conceituais para o campo das artes no contexto de uma lógica da sensação. Busca-se circunscrever esta presença inequívoca de Artaud na obra de Deleuze mediante estas duas expressões conceituais.

Palavras-chave:

Palavras chave: Artaud; Deleuze; atletismo afetivo; corpo sem órgãos.





Veredas Artísticas

Chelpa Ferro e a arte do ruído: movimentos virtuais do repouso

Ciro Lubliner

Pesquisador - Universidade de São Paulo

ciro.lubliner@gmail.com

Esta comunicação aborda parte da obra do coletivo de arte sonora Chelpa Ferro. O grupo foi fundado no Rio de Janeiro, em 1995, por Barrão, Luiz Zerbini e Sérgio Mekler, na ocasião de uma apresentação poético-musical em que o trio executou trilhas sonoras improvisadas que acompanhavam leituras do poeta Chacal. Apesar desse início musical, com o tempo, o grupo passou a explorar o campo da arte para além da música, porém sem abrir mão do som, ao contrário, utilizando-o como matéria principal desbravadora de conexões artísticas múltiplas. Assim, mesmo o trabalho do Chelpa Ferro sendo identificado primeiramente à música e à arte sonora, ele se estendeu por outros territórios, mobilizando diversas práticas operadoras de uma trama transartística, que mescla a matéria sônica com o audiovisual, a escultura, a instalação, o assemblage e a performance.

Um dos principais vetores de criação do Chelpa Ferro se encontra no uso do ruído como forma de explorar uma dimensão extramusical residente no som. Por essa via, o grupo acessa a arte do ruído em um modo “não coclear”, como definido pelo teórico Seth Kim-Cohen, na esteira da arte “não retiniana” proposta por Marcel Duchamp. A arte do ruído não almeja assim “agradar aos ouvidos”, preencher uma necessidade do espectador em seu regime de mera contemplação estética relacionada ao deleite sensorial. Em boa medida, o Chelpa Ferro utiliza o ruído também em ações de sugestão, propulsoras de uma semiótica do ruído, o que ocorre em obras como Moby Dick (2003) e VU (2001).

Observo que alguns trabalhos do Chelpa Ferro estão – no repouso dos objetos criados – demasiadamente atados ora à sugestão do fenômeno ora à representação dos sons, o que gera uma limitação dos movimentos virtuais que podem animar e atualizar sentidos e sensações. Será, sobretudo, por meio do pensamento de Deleuze que buscarei localizar em que momento a mera transformação de signos conceituais que precipitam em manifestações sensoriais visíveis pode se tornar uma deformação dos signos, reveladora de forças invisíveis atualizadas nas obras. Creio, finalmente, que é exatamente isso o que ocorre em um trabalho específico do grupo: Autobang, de 2002. Tratarei então de especular como se dá essa modulação do ruído entre a transformação e a deformação dos signos a partir dessa obra.

Palavras-chave:

Chelpa Ferro. Gilles Deleuze. Arte Sonora. Ruído. Deformação.





Veredas Artísticas

Antonin Artaud e as poéticas da cena

Celia Maria Lima de Mello e Campigotto
Professor - Universidade Federal de Santa Catarina
celiamello@gmail.com

A originalidade de Artaud concerne ao fato deste procurar recolocar o teatro em novas bases distinguindo-o do teatro de seu tempo. Neste sentido, o pensamento de Artaud se constitui como uma verdadeira filosofia do teatro que nos coloca diante de um conjunto conectado de ideias metafísicas e estéticas. Toda uma explanação sobre a singularidade da linguagem teatral é elaborada em contraposição ao teatro europeu de sua época considerado decadente porquanto ser logocêntrico, centrado no texto e criticado enquanto “teatro psicológico”. De acordo com Artaud a obra teatral não é concebida para fins exclusivamente literários, mas sobretudo para ser encenada. Enquanto cena o teatro privilegia uma “linguagem física”, uma “linguagem material” e, por conseguinte, uma poética do espaço. Esta linguagem consistiria em tudo que pode manifestar e exprimir materialmente uma cena. Tal linguagem se dirigiria primeiramente às sensações antes de se dirigir ao espírito ou a mente, como faz a linguagem das palavras. Esta poética se comporia dos múltiplos meios de expressão cênica, tais como a música, a dança, as artes plásticas, a pantomima, a mímica, a entonação, a arquitetura, a iluminação, e o cenário. Para tanto, Artaud reivindica uma violência sensorial disruptiva como constitutiva de sua dramaturgia. Neste aspecto, a originalidade de Artaud se mostra em toda sua potência, na medida em que podemos constatar retrospectivamente a presença de suas ideias em grandes expressões cênicas contemporâneas como nos casos do teatro laboratório de Grotowski, no Living-Theatre, no Bread and Puppet Theatre, bem como nas formas de expressão agrupadas sob as denominações de happening e performance. Interessa-nos também, neste particular, traçar aproximações entre heterotopias cênicas contemporâneas e a metafísica materialista da linguagem teatral de Artaud, através de duas noções que atravessam a sua obra plurívoca: a dimensão encantatória, baseada na materialidade dos signos para a emanação do pensamento afetivo; e o corpo sem órgãos, matéria informe e desejante do nosso próprio corpo quando liberto de automatismos. Em desdobramentos e implicações em relação ao tempo, essa é uma leitura fecunda que nos permite estabelecer uma ponte com Artaud para pensar os entrelugares da corpografia em conexão com os arranjos que as novas tecnologias de lidar com o corpo e com os sentidos estão produzindo. Para tanto, lançamos mão do repertório conceitual de Artaud em diálogo com a filosofia de Deleuze e Guattari e as poéticas contemporâneas da cena.

Palavras-chave:

Artaud; Deleuze; poéticas da cena; materialismo dos signos; heterotopias cênicas.





Veredas Artísticas

A verdade estética pelo olhar do outro: de Rogério Sganzerla para Orson Welles

Cristina De Marco

crisdemarco.tina@gmail.com

A Verdade Estética Pelo Olhar do Outro: de Rogério Sganzerla para Orson Welles / Desejo - Excesso, nunca falta / Orson Welles e Rogério Sganzerla – Admiração / It's all true / Nem Tudo é Verdade / Linguagem de Orson Welles / Tudo é Brasil / O Signo do Caos / A cada interpretação, novos corpos. / O desejo expande, transborda / Potencializado / Canalizado / Trabalha para a produção. / Falta é dominação. / Arte subversiva. / Preto e branco – memória. / Cores – modernidade. / Cinema do Corpo. / Corpo Sem Órgãos. / Antropofagia. / Corpo - Subjetividade Sensível. / Desejo de transformação. / Artaud radicalizado e a psicanálise ironizada. / Oposto da identidade / Corpo sem Órgãos. / Contra-identidade. / Marginal. / Noir. / Um gênio ou uma besta? / Só me interessa pelo que não é meu. / O meu devorado será o Outro. / O meu já é também o seu. / Os universos se confundem e se equivalem. / O contágio não tem fim. / Cada produção origina outra. / Antropofagia - crítica da realidade. / Palimpsesto - o antigo visto pelo novo. / Corpo e História. / Nacional e Estrangeiro. / Rogério Sganzerla, antropófago. / Orson Welles, Cineasta genial. / Veste-se do Carnaval. / Bebe do Samba. / Fantasia-se da contra-identidade. / Cinema americano transformado em Brasileiro. / Panamericanizado. / Antropofagizado. / Engolir o admirado / Partículas do universo do outro se misturem à subjetividade do antropófago. / Não há pertencimento. / Metáforas reconstróem a verdade de Welles. / E ele constrói as suas a partir das nossas: / Carnaval. / Negros. / Resistência. / Reconhecimento. / Alegria. / Samba. / Jangadeiros. / Sobrevivência. / Justiça. / Liberdade. / Cristo Nasceu na Bahia. / Os negros são protagonistas. / Fala-se do que se ouve, nunca do que houve. / História Oral. / O tempo sempre pôs em crise a noção de verdade. / É incerto. / O tempo do Outro atravessado no seu próprio tempo. / Falsários. / Irônicos. / A ironia falseia a verdade. / A verdade estética da arte diz quem somos. / O devir é a Potência do Falso. / Verdade estética é devir / Produzida pela subjetividade / Ligada à linguagem. / Verdade / Percepção sobre a realidade. / Poética da desterritorialização. / Verdade imanente / Fragmentos da realidade. / Uma possibilidade de verdade. / A Verdade Estética de Rogério Sganzerla é o seu devir Orson Welles. / Existe uma alegria imanente ao desejo. / No Brasil, a alegria é a prova dos nove.

Palavras-chave:

Estética; Cinema; Verdade





Veredas Artísticas

Acocoré na voz de uma intrusa acocorÉtica amadora.

Cristine Carvalho Nunes

Graduando - UFSM

cristinecarvalhonunes@gmail.com

Acocoré é um projeto do coletivoarteconexões e acontece no sábado com performance simultânea onde participam aproximadamente 13 pessoas em estado de arte dos mais diversos lugares do Brasil e fora. O projeto foi germinando com vários corpos-gramíneos com ininterruptas ações e questionamentos via whatsapp, entre-atos no instagram e na plataforma zoom simultaneamente. O formato é flexível, nossas ações de sábado são instigadas pelo jorro poético dos textos lançados ao grupo sem que haja combinação, ou ensaio convencional. Surgem componentes como falas, sons, poesias, risos. A casa, seus cômodos são o espaço relacional, lugar onde se recria a atmosfera performativa. Raramente na rua. Na quarta-feira via instagram há o entre-atos, ações de cada participante compõem os instantes, sem combina ou propor, um acontecimento em conexão e com a participação das pessoas que comentam no decorrer do entre-atos numa perspectiva de uma performance participativa. Na minha voz de intrusa amadora, o acocoré surge como possibilidade de experimentação, um mergulho na contemplação pura. Nesse percurso meu corpo tem permanecido em estado de arte na minha casa, num microcosmo em reverberação para o mundo. Acocoré tece teias no fluxo da minha voz, uma ruptura poética em meio a captura algoritmada do capitalismo, frestas para existir. Há uma árvore numa tela-teia (rede) onde germinam olhares diversos, um devir-fogo, o encontro das ressonâncias. Acocoré como um sistema, unidade, teia, rede totalmente aberta, dissipada. Um espaço de sinergia, organicidade com cada um e cada uma em coordenação com o coletivo. E esse potencializado, cada um e cada uma, interdependente ao mundo. O Acocoré se faz acocorÉticos, e se permite acocorar em ação que devem composição rizomática. Traça suas linhas de fuga entre performances e possibilita atos de insistir em resistir em meio aos caos! Para este escrito a força principal vem dos intercessores Deleuze e Guattari.

Palavras-chave:

acocoré; performance; linha de fuga; arte.





Veredas Artísticas

Exposição virtual "Arte em Devir": uma dinâmica entre a virtualização e a atualização

Daiane Soares dos Santos
Professor - CESF/SEC
daisoares.s@gmail.com

Este trabalho consiste no registro de experiência da construção da Exposição Virtual "Arte em Devir". A referida exposição constituiu-se como atividade cultural do II Encontro Internacional de Estética, promovido entre os dias dezoito e vinte e três de outubro do ano em curso pelo GEPE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Estética do Curso de Filosofia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Dada as atuais circunstâncias de distanciamento e isolamento social, em razão da pandemia causada pelo vírus COVID-19, ambas as atividades foram convertidas para o formato online. Ao passo que a construção destes espaços acontecia, refletimos sobre o virtual. Habitualmente, chamamos estes espaços da internet, do online, de virtual, como se a estes faltasse realidade ou existência e, portanto, como oposição ao real. Durante dois meses experimentamos trabalhar neste espaço onde não tínhamos paredes para pendurar quadros, não tínhamos palcos para receber músicos, não tínhamos projetores para exibir filmes, mas estávamos ali, no espaço físico e real das nossas casas, seja da sala ou do quarto, sozinhos ou compartilhando a mesma tela. Neste fluxo, foi necessário unir nossas singularidades e a partir disso criar relações produtivas, agenciamentos coletivos. Como este encontro poderia não ser real? Entendemos, a partir de Deleuze e Guattari, que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual; virtualidade e atualidade são duas maneiras diferentes de ser. Ao criarmos um site, uma exposição virtual, criamos também linhas de fugas desterritorializantes. O agenciamento coletivo entre a equipe de desenvolvimento técnico e criativo e os artistas se estendeu por um campo de imanência ilimitado que fez fundir segmentos e liberou desejos. Nesta perspectiva, esta exposição se configurou como uma habitação, local no qual diversos artistas transformam suas experiências em novos caminhos. A arte dota o mundo de transparência para que, através dela, possamos nos aproximar de uma visão mais compreensiva da realidade. As obras de arte são uma potência, comprometidas com o vivido e com a afirmação da vida. São uma potência que tudo transforma e cria - no devir do acontecimento. Diante destas constatações - apoiadas pelo texto de Pierre Lévy, O que é o virtual?, este estudo qualitativo discute, numa perspectiva de análise teórica, na esteira dos conceitos de atualização e virtualização, para a partir deles pensar a multiplicação contemporânea dos espaços, das suas bifurcações que nos levam a uma heterogênesse.

Palavras-chave:

Atualização; virtualização; exposição virtual; heterogênesse.





Veredas Artísticas

Poéticas da Deformação: indiscernibilidades e devier-outros

Débora Curti Cirilo

membro de grupo de pesquisa - Universidade Estadual de Maringá (UEM)

debora_curti@hotmail.com

Como ultrapassar os limites que separam o “eu” do outro através da arte? De que maneira a deformação visual da forma humana se constitui como possibilidade artística de rompimento com a figuração, com a representação engessada de como devemos ser e parecer? Esses são alguns questionamentos que movem minha produção poética – imagens que se pretendem mais enigmáticas, mais afeitas à dúvida do que à respostas prontas, nos rastros da arte contemporânea e da filosofia da diferença. Procuo entrelaçar teoria e experimentação visual nesse sentido, investindo no poder da imagem - não de comunicar, mas de sensibilizar. O objetivo é instigar o campo das sensações (DELEUZE; GUATTARI, 1992) através da experiência da deformação visual da forma humana, na intenção de lançá-la ao campo da alteridade em devires-outros.

Pensamento e criação se enlaçam nos rastros da filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari, que entendem a filosofia como criação de conceitos, e a arte como criação de sensações (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Deformar a figura humana e entortar as linhas da figuração (desfigurá-la) são estratégias visuais que possibilitam certa movimentação subjetiva através do acionamento do campo das sensações (DELEUZE, 2007), instigando outros modos de pensar/criar quem somos, principalmente em relação ao outro. A forma humana deformada/desfigurada visa deslocar o “eu” do seu lugar habitual, arrastando-o para o terreno das diferenças e das singularidades – uma espécie de não-lugar onde nada é facilmente discernível. Abro caminho ao território de indiscernibilidades, outras possibilidades de existência e, conseqüentemente, resistência. Penso a forma deformada como forma de ninguém, simultaneamente podendo ser de todo mundo, de qualquer um - é ao deformar essa dicotomia eu/outro que o corpo-intensidade vem à tona, potencializando o surgimento de sensações insuspeitadas. Um Corpo sem Órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1999), um território de resistência contra as forças que estratificam e classificam.

Nas minhas produções artísticas venho desenvolvendo séries de fotografias a partir de experimentações com a luz do sol e seus reflexos em formas humanas, formas que se misturam e se tornam indiscerníveis. Nomeei-as Indiscernibilidades, elas são um convite a adentrar esse território da sensação informe, escuro e indefinido, para com ele traçar sentidos outros, experimentando-se nessa zona que não comporta uma forma fixa, mas sim está aberta às múltiplas possibilidades de ser. A pupila se dilata e tudo se torna mais instigante, justamente pelo benefício da dúvida. Em uma interrogação perceptiva, o mistério do invisível percorre o visível.

Palavras-chave:

Poética; Deformação; Sensação; Devir-outro.





Veredas Artísticas

O intermezzo risível: uma cartografia das piadas do grupo de humor inglês Monty Python no filme A vida de Brian

Diego Frank Marques Cavalcante

Professor - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

diegomarques@unifesspa.edu.br

O que é pensar? O que significa ter uma ideia ou inventar? Essas são umas das problemáticas que animam a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. As aludidas questões são enfrentadas a partir de uma condição imanente: privilegiando a especificidade de cada campo e suas experiências bem como seus regimes semióticos e máquinas. Assim, toda transcendência, eminência e analogia é descartada em favor dos encontros e suas singularidades; pensar filosoficamente é articular conceitos no plano de imanência; na ciência é produzir functivos e prospectos no plano de referência; na arte inventar bloco de sensações no plano de composição. No entanto, embora cada campo tenha sua condição imanente, é possível inferir aspectos em comuns aos modos específicos de pensar. Interessa aqui destacar dois: o primeiro é que só se pensa forçado, por outros termos, existe uma violência ou força caótica que mobiliza a criação. O segundo aspecto são os intercessores, ou seja, os aliados da invenção: cria-se fazendo aliança e compondo bricolagens. Nessa perspectiva, interessa aqui pensar o que significa pensar no humor. Assume-se a hipótese que o humor poderia ser pensado no escopo da arte. Nesse sentido, seriam inventados blocos de sensações com efeitos risíveis. Propomos entender a piada como um simulacro que produz vazios, tensões, monstruosidades e intermezzos que geram efeitos risíveis. Para esse estudo utilizaremos uma cartografia do risível, ou seja, analisar as alianças, bricolagens, torções que um humorista faz para inventar uma piada. Por outros termos, como as linhas moleculares são forjadas entre linhas molares e a violência do signo que promove uma linha de fuga? Tratar-se-ia de identificar o problema-violência que assalta o artista e ao mesmo tempo como utiliza os intercessores para inventar afectos e perceptos que são risíveis. Estudaremos o grupo de humor inglês Monty Python, de forma específica, o filme a vida de Brian. Nesse agenciamento específico o grupo de humor inventa paisagens e devires risíveis tomando como intercessores: cinema, história antiga e a formação da religião cristã; modernidade e sociedade do consumo; e marxismo “extremista”. Seriam blocos de sensações risíveis que caracterizariam uma máquina-Monty Python de produção de riso nonsense.

Palavras-chave:

Gilles Deleuze; Félix Guattari; cartografia; Humor; estética





Veredas Artísticas

Pós-produções: ritonelo e comunismo das formas na composição rizomática da música eletrônica

Eduardo Machado Nunes
Mestrando - PPGCL Unisul
eduardo.m-nunes@hotmail.com

A música eletrônica é nada mais, nada menos, do que um composto sonoro-cultural composto por elementos sintetizados, organizados para fazerem sentido em determinado momento. Existem músicas com e sem vocais, porém, o que será analisado por mim neste trabalho é a composição do fator instrumental, o que necessariamente passa pelo conceito material de máquina para ser emitido. Além dos equipamentos já conhecidos para síntese de som, a figura do sample também é algo presente dentro da cadeia de composição eletrônica, sendo muitos samples também base para uma nova síntese dentro de um aparelho. Indeterminadamente, esses sons são produzidos e ganham evoluções em uma cadeia rizomática já proposta por Deleuze e Guattari (1997) em sua epistemologia, onde, dependendo do local empregado, os fragmentos podem servir de formas diferentes. O trabalho entre produtores de música eletrônica também pode ser observado pela mesma perspectiva. O produtor de uma faixa pode se tornar um emissor para uma próxima faixa, já que, na produção de música eletrônica, samples são regularmente utilizados para a construção sonora de novas músicas. O autor se move numa rede de formas desordenadas e desalinhadas em um caos que se encaixa ao infinito (BORRIAUD, 2009, p.41-42). Tal caos de fragmentos se encaixa no infinito por meio de sua própria reprodução, sua pós-produção. No encaixe, ela se ordena, mas se desloca novamente rumo ao caos, onde pode ser, na sua fase final, reutilizada e uma próxima música. Tal trabalho tem como objetivo principal evoluir, dentro dos conceitos de rizoma e ritonelo, em comunhão com o comunismo da forma de Borriaud (2009), um manifesto estético e filosófico sobre a composição da música eletrônica e de qualquer uma que, por meio dos devires, a encontre. A metodologia empregada será uma metodologia náutica, em que, por meio de fontes bibliográficas e da composição musical de música eletrônica, há um embarque constante rumo à novas criações, que embarcarão ao caos que leva por ondas rumo às mais ainda novas criações artísticas. Não há, e não se deve haver, resultados esperados.

Palavras-chave:

Música; Música Eletrônica; Composição





Veredas Artísticas

A produção musical do movimento LGBT: potências e afetos

Flávia Marina da Silva Lopes

Graduanda - Universidade Estadual de Londrina - flavia.slopes@hotmail.com

Sonia Regina Vargas Mansano

mansano@uel.br

A noção de sujeito, na perspectiva de Deleuze e Guattari, alude a movimentos que possibilitam a experimentação de si e do mundo por meio dos encontros. Tais experimentações tornam-se condição para sentir e acolher as variações provenientes dos afetos, caracterizados pelos autores no diálogo com Espinosa, pelo aumento e diminuição da potência de um corpo. As relações estão diretamente ligadas, então, às maneiras como se experimenta o mundo, apresentando variações de acordo com o momento histórico e os modos de subjetivação nele circulantes. O modelo capitalista no qual estamos imersos dissemina um individualismo crescente tornando as relações sociais, políticas e afetivas cada vez mais restritas e formatadas. Diante desse cenário, a presente pesquisa buscou analisar como o movimento social LGBT promoveu uma luta social questionadora dos modelos hegemônicos e atuou pelo reconhecimento do desejo e dos afetos. A arte musical utilizada pelo movimento foi analisada como uma estratégia de luta por meio da qual é possível transmitir ideias, despertar sensibilidades, bem como evidenciar as diferenças nos modos de experimentar a vida. Valendo-se de uma perspectiva metodológica qualitativa, buscou-se selecionar e analisar letras de canções brasileiras que tematizam as lutas sociais, tendo como norteador o conceito de sustentabilidade afetiva. Tal conceito coloca em evidência a experimentação e acolhida dos afetos no cotidiano relacional com sua potência de variação. No total foram analisadas 12 canções, apresentadas em três eixos: 1. A denúncia da LGBTfobia: que deu destaque aos relatos de violência advindos matriz cultural vigente; 2. A beleza na luta: que apresentou a potência dos bons encontros nos movimentos sociais; 3. A arte em resistir: que abordou os processos de criação e resistência a esse modelo social engessado. Como conclusão, compreendeu-se que a arte é uma importante ferramenta de denúncia da violência sofrida por essa população e uma aliada na produção de encontros potencializadores, críticos e clínicos. Ela abarca uma dimensão política ao fazer com que a denúncia chegue às esferas mais conservadoras da sociedade e, por meio das canções, atue no sentido de romper com a repulsa que é dirigida a essa população. A arte musical analisada promove práticas de resistência e, desde longa data, vem sendo utilizada por grupos marginalizados como instrumento para denunciar atos de autoritarismo no nosso país. Como conclusão a pesquisa mostrou que a arte musical produzida pelo movimento LGBT traz o desafio estético-político de favorecer os bons encontros e sustentar os movimentos do corpo afetivo desejante.

Palavras-chave:

arte; movimento LGBT; sustentabilidade afetiva; encontros; potência





Veredas Artísticas

Corpo-Imagem: das estatuetas do paleolítico a uma possível ontologia do sensível

Flávia Virgínia Santos Teixeira
Doutorando - UFMG
flavia.teixeira@unibh.br

Este trabalho pretende pensar em uma possível ontologia do sensível, em Gilles Deleuze, a partir das primeiras representações do corpo feminino nas artes, identificadas como as “Vênus do Paleolítico”. Tais imagens são como figuras femininas esculpidas de maneira estilizada ou geometrizada, cujos corpos apresentam-se através do acúmulo de gordura na região das nádegas, seios e barriga. É curioso pensar que estes primeiros objetos utilizados como um dos principais vestígios da nossa humanidade denotam, pelo menos, dois tipos de apreensão: um ligado ao seu significado como linguagem e outro dimensionado pelos aspectos da sua subjetivação. Aqui vale ressaltar que, de um lado, a significação destas estatuetas não seria possível se não houvesse uma paisagem cultural, como um muro branco, ancorando sua forma de percepção através de seus signos e suas redundâncias. Por outro lado, não haveria subjetivação sem a consciência dotada de paixões, como no buraco negro descrito por Deleuze e Guattari, e cuja aparição se dá mediante um ponto de convergência, sempre em relação, sempre em movimento. Nestas imagens supracitadas, o corpo foi exaltado como simbologia do feminino através da fertilidade e desde então é possível notar uma formação histórica que engendra uma maneira específica de ver e de fazer ver a mulher e a sociedade. Mais do que esculturas, estas imagens constituem um agenciamento em alto-relevo, que parecem mediar a experiência entre o olho e a mão, permitindo que o órgão visual detenha a potência do tocar. Desta proposição surge uma espécie função háptica da imagem, que reúne todos os sentidos, fazendo erguer o próprio pensamento e conseqüentemente, um certa ideia do Ser. Assim, parece-nos fazer sentido levantar, a primeira vista, uma espécie de ontologia, tal como proposta por Deleuze no livro *Différence et Répétition* (1968), a partir da ideia do sensível, amparada por um estudo acerca da própria imagem. Nesta mesma direção, faz-se necessário ou prudente averiguar as próprias representações, como forma de libertar um tal Ser da imagem, ou mesmo fazer ver uma imagem diferente. Assim, neste trabalho, pretendemos pensar o conceito do sensível tal qual apresentado por Deleuze e relacionar tal conceito à imagem, através de uma ideia do sensível, mediante as imagens do corpo gerador do seres, cuja aparição se dá, entre outras formas, na própria representação da vida enquanto origem, no ato de criação dos seres pela imagem do próprio corpo que dá a luz.

Palavras-chave:
ontologia; sensível; imagem; corpo; feminino





Veredas Artísticas

A casa barroca: o Leibniz deleuziano e a arquitetura dobrada.

Gihad Abdalla El Khouri
Professor - FATEC-PR
gihad.khouri@gmail.com

Em 1988 Gilles Deleuze apresentou ao mundo *A Dobra: Leibniz e o barroco*, onde dedicou-se não apenas a um sistema filosófico-artístico, como também à apresentação de novas possibilidades de mundos. Localizado na maturidade e ampla envergadura que seu pensamento atingiu nos anos 1980, o filósofo francês, apropriando-se da voz do filósofo alemão G. W. Leibniz, instaura um contato com as artes de forma a destacar percepções e afecções que transbordam para novas formas de pensamento em um livro que não se debruça à uma linguagem artística específica mas que, ao mesmo tempo, se apresenta conceitualmente extremamente arquitetônico. Deleuze, movimentando a poeira envolta à razão clássica, instaura sob sua voz um Leibniz barroco, em sua casa metafísica de dois andares conectada pela Dobra, que, sendo o traço que se curva e recurva, convoca outros mundos, outros sujeitos e outras relações entre ambos. Partindo desta concepção, busca-se no presente texto adentrar na dobra deleuziana, enquanto campo profícuo de exploração e aprofundamento na filosofia e na arquitetura, por meio de uma investigação teórica-explanatória pela qual se encara a pesquisa de modo crítico-analítico. Localizando o mundo e o sujeito barrocos que Deleuze insere em Leibniz e seus efeitos arquitetônicos, vislumbram-se novas arquiteturas experimentadas nos textos *Earth Moves: the furnishing of territories* de 1995 do arquiteto e teórico francês Bernard Cache, no qual toma a dobra enquanto uma nova forma para pensar as relações entre interior e exterior, passado e presente, arquitetura e urbano; e *Constructions* de 1998 do filósofo americano John Rajchman, no qual, pela filosofia de Deleuze faz uma nova maneira de teoria sobre arte e arquitetura. Assim, objetiva-se explicitar e discutir as possibilidades teóricas da arquitetura sob um olhar deleuziano, em específico pelo conceito da Dobra, a arquitetura dobrada, a partir das obras citadas, apresentadas em uma narrativa que transpasse as vozes dos quatro autores, em cruzamentos e bifurcações entre filosofia, arte e arquitetura.

Palavras-chave:

Arquitetura, dobra, barroco, Deleuze, Leibniz.





Veredas Artísticas

Dança e sustentabilidade: uma melodia entre o grotesco bakhtiniano e o corpo e o corpo sem órgãos deleuziano-guattariano

Guilherme Lisboa Morgan

Graduando - Fundação Hermínio Ometto
guilhermelisboamorgan@alunos.fho.edu.br

O presente estudo se pauta em uma revisão bibliográfica dos estudos de Mikhail Bakhtin (1987), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996; 2004) especificamente em seus conceitos de Corpo Grotesco e Corpo sem Órgãos, com o objetivo de construir uma aproximação teórica entre essas duas concepções, traçando um paralelo com o ato de dançar contemporâneo. Este, que se caracteriza por ser um estilo, no e pelo qual promove ao sujeito possibilidades de transvaloração existencial, dando vozes e permissões aos desejos, devires, vontades de potências e atravessamentos outros com o mundo, o social e consigo mesmo. Ademais, outro fator que se alia a este compilado de ideias é o de ecologia compreendida a partir da perspectiva de Guattari (1990), pela qual defende-se três eixos interligados que caracterizam o fenômeno sustentável contemporâneo, sendo eles: a ecologia ambiental, ecologia social e ecologia mental/subjetiva. No entanto, a partir das definições mencionadas, pode-se concluir que a dança Contemporânea se relaciona de forma direta com a proposta de ecologia, pois, o ato de dançar, pautado em uma vertente na qual se aproxima da forma de existência imanente e transgrediente difundida pelo Corpo sem Órgãos e Corpo Grotesco, confere ao ser, uma liberdade de expressão e um protagonismo dos desejos, que segundo Guattari (1990) são formas de manifestações possíveis de ecologia. No que tange a esfera ambiental, a dança torna-se um instrumento sensível, uma vez que o estilo em foco, defende a prática da movimentação não somente em palcos, mas em diferentes locais, tornando-se possível a conscientização do bailarino frente às questões ambientais diversas, sendo atravessados por elas. Outrora, no que diz respeito ao setor social, a dança promove interações com o outro, sendo estes a plateia em apresentações ou os demais dançarinos, viabilizando, neste encontro, ressignificações e novas descobertas para a existência. Por fim, o dançar contemporâneo permite ao indivíduo se colocar em presença do fantasma, como denominado por Guattari (1990), ou seja, concede um terreno rizomático aos desejos subjetivos e inconsciente do sujeito e suscita suas realizações. No entanto, pode-se afirmar que o dançar contemporâneo, no qual preza pela quebra de hierarquias e padrões é uma conduta de promoção da sustentabilidade e a ascensão da ecologia.

Palavras-chave:

Corporeidade; Dança Contemporânea; Imanência; Sustentabilidade; Transgrediência





Veredas Artísticas

Deleuze, Guattari: Uma estética sem aisthesis?

Ian Abrahão

Graduando - Universidade Federal de Uberlândia

ianl6ve@gmail.com

Resgatado no séc. XVIII por Baumgarten, o termo clássico aisthesis se refere a capacidade sensível, receptiva, do sujeito; sendo ele fundamental para a criação da filosofia crítica de Kant - um grande marco para dicotomia de sujeito/objeto. Compreendendo a si mesmos como pós-kantianos (Mil Platôs, pg. 10; editora 34), os filósofos Deleuze e Guattari, em sua esquizoanálise, criam uma nova sistemática para tal dicotomia. Num primeiro momento, na obra *Capitalismo e Esquizofrenia*, a das máquinas desejantes ("seres" que se acoplam uns nos outros na produção desejante do inconsciente imanente) e, em seu segundo movimento, dos agenciamentos maquínicos (uma espécie de segunda elaboração do conceito anterior, que já não pensa em relações de vizinhança entre "seres", mas leva em consideração multiplicidades do real em seus sentidos enunciativos e geográficos). Dito isto, o presente trabalho busca investigar como, a partir da epistemologia da obra inicial dos autores, eles chegam no conceito de "seres de sensação" (o objeto artístico), constituídos por perceptos (que "não mais são sensações, são independentes do estado daqueles que o experimentam"¹) e afectos (que "não são mais sentimentos e afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles"²); formando assim uma objetividade radical, em que o sujeito é apenas um "porto" em que multiplicidades de devires passam, assim constituindo o objeto artístico. Deste modo, põe-se a interrogação: Seria esta uma teoria estética desprovida de aisthesis? uma vez que a sensação (da objetividade do objeto artístico), diferentemente do sensível (capacidade receptiva do sujeito), se encontra no próprio objeto. Ou, elaborando de outra forma: Teria Kant - e posteriormente a fenomenologia - esgotado o problema do sujeito enquanto passividade, de modo que seria importante elaborar um pensamento sobre a arte em outros termos?

Para tal investigaremos os fundamentos espinozanos na obra da dupla, estabelecendo uma linha investigativo-criativa entre *O Anti-Édipo* e *O que é a Filosofia*, onde a impessoalidade da imanência - hora presente na crítica do inconsciente, depois na da arte no capítulo *Percepto Afecto e Conceito* - se expressa como questão fundamental.

¹ *O que é Filosofia?*, Editora 34; pg. 193.

² *Idem*; pg. 194.

Palavras-chave:

Estética; Filosofia da Arte; Espinoza





Veredas Artísticas

Ritornelos da montagem em *Natureza Morta*, de Susana de Sousa Dias

Ilma Carla Zarotti Guideroli

- Unifesp - Universidade Federal de São Paulo

ilma22@gmail.com

A apresentação consiste na análise de alguns fragmentos de cenas e imagens do filme *Natureza Morta* (2005), da realizadora portuguesa Susana de Sousa Dias, segundo conexões com a perspectiva deleuze-guattariana do ritornelo. A diretora tem um modo singular de pensar e fazer cinema, trabalhando quase exclusivamente com materiais advindos de suas pesquisas em acervos documentais. Seus filmes são pautados por uma série de problemas instigantes, especialmente a resistência às tentativas de apagamento ou de estratificação da complexidade da memória, e a insistência em certo registro particular quanto às invisibilidades virtualmente contidas nas imagens.

O longa-metragem, feito exclusivamente a partir de materiais de arquivos advindos da ditadura salazarista portuguesa, tem uma montagem bastante peculiar, pois faz emergir gestos e agudas expressividades em seus frames. Por meio de recursos como a câmera lenta e os reenquadramentos, a realizadora nos expõe uma gama de memórias dissidentes em relação a certas narrativas estabelecidas e oficiais, apresentando outros modos segundo os quais uma história pode ser contada pelo meio audiovisual. Nossa hipótese principal é de que isso é facultado sobretudo via processo de montagem, em que acabam valorizados uma série de ritornelos, isto é, de repetições e retornos da diferença, tanto em termos de imagens quanto de sonoridades.

Para dizer um pouco mais, Susana de Sousa Dias lança mão de um procedimento que parece permear toda a montagem, o qual nomeamos de fazer/ desfazer/ refazer, e que pode ser constatado tanto pelos movimentos de câmera, quanto pela alternância de velocidades, passando pelas escolhas de enquadramento, causando algo como fissuras nas imagens e nos sons. Tal procedimento parece dialogar diretamente com a noção de ritornelo proposta por Deleuze e Guattari, marcadamente exposta na obra *Mil Platôs*. O uso do ritornelo nos entrega finalmente outras possibilidades de enxergar e pensar o filme, não em um trabalho de aplicação, mas antes de conexão, de mútua ampliação de sentidos entre filme e conceito. Em consequência, tornam-se visíveis movimentos que desconstroem e recolocam as condições singulares de um período ditatorial duríssimo, exibindo a dissonância de fragmentos que perturbam as imagens e sons de arquivo, trazendo à tona suas diferenças.

Palavras-chave:

ritornelo; montagem; cinema de arquivos; cinema português.





Veredas Artísticas

A imagem-tempo e seu aspecto político: a ruptura dos clichês

Ivan de Angelis Gomes
Mestrando - UFF
ivanangelis@gmail.com

Em *Matéria e Memória*, Bergson, ao elaborar seu conceito de percepção, destaca a diferença entre os organismos rudimentares, como a ameba, em que a percepção confunde-se com o movimento em uma propriedade única de contratilidade, e um organismo como o nosso, constituído por um esquema sensório-motor mais complexo, que nos permite a preciosa capacidade de hesitação. Para Bergson, o cérebro funcionaria como uma central telefônica, efetuando a comunicação ou fazendo-a aguardar.

É a partir da concepção de percepção bergsoniana que Deleuze refletirá sobre o problema da ação, que, segundo Lapoujade, “é o eixo em torno do qual giram os dois livros sobre o cinema e a razão de sua articulação” (LAPOUJADE, 2015, p. 263). O cinema clássico, constituído pelas imagens-movimento, caracteriza-se por agenciar suas imagens em esquemas sensório-motores, cujas personagens prolongam a percepção na ação. Para Deleuze, a imagem sensório-motora da coisa é um clichê. Em outras palavras, o clichê está relacionado ao mero reconhecimento automático ou habitual que sobrevive em mecanismos motores. Como diz Deleuze, o clichê nos faz suportar ou aprovar a organização da miséria e da opressão, “mas, se os nossos esquemas sensório-motores se bloqueiam ou se interrompem, então pode aparecer outro tipo de imagem: uma imagem óptico-sonora pura [...] que faz surgir a coisa em si mesma” (DELEUZE, 1985, p.38).

É no cinema moderno, constituído pelas imagens-tempo, que surgem os filmes de situações óptico-sonoras puras. É onde emerge um cinema que faz afrouxar ou desaparecer os liames sensório-motores, instituindo um intervalo que amplia a distância entre estímulos recebidos e suas possíveis respostas, abrindo um leque de novas respostas, anulando, assim, os clichês. As personagens perdem suas conexões com o mundo, não podendo mais agir como antes. Tornam-se videntes pois rompem com o puro automatismo cotidiano, conseguindo ver o que os outros não veem. Tal rompimento permite uma outra percepção, ou seja, uma nova maneira de se relacionar com o mundo. Apoiando-nos em Bergson, podemos afirmar que a percepção é a medida da ação possível e tal colocação traz consigo um estatuto político, no sentido de que quanto mais abrangente torna-se nossa percepção, maior nosso alcance político. Ou melhor, à medida que rompemos com uma percepção “automática”, nos livramos do “encadeamento dos clichês que tornam o mundo suportável para nós” (LAPOUJADE, 2015, p. 270).

Esta comunicação tem por objetivo refletir sobre as relações da imagem-tempo e o rompimento dos clichês, no intuito de vislumbrar suas consequências políticas.

Palavras-chave:
filosofia, cinema, política





Veredas Artísticas

A arte como paradigma estético no pensamento de Deleuze e Guattari

José Jefferson da Costa Ferreira

Graduando - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

jeffcosta5@outlook.com

A arte tem a capacidade de bifurcar no pré-estabelecido, ou de perfurar o guarda sol da ordem das ideias e das opiniões que nos cerca e nos protege. Pelo empreendimento artístico torna-se possível abrir uma fenda na produção de subjetividade capitalista para engendrar novo devires e novas produções de subjetividades anticapitalistas que visem revolucionar estética, corpórea e cognitivamente tanto em âmbito individual como social. Portanto, o presente texto visa discutir e visualizar a arte como paradigma estético através de micropolíticas ou microempreendimentos artísticos realizados no seio do cotidiano, do microsocial, em especial no campo da literatura, como o romance e a poesia. A intenção é visualizar o paradigma estético da arte através de articulações ecosófica e ético-políticas ao longo das obras individuais e em colaboração de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Desta forma, se fala-se em mecanismos ético-políticos, fala-se, também, em micropolíticas da criação e em responsabilidade ecosófica para a visualização de novos campos de possível e de produção de subjetividade a fim não somente de postular ou de pensar o mundo, mas também de transformá-lo, revolucioná-lo de forma social, política e cultural, em destruir criando, em implantar o caos para possibilitar a potencialização de um possível, ou conjuntos de possível. Os processos artísticos que visem fazer oposição à máquina capitalista de produção de subjetividade não podem ser pensados de forma que não ecosófica e que não caósmica. Assim, o empreendimento caósmico pretende novos agenciamentos coletivos de enunciação e uma ecosofia, uma forma de pensar e intervir no mundo filosófica e ecologicamente por meio de novas práticas estéticas e sociais. Desta forma torna-se possível e necessário pensar uma arte ecosófica, ético-estética; portanto, um novo paradigma estético: de maneiras de bifurcar, sentir e criar novos processos linguísticos, sociais e relacionais de uma vida não capitalista; fazer emergir novos mundos e novas subjetividades tanto individuais quanto coletivas, novas práticas estéticas e microsociais para consigo e para com o outro na medida em que interage responsavelmente com o meio e o mundo.

Palavras-chave:

Arte; Paradigma estético; Ecosofia; Micropolítica; Literatura menor;





Veredas Artísticas

La subjetividad de lo siniestro: la obra de Sofía Carrillo desde el pensamiento de Gilles Deleuze

Juan Manuel Díaz
Professor - UAEMex
jmandztorre@gmail.com

Sofía Carrillo (Guadalajara, 1980) es la directora mexicana de cine más innovadora de los últimos años. Sus cortometrajes animados como *Cerulia*, *La casa triste* y *Prita Noire* establecen una conexión entre lo siniestro, entendido en términos freudianos como aquello que suscita terror desde lo familiar y la generación de la subjetividad vista desde las ideas de Gilles Deleuze como producto de las experiencias en un ámbito social, es decir, una estructura de organización de los afectos. No existe el yo previo a la experiencia, las imágenes ocurren de manera independiente y es el deseo pasional del sujeto el que las ordena para hacerlas inteligibles. La relación no es dada sino que va siendo formada de acuerdo a la voluntad y al deseo del sujeto social. Se propone que esto se percibe en la obra de Carrillo con personajes que construyen su mundo desde el deseo de su ser: el querer reconocerse en el rostro siniestro de sus familias. Las criaturas de los cortometrajes de Carrillo hablan del terror que representa siempre lo familiar, ahí se esconden los monstruos y es desde esta cualidad siniestra que los personajes de Carrillo se entienden a sí mismos. La subjetividad de cada uno de estos personajes está construida por imágenes que generan terror pero que son articuladas en el corazón de cada uno de ellos, para construir un relato de sí mismos y de sus familias. Lo que muestra la obra de Carrillo es la voluntad y el deseo articulados desde una subjetividad cuya tarea es organizar primordialmente el terror que esconden las relaciones entre familia. De esto podemos extraer que el afecto coordinante de las relaciones humanas es lo siniestro que se genera desde lo familiar.

Palavras-chave:
siniestro; subjetividad; animación; deseo; voluntad





Veredas Artísticas

Cartografias em matilha: vazamentos no ato de criação.

Keyme Gomes Lourenço

Mestrando - Universidade Federal de Uberlândia

keymelourenco@gmail.com

Nicole Cristina Machado Borges

“E o que é resistir? Criar é resistir...”

Deleuze e Parnet, O Abecedário, R de resistência

A resistência se comporta muito parecido com um grito. É a voz, mas com potência, não é falada, pois, ela força pressão do diafragma, contração da faringe, resistência assim como o grito não vem só da boca, que se forma no fundo da garganta, resistência vem rasgando órgãos, e quando chega no fora pela boca vira luta. Resistência é corpo sem órgãos. Nos lançamos a Cartografar afinidades entre obras de arte e o ato de resistência... Deleuze questiona: “Qual a relação misteriosa entre uma obra de arte e um ato de resistência?” Arte potencializando a criação de afectos e perceptos. Afectos e perceptos formando ‘blocos-sensações’ que permitem que a arte por si mesma resista. O que a arte e a filosofia têm em comum é resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha e ao presente. Penso em como a arte resiste... Através de quais através? Com que processos? Por meio dos conceitos, afectos e perceptos? Onde ela resiste? Um plano artístico? Em nós:. Arte como criadora de blocos de sensações, blocos de sensações que competem juntos a possibilidade de inaugurar novos mundos e abrir novos campos de possíveis. O que é arte? “Arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste”. Esta é a relação menor entre ato de resistir, resistência e obras de arte. É isso que a arte quer de nós, quer que criemos chances de coexistir, resistir, existir. O que ela quer da gente é coragem, e em processos de criação, entre vai e vem de vontades de necessidades podemos recriar possibilidades esquivando de criações finitas, arbóreas, — já sofremos demais com a árvore. Nossas provocações artísticas elaboradas em Matilha-Uivo, resistem, mas não resistem apenas pelo seu direito de existir, jamais! Resistem porque forças que destroem possibilidades não podem vencer a beleza das coisas possíveis. O ato de criação como ato de pensar o próprio pensamento. Arte-resistência contra o dogmatismo, binarização e necropolíticas, ventar em cenários fascistas, sufocar normas, fertilizar à multiplicidade no pensamento. Escrever é cartografar. Cartografar é Ato de Criação.

Palavras-chave:

Arte-resistência; Grupo Uivo; Conceito de Ideia





Veredas Artísticas

“Devir não é imitar”: aspectos estéticos e políticos na Arte e na Filosofia

Leandro Lélis Matos

Doutorando - UFMG

leandrolelism@yahoo.com.br

A presente comunicação parte da seguinte reflexão: lugar dos devires, a arte não é objeto de uma interpretação, mas de experimentação. Essa posição se insurge contra a arte como objeto de uma hermenêutica, pois esta busca um sentido pensando por analogia. Considerando a sua matéria, a arte não se encerra em um sentido abstrato da obra, como nas artes não discursivas que são irredutíveis a um sentido discursivo desenvolvido por analogia. Considerando que toda analogia está baseada em uma transcendência, em uma hierarquia e na separação entre matéria e forma, Deleuze elabora uma crítica da analogia capaz de reconfigurar o estatuto da arte. Os discursos sobre a arte e sobre a literatura, em *Diferença e repetição*, em *Mil platôs* e em *Crítica e clínica* mostram como a analogia está apoiada na semelhança imaginária ou na homologia estrutural. Isso porque o reestabelecimento do sentido de uma obra de arte não se cumpre sem demandar o imaginário de um sujeito, seja ele o autor ou o espectador, ou da estrutura da própria obra. Dessa maneira, a obra de arte não passa por uma composição estrutural baseada na analogia, mas no devir contra a semelhança e contra a imitação. Deleuze não aplica às artes e à literatura o método analógico da cópia que imita um modelo, mas insiste na necessidade de abordar a arte filosoficamente considerando as relações como captura de forças, em vez de reproduzir formas. Diante desse quadro, a pretensão desta comunicação é discutir em que medida a reconfiguração do estatuto da arte promovida por Deleuze, com e sem Guattari, oferece uma nova maneira de abordar questões estéticas e políticas referentes à ruptura com a imitação e com a semelhança. Para tanto, o texto será dividido em quatro momentos: 1) a crítica de Deleuze ao pensamento da representação, em *Diferença e repetição*; 2) o enfrentamento da questão da mimese, em *Aristóteles*, a partir de uma crítica ontológica; 3) a elaboração de um pensamento nos campos da arte e da filosofia, que leva em conta a relação entre forças contra a reprodução de formas; 4) as implicações políticas da ruptura com os modelos na filosofia e na arte.

Palavras-chave:

Deleuze; filosofia; arte; política





Veredas Artísticas

O vidente em Deleuze

Lucas Oliveira de Lacerda

Mestrando - Universidade Federal do Ceará (UFC)

lucasdilacerda3@gmail.com

O objetivo desta comunicação é apresentar o conceito de “vidente”, na filosofia de Gilles Deleuze (1925-1995). Para isso, analisaremos algumas passagens do segundo e do terceiro período (DELEUZE, 1988). Na entrevista “A vida como obra de arte” (1986), Deleuze (1992, p. 121) diz que “toda formação histórica diz tudo o que pode dizer, e vê tudo o que pode ver”. A formação histórica impõe um limite ao dizível e ao visível, produzindo assim uma fronteira entre o possível e o impossível. Deleuze evoca a figura do vidente como aquele modo de existência que atravessa o limite da fronteira e diz o indizível e vê o invisível. “O vidente vê alguma coisa numa situação determinada, algo que a excede, que o transborda [...] A vidência tem por objeto a própria realidade numa dimensão que extrapola seu contorno empírico, para nela apreender suas virtualidades, inteiramente reais” (PELPART, 2009, p. 36). Neste sentido, o vidente tem uma visão da parte virtual do real, que é impossível para o atual. Por isso, a visão do impossível é sempre inatual. No texto “Maio de 68 não ocorreu” (de 1984), escrito com Félix Guattari (1930-1992), Deleuze e Guattari conceituam essa visão do impossível como “um fenômeno de vidência, como se uma sociedade visse de súbito o que ela continha de intolerável e visse também a possibilidade de outra coisa” (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 245-246). A vidência é a visão do intolerável e, também, a visão de um novo possível. “O vidente vê o possível e, com isso ascende a uma nova possibilidade de vida que pede para se realizar” (ZOURABICHVILI, 2000, p. 341). O vidente vê a possibilidade de viver de outra maneira, ele vê novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho etc. “O vidente pode ser o artista, o pensador, a singularidade qualquer, o anônimo, o pobre, o autista, o louco – em todo caso, aquele que, à sua maneira, chama por um modo de existência por vir” (PELBART, 2017, p. 414). Portanto, a vidência como faculdade visionária, é a visão do impossível, é a nossa potência de invenção, fabulação e criação de novos mundos possíveis, mas também a germinação de novos modos de existência que pedem passagem.

Palavras-chave:

Vidente; Vidência; Impossível.





Veredas Artísticas

Potência de vida: Frida Kahlo e suas artes.

Maria Durcilene Freitas Corrêa

Mestrando - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

ducycorrea@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa se tece nas relações entre arte, gênero e educação, buscando cartografar as múltiplas possibilidades de produção de autorretratos do feminino nas artes de Frida Kahlo. Percorre-se os padrões de gênero socialmente estabelecidos, especialmente em torno do “ser” mulher, experimenta-se as potências subversivas do “devir-mulher” nas artes de viver e educar em Frida Kahlo. Intercruzam-se momentos da vida da artista às suas obras de arte de cunho feministas, nas movimentações de uma arte singular a gotejar de seus autorretratos. Como provocações ao estudo, perguntamos: como expressar as potências do feminino na educação, ao encontro com as artes de Frida Kahlo? Em que medida os autorretratos de Frida produziram modos de resistência do feminino em face ao convencional da arte de seu tempo? Que provocações os autorretratos do feminino lançam aos valores e à educação do tempo presente? Que educação se pode experimentar pela potência do feminino? Os caminhos cartográficos, baseados em Foucault (1998), Deleuze e Guattari (1997), sinalizam uma relação entre as obras de arte de Frida Kahlo e as múltiplas produções de sentidos do feminino. No campo das artes e biografias de Frida, caminhamos com Machado (2009), Herrera (2011), Haghenech (2011), Morais (2012) e nos estudos de gênero e filosofia da diferença percorremos com Butler (1990), Jamis (1987), Louro (2004), Foucault (2004), Deleuze (1979), Deleuze e Guattari (1996), Lapoujade (2015), Sorj (2005), Beauvoir (1987), Silvio Gallo (2003), para adentrar ao universo artístico, político e da sexualidade em Frida Kahlo, como pistas pulsantes para uma educação experimentada pelas potências do feminino, do devir-mulher. Captar, perceber as pulsações dos autorretratos do feminino nas artes de Frida, da sua existência atormentada pela dor e seu ativismo político, constitui um desafio à criação de vetores de (re) existências na educação, por onde a vida da artista flua e de tantas mulheres em processos de luta e libertação. Nesses itinerários, as produções cartográficas realizadas na escola básica e no ato Ele Não contribuíram para o debate sobre as questões de gênero na educação e da diversidade da arte que atravessa as suas obras, de modo que possamos vivenciar um educar artístico e plural.

Palavras-chave:

Arte; Educação; Feminino; Frida Kahlo.





Veredas

Cinema Nômade e as táticas experimentais de Trinh T. Minh-ha

Marina Costin Fuser
Pós-Doutorando TIDD / PUC-SP -

O conceito de nomadismo de Gilles Deleuze e Félix Guattari passa pelo crivo de críticas feministas e pós-coloniais – fornecendo assim uma estrutura analítica para abordar o retrato multifacetado indeterminado de mulheres tribais e diaspóricas no cinema da cineasta vietnamita Trinh T. Minh-há, que hoje vive em Berkeley, na Califórnia. Minha pesquisa explora posições de sujeito em filmes selecionados por Trinh por meio da obra de Braidotti (2011) e da “consciência mestiça” proposta por Anzaldúa (1987), que fornecem uma base filosófica embasada e corporificada para uma estética e quadro de análise nômade do cinema. A fronteira é discutida como local de encontro entre culturas e demarcações sociais da alteridade. Minha comunicação pretende dar conta do legado conceitual de cinema nômade e dar corpo às suas premissas a partir de uma leitura de filmes selecionados de Trinh T. Minh-ha.

Palavras-chave:

Nomadismo, Cinema Nômade, Cinema Feminista, Pós-colonialismo, Trinh T. Minh-ha





Veredas Artísticas

Ressonâncias em Hasta El Borde

Paulo Carneiro Maia Maia
Doutorando - Puc Sp
pcmaia1618@gmail.com

Em Hasta El Borde, cria-se uma energia em torno das recíprocas influências diretas entre os ritmos e a dança, em prol da espiritualização alquímica da matéria física (ARTAUD, 1999; PATRICK PAUL, 2014), conforme <https://youtu.be/rQRvEljL3RE>

Expressamos modos - maneiras de ser: desdobramentos essenciais do mesmo núcleo e que retornam ao mesmo núcleo, a saber, a energia entre ritmo e dança. Que por si só pode ser tratada como núcleo, mas dificilmente concebida enquanto centro ou origem, pois ritmo e movimento são noções tão ancestrais, tão anteriores a qualquer formulação cognitiva ou conceitual, que seria absurdo afirmar sobre a existência de um centro original. É como se tudo partisse do nada, do vazio. E do vazio à plenitude da presença sonora, física e espiritual é questão de um ciclo.

A palavra é uma espécie de inimiga. A formulação de conteúdo através das palavras é algo contra a qual se dança e se toca. O som é grito, respiração, ritmo e dança. Não há mais pensamento como conteúdo de expressão conceitual. (UNO, 2012) O que existe é uma ação conjunta na qual tudo ocorre, ou melhor, tudo é a eletricidade entre dança e ritmo.

Nada se fixa, nada se cristaliza, tudo passa, tudo faz dar passagem. O ritmo e a dança tornam isso evidente. E esse aspecto é bastante curativo. Nada coagula. Nada permanece preso, ou seja, tudo flui e passa (memórias, afetos, pensamentos) e pode ser assim no ritmo. É como a água que corre. Fazer do instante próximo algo já novo outra vez. A civilização do conteúdo é especialista em não permitir a continuidade diferenciada do outro. Somos habituados a coagular um significado, um sentido. Nos agarramos de modo doentio nas formas, signos, representações, sistemas e sistematizações (ARTAUD, 1999). Não à toa a palavra não faz parte desse lugar.

Caos, exorcismo e contorno consistente. Dissoluções permanentes, cura e grito do espírito no tempo outro da carne, saltado do tempo da história. (UNO, 2012) No ápice (final do link), a integridade do ser é aniquilada, a vida define seu ponto alto de atração por ela mesma. É um movimento amoroso que a cada vez faz nascer o desejo. (BATAILLE, 2016).

Palavras-chave:

Corpo; Ritmo; Ciclo; Ápice; Alquimia.





Veredas Artísticas

Metafilatelia – Uma correspondência entre a estética narcótica e a epistolar

Ramon de Carvalho Mazzini - Mestrando - UFOP
ramon.mazzini@gmail.com

Jaime Garabito

Atenciosamente, cartas guardam mais do que um manuscrito, e suas marcas e seus processos são tão relevantes quanto. A que será que se destinam? Dos papéis mata-borrão, usados para absorverem os excessos de tinta ou usados como veículos para um transbordamento outro - ao portarem LSD, por exemplo -, aos adesivos, selos e carimbos que datam trânsitos e pertenças. Uma análise estética das dobras celulósicas, psicoativas e teleológicas, bem como da arte do entorpecimento e do endereçamento; tais estudos almejam-se na escrita a ser apresentada. Através da folha corrida e da língua passada na aba do envelope, desejamos uma entrada na cola de uma possível arte alfandegária e postal, remissiva. A Dobra – Leibniz e o Barroco, de Deleuze; Kafka – Por uma literatura menor, de Deleuze e Guattari; e Testo Junkie, de Preciado, serão alguns dos passaportes que estarão em nossas notas. Ao aguardo das vistas e de todo visto possível, esperamos a transmutação deste recibo em papelote.

Palavras-chave:

Correspondência, psicotrópico, arte, carta, Deleuze, Guattari, Preciado.





Veredas Artísticas

Modos de existência como outros modos de escuta.

Pedro de Albuquerque Araujo

Doutorando - Universidade Federal do Rio de Janeiro -

albu76@gmail.com

O que pretendemos com esse artigo é investigar caminhos teóricos e práticos que possibilitem o agenciamento de outros modos de escuta. Para construir esse conceito musical desenvolveremos algumas noções que passam pela Escuta, Poética, Acontecimento, Devir, Diferença, tanto na ideia de filosofia quanto da ideia de música.

O que estamos chamando de outros modos de escuta? O que nós estamos interessados é constituir um modo de Escuta que envolva a intensidade como diferença e a diferença como Acontecimento. O nosso objeto também é pesquisar a Escuta na Improvisação Livre. O que acontece entre os músicos improvisadores enquanto produtores de Escuta. Por produção de Escutas entendemos Escutar, Compor e Executar simultaneamente. Essa Escuta transparece compositante e executante. Escutar Acontecer! Pura Imanência! Pura Intensidade! Acontecimento Puro! Chamaremos isso Escuta-Acontecimento!

A Escuta-Acontecimento existe enquanto abertura, enquanto falha (simultaneamente), pela necessidade de mudança de natureza, portanto, pela necessidade do músico/performer em Escutar-se e (re)existir em diferentes modos de ação, ou seja, com seu modo particular de performar, de performatizar. O apertar de um parafuso 3/4 já seria uma ação, uma primeira performance.

Para necessidade de mudança acontecer o músico/performer tem que afirmar o Acontecimento, forçar a Escuta. Afirmar o Acontecimento, do ponto de vista sônico. Forçar a Escuta, as mais altas frequências (?). Escutar-se e (re)existir com seu modo particular de performatizar. Com isso outros pontos de inflexão são gerados e, através das fricções entre contínuo e corte. Isto ocorrendo, agenciam-se outros modos de existência. Outros modos de existência são necessários para mudança natureza do músico/performer. A existência contínua travessada, transversada, transgredida pelo corte. Afirmar a Falha; Querer a Falha; Forçar a Escuta; Acontecer Escutar. Uma outra tradição filosófica-artístico-musical, não como um caráter definitivo do que seja a Música e/ou a Filosofia, mas de trazer processos transitórios do Fazer-Pensar-Música e do Pensar-Fazer-Filosofia. Modos de existência como outros modos de escuta.

Palavras-chave:

Escuta-Acontecimento; Música; Filosofia; Diferença; Intensidade





Veredas Artísticas

Do coeficiente artístico ao coeficiente vida

Roberta Stubs Parpinelli

Professor - UEM - Universidade Estadual de Maringá

robertastubs@gmail.com

Partindo da ideia de que vivemos em uma sociedade que aposta no esgotamento e captura de nossa capacidade de inventar mundos para manter um modo de viver que opera na base do controle de vidas e corpos, a proposta desse artigo é pensar a arte como maneira de criar saídas a essa ficção política que tende a produzir modos de subjetivação dóceis e assujeitados. Refletindo sobre a ideia deleuzeana de que esgotar o possível é também criar o possível (ZOURABICHVILI, 2000), lançamos aqui a necessidade de investirmos no /im/possível como forma de extrair da vida outras variações intensivas. Para o filósofo, somente experimentamos o possível como potência em sua queda e esgotamento, é nesse sentido que nos propomos aqui a esgotar o possível e lançar o /im/possível como força que extrai das ruínas de nosso presente sua força inventiva de transformação e mutação de nossas relações e sensibilidades. Movida por uma força desejante que não se satisfaz com o real que nos é dado, apostamos no /im/possível como maneira de criar mundos e recuperar nossa capacidade de imaginar, viver e criar realidades outras. O /im/possível como coeficiente artístico (DUCHAMP, 1975) que acaba por instaurar um campo de inventividade entre obra e recepção da obra, convidando também o “espectador” a se relacionar ativamente com o plano sensível da arte em sua relação com a vida. A arte então é tida como máquina de guerra, arma política que reativa em nosso corpo/subjetividade fluxos crítico-inventivos e sensíveis. Num enlaçamento entre coeficiente artístico e coeficiente vida, a proposta é pensar a arte enquanto dispositivo de subjetivação, de experimentação e criação de realidades outras. Para tanto, compartilho aqui alguns de meus trabalhos em fotografia e vídeo nos quais tento mobilizar um coeficiente vida para pensar outros mundo possíveis. Tento mobilizar o avesso da ausência e pensar outros contornos para nosso agora. Um exercício poético e político para suspender o céu do esgotamento, ampliar o horizonte e atravessar a fratura de nosso presente.

Palavras-chave:

Ficção política; Arte contemporânea; Subjetividade; Fotografia Contemporânea





Veredas Artísticas

Deleuze, a imagem-cristal e o cinema

Silene Torres Marques

Professor - Universidade Federal de São Carlos

silenetmarques@hotmail.com

Qual a natureza do tempo? Em *A imagem-tempo* Deleuze nos mostra que as imagens óticas e sonoras nos levam a circuitos cada vez mais vastos com imagens-lembrança, imagens-sonho ou imagens-mundo. No entanto, questiona: em vez de dilatar, não seria preciso contrair a imagem? “Procurar o menor circuito, que funciona como limite interior de todos os outros e que cola a imagem atual a um tipo de duplo imediato, simétrico, consecutivo ou até mesmo simultâneo. Os circuitos mais largos da lembrança supõem essa base estreita, essa ponta extrema e não o inverso”. Os exemplos são as ligações por flash-back. Os circuitos de lembrança que sempre nos fazem voltar a uma situação atual. Deleuze prolonga sua reflexão afirmando que a própria imagem atual possui uma imagem virtual que a ela corresponde, como um duplo ou reflexo. Como se o objeto real se refletisse numa imagem especular tal como no objeto virtual que, por seu lado e ao mesmo tempo, envolve ou reflete o real: há “coalescência” entre os dois. Há formação de uma imagem bifacial, atual e virtual. Mais precisamente, o virtual e o atual tornam-se indiscerníveis, e o que “constitui o ponto de indiscernibilidade é precisamente o menor circuito, a coalescência da imagem atual e da imagem virtual a uma imagem bifacial, a um tempo atual e virtual”. Trata-se da imagem cristal, ou descrição cristalina: duas faces indiscerníveis que constituem uma ilusão objetiva. Há distinção entre as duas faces, mas é impossível designar seus papéis, pois cada face toma o papel da outra. A indiscernibilidade do avesso e do direito, do real e do imaginário, do presente e do passado refere-se ao caráter objetivo de certas imagens existentes duplas por natureza. Nosso objetivo é destacar a produção da imagem-cristal como o espelho no cinema. Nosso exemplo será, sobretudo, o filme *A dama de Shanghai*, de Orson Welles.

Palavras-chave:

tempo, imagem-cristal, cinema, Deleuze, Bergson





Veredas Artísticas

Educação musical menor aproximativa: experimentações sonoras colaborativas online

Silvia Azevedo de Oliveira

Graduando - Universidade Estadual de Feira de Santana

silviazevoli@gmail.com

Reencontro com o trajeto teórico-metodológico traçado durante o plano de trabalho PIBIC/CNPq "Som e representação: o (não) senso em formas sonoras e em epistemologias sobre sonoridades", que debruçou-se sobre o problema da criação musical e/ou artístico-sonora a partir da manipulação de sons pré-existentes segundo produções artísticas, filosóficas e científicas de autores epistemologicamente próximos de conceitos e propostas deleuzianas no campo das sonoridades, sobretudo na educação musical. O plano inseriu-se no projeto de pesquisa "As cidades (des)enquadradas em imagens: experimentações atravessando o conceito de signo" da orientadora Elenise Cristina Pires de Andrade, alocada no grupo de pesquisa Trajetórias Cultura e Educação (TRACE) do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, que propõe oficinas no âmbito educacional em um movimento estético-político de crítica à representação como um modelo hierarquizante de comunicação-cognição limitador de possibilidades de multiplicação de sentidos. Em consonância com as ideias de Andrade, o plano de trabalho realizado entre 2019 e 2020 culminou no oferecimento de oficinas colaborativas online de experimentações sonoras inspirando-se nos procedimentos artísticos da musique concrète, no paradigma composicional concreto (em oposição ao modelo hegemônico abstrato) de Pierre Schaeffer e nas releituras recentes de sua obra realizadas por Silvio Ferraz; nas práticas de field recording enquanto processo artístico diretamente influenciado pela musique concrète; e na produção musical assistida por computador defendida por Holly Herndon, que o encara enquanto instrumental técnico íntimo para quem realiza atividades cotidianas com seu auxílio. Na pesquisa, tais elementos cruzam-se com a proposta de educação musical menor defendida por Teca de Brito, que ressoa a perspectiva de literatura menor inserida em "Kafka: Por uma literatura menor" de Deleuze e Guattari e se torna "máquina de resistência ao controle e aos modelos musicais e educacionais dominantes" (BRITO, p. 32, 2009).

Palavras-chave:

educação musical menor; música concreta; música computacional; educação à distância





Veredas Artísticas

Da tela à página sobre a pele da contracultura - o "eu pele" de Anzieu e o conceito de rizoma em Deleuze e Guattari - a tela como prótese da pele

Silvio Ricardo Demétrio

Professor - Universidade Estadual de Londrina

silviodemetrio@uel.br

A proposta é de um estudo comparativo entre as estéticas do cinema e do discurso gráfico dentro de um recorte histórico específico, a contracultura. O corpus de análise constitui-se por duas expressões que acreditamos colocarem-se como sínteses desse recorte histórico: o filme rodado pelo escritor Ken Kesey em sua epopeia com os Merry Pranksters cruzando a América a contrapelo e as edições do jornal psicodélico editado por Allen Cohen, o San Francisco Oracle. Ambos os objetos que compõem o corpus destacam-se por suas estéticas não convencionais em relação ao discurso midiático da época. Para além da mitologia do cotidiano, o SF Oracle era transgressor não só pelos temas que abordava em suas páginas, mas principalmente pelo seu trato com a dimensão gráfica e o cuidado com a imagem. Da mesma maneira o mítico filme que Kesey rodou em sua cruzada psicodélica pelo interior dos EUA foi um experimento que abala algumas definições convencionais do cinema como o conceito de documentário e o de narração. O objetivo geral desse trabalho é explorar as possibilidades de leitura desses fenômenos à luz do conceito de “eu-pele”, de Didier Anzieu e o de “rizoma”, nos escritos de Deleuze e Guattari. Entendendo a tela do cinema e a página do jornal como anteparos que dão substância à realidade movente de um fenômeno histórico da contracultura. Se a pele é um órgão que serve de metáfora para as funções do ego como propõe Anzieu é porque ela se define como uma interface com o meio, assim como também o ego é a superfície de toda a estrutura psíquica do indivíduo. Então o que se quer aqui é a exploração dessa ideia de “interface”. Quando se fala de mídia como interface se fala de mídia como pele – daí também a noção de consensualidade de Anzieu relacionar-se com a noção de convergência midiática – todos os sentidos convergem para a pele, tem lugar na pele.

Acreditamos que com a atual conjuntura histórica e cultural da pós-modernidade a contracultura pode fornecer subsídios para se pensar uma transversalidade em relação ao binarismo e a concomitante resignação a um “fim da história”. A contracultura é a emergência de uma forma de protesto anti-disciplinar, como bem avalia Julie Stephens. Acima de tudo nos colocamos à procura das fissuras pelas quais possa se traçar uma linha de fuga, um plano sobre o qual seja possível pensar a ruptura com os modos de semiotização dominante.

Palavras-chave:

cinema underground; contracultura; psicodelismo





Veredas Artísticas

Dramatização, filosofia e antropologia teatral

Sócrates Roberto Fusinato - istmorumeiro

Doutorando - Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

rumeiro@gmail.com

Em 1967, diante dos membros da Sociedade Francesa de Filosofia, quando Gilles Deleuze pensa os “dinamismos espaço-temporais” é um método de dramatização que surge em um conceito complexo de diferenciação/diferença. Nesse método de dramatização o sujeito não se ausenta, mas existe como esboço, ainda não qualificado nem composto. A antropologia, tendo em vista sua proposta de estudar o diferente em “dinamismos espaço-temporais”, pode ser pensada, pode “pensar-se” enquanto ciência do homem, utilizando-se daquilo que Deleuze intitula “movimento de dramatização”. Presente na história, em momentos como o século XV com o registro escrito em diários de bordo, a Antropologia se torna ciência no século XVIII, momento em que o Homem se constitui uma entidade universal que pode ser estudada em todos os seus perfis. O Homem, antes previamente julgado pelo colonizador, torna-se um corpo vivo, que tem linguagem, que se reproduz, que trabalha, que pensa aquilo que faz a seu modo, de acordo com a cultura em que se faz presença. Se em “As palavras e as coisas” Michel Foucault afirma que o homem é uma invenção recente e que, talvez, não tarde seu desaparecimento, Gilles Deleuze, em escrito de 1966, nomeia o homem, lendo a obra de Foucault, como “uma existência duvidosa”. O homem se descobre fundador de uma “nova positividade” sobre sua finitude, nascendo aí uma “analítica do finito”. A teatralidade é conceito que se relaciona com dramatização. Nesse sentido, além de uma leitura filosófica, intenta-se pensar a teatralidade em âmbito antropológico. O antropólogo inglês Victor Turner desenvolve o conceito de “drama social” para propor um estudo dos fatos ocorridos em sociedade imersos em elementos que caracterizam teatralidade. Turner relaciona o espaço-tempo dos “processos sociais” com o espaço-tempo dos palcos de teatro, com seus atos e cenas. Além do conceito de drama social, busca-se desenvolver outros dois conceitos de Turner, *communitas* (que se opõe à noção institucionalizada de comunidade) e *liminaridade*. Movimentos de dramatização do pensamento, ciência do homem e teatralidade, eis a proposta de estudo que aqui em breves linhas se esboça.

Palavras-chave:

dramatização; filosofia; antropologia; teatralidade





VEREDAS CLÍNICAS, ESQUIZO, PSI





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

E se algo não há, como dizê-lo? do cérebro ao caos – o problema do Alzheimer - uma perspectiva a partir de Gilles Deleuze

Alex Fabiano Correia Jardim

Professor - Universidade Estadual de Montes Claros, MG

alex.jardim38@hotmail.com

A proposta do trabalho é problematizar o corpo e as implicações da percepção, da memória e do tempo a partir da doença conhecida como 'Alzheimer'. Partindo-se do texto intitulado 'Do caos ao cérebro', presente na obra *O que é a Filosofia?* e do Capítulo 2, *A repetição para si mesma*, em *Diferença e Repetição*, em Deleuze, pretendemos pensar as fissuras nas formas de percepção e a consequente implicação no corpo a partir do Alzheimer. A ideia é pensar como uma percepção não encontra ressonância nas dobras da memória. Nesse caso, há um abismo qualquer que impede uma determinada contração temporal provocada pelo hábito ou pela percepção pura. É absolutamente intrigante como esse movimento do corpo/cérebro provoca uma fissura às formas de percepção e mais ainda, como ele vai transformando a passagem para a memória numa espécie de linha quebradiça do tempo. Por outro lado, a relação com a lembrança pura se dá numa outra perspectiva. Redescobre-se um outro tempo. Falamos de contrações temporais trazendo a um presente vivo um passado que outrora havia pressupostamente sido esquecido, mas que estranhamente retorna a partir de um signo qualquer. Mas diferente de um tempo aiônico, teremos então um tempo-hiato ou tempo abismo. Quebradiço. O Alzheimer é como se um plano de organização perdesse o seu processo de significação, mas essa perda 'do estruturado' não significa a possibilidade de outras fabulações criadoras. Esse corpo-alzheimer experimenta uma espécie de caos. Falo de um vivido imediato que desaparece e de um vivido passado que se movimenta aleatoriamente, como um móvel solto no furacão. O caos é provocado justamente pela impossibilidade de uma sobreposição ordenada de campos de imagens na memória. Em lugar disso, há uma experimentação de um pensamento absolutamente veloz e aleatório. Um tipo de inexistência do para-si da repetição. Nesse caso, não podemos falar de diferença, dado que o corpo-alzheimer impossibilita a experiência da repetição.

Palavras-chave:

Repetição; Diferença; Tempo; Percepção; Memória





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

O Cuidado de Si na Clínica da Corpulência

Andressa Fragoso Pitombo

pitomboandressa19@gmail.com

É notável a diversidade de intervenções direcionadas à transformação dos corpos, práticas de conformação e assujeitamento a um determinado padrão corporal hegemônico na atualidade. Ao mesmo tempo que é crescente o aparecimento do ativismo a favor da despatologização, em busca da visibilidade e empoderamento do corpo gordo feminino. No entanto, percebe-se que tanto as práticas de assujeitamento quanto as de empoderamento possuem como centro o corpo individual, recortado da dimensão política. Nesse sentido, é necessário cartografar práticas de cuidado que atravessam a corporeidade feminina gorda na contemporaneidade por meio da escrita etopoiética de um diário de bordo. Espera-se que este trabalho, em processo de construção, cumpra a função de traçar um plano ético-estético-político de experimentação, e que ao fazer isso, as relações de cuidado do corpo feminino gordo, até então estabelecidas, sejam problematizadas.

Palavras-chave:

Clínica; Corpo-gordo-feminino; Cuidado de si





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Entre: artesanias do pensamento em educação especial e em saúde mental

Daniele Noal Gai

Professor - área de educação especial; faculdade de educação; universidade federal do rio grande do sul
daninoal@gmail.com

Entre. Espaços e vãos, o que está Entre. Entre, em Artesanias. Artesanias do pensamento em educação. Como artesaniar e ainda pensar outras forças, perspectivas e pedagogias do cuidado em educação especial e em saúde mental? Artesaniar entre a educação e a saúde, ainda. Como perspectivar, criar, artesaniar, em tempos de retrocesso, retorno a censura, preconceito, exclusão e apagamento dos múltiplos corpos da diferença. São palavras e riscos. Corremos riscos junto às palavras. Neste tempo, de palavras a serem recompostas, colocadas noutros planos, de imanência, de efetivação, de práticas, cuidemos de nossas artesanias, de nossa arte da escrita. Na escrita há produção de documento, mais legítimo talvez. Um documento tem uma autenticação, uma publicação, um compartilhamento em sua ordem original. Uma publicação de uma matriz de pensamento. Um primitivo pensamento pensado. Um de tantos outros pontos é sinalizado ali, naquele texto em arte, se fabricando. Uma matriz de onde se principia. A historicidade da escrita em arte. De um meio ou do difuso ou de um fim, tem ali um jeito de o autor pôr o pensamento a pensar. Escritas com velocidade. Práticas em saúde. Parafernâlias pedagógicas. Uma vida inteira se fazendo. As coisas de saúde. As coisas de escola. As coisas de percursos de vida. Também podem ser descritas, romanceadas, dissertadas. O ajuste está no corpo como ele é. Num corpo presença, num corpo todo, com tudo dentro, sem furos, sem faltas. O ajuste está em mostrar tudo que ali está. O ajuste está nos sentimentos sem nome, naquilo inexprimível, mas que se escreve. Escrita como saúde. A escrita não é uma competência. Não se trata de histórico familiar. Não exige bom professor de língua portuguesa. Não requer anos de experiência. Ela pode ser afinada a qualquer tempo. Não são bons escritores os que leem bem. Escreve pouco aquele que não arrisca a idiotia. A graça traz coisas para o papel. “Pensem o déficit como potência?” (NOAL-GAI, 2013, 2014, 2015, 2020). Estamos artesanando o pensamento em educação especial e em saúde mental com quem as produz como potência .

Palavras-chave:

entre, artesanias do pensamento, educação especial, saúde mental





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Arriar a Esquizoanálise nas encruzilhadas de Frantz Fanon para experimentar novos possíveis para as Clínicas da Diferença

Deivison Warlla Miranda Sales
Professor -
deivisonsales.psi@hotmail.com

A partir do intercruzamento do pensamento do filósofo Gilles Deleuze e do Analista Institucional Félix Guattari com as obras do psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon, esta comunicação visa empreender bricolagens do pensamento de Fanon em suas obras como *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), *Os Condenados da Terra* (1968) e *Alienação e Liberdade* (2020) em uma transversalização de conceitos como Rostidade e Máscaras Brancas, Clínica e Descolonização, Máquinas Capitalísticas e Colonialismo, Rizoma x Encruzilhadas, Heterogênese e Sociogênese na constituição de uma perspectiva de clínica a partir do paradigma ético-estético-político. A escolha de Fanon como intercessor, parte das relações de afinidade do seu pensamento com o que vivemos no Brasil pela experiência compartilhada de Colonização de corpos e inconscientes que viveram Brasil e Argélia e se desdobrou/desdobra em um modus operandi desejante, político, social e ontológico que tem na perpetuação molecular e camuflada deste processo de Colonização uma Máquina de produção de subjetividades em assujeitamento que tem o fator raça como dispositivo com seus múltiplos vetores de saber, poder em um emaranhado que funda o Racismo como elemento fundante das sociedades capitalísticas contemporâneas. Não há nesta proposta qualquer tentativa de empreender uma história da filosofia de Deleuze e Guattari ou de Fanon em uma imposição de fidedignidade irretocável às obras dos autores o que se afina com as perspectivas que tentam constituir um Deleuzismo ou Guattarismo (como criticou o próprio Guattari em entrevista ao Kunichi Uno em 1984). A in-tensão desta comunicação é de disparar experimentos no campo filosófico e clínico para fazer com a Esquizoanálise um filho por trás que ela não se reconheça, fazendo Fanon devir-esquizoanalista e Deleuze e Guattari aprenderem a gingar nas encruzilhadas de Exú na constituição da Esquizoanálise como Clínica da Diferença.

Palavras-chave:

Deleuze; Guattari; Fanon; Esquizoanálise; Clínica





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Cartografia de acontecimentos de uma clínica esquizo (Autora: Eduarda Pompeu do Nascimento, Coautor: Izaque Machado Ribeiro)

Eduarda Pompeu do Nascimento
Graduando - URI- Santiago, RS
psic.eduarda@gmail.com

As cartografias dos acontecimentos a seguir são experimentações vivenciadas em práticas clínicas através da perspectiva esquizoanalítica, tendo como referencial seus principais inventores: Gilles Deleuze e Félix Guattari. Objetivamos questionar que máquinas desejantes e que possibilidades de criação de corpos sem órgãos perpassam a experiência / narrativa clínica como intercessora nesse processo. Nossa clínica dispõe de multiplicidades de agenciamentos e dispositivos que a compõem. Concebemos a subjetividade ou os processos subjetivos enquanto linhas que são possibilidades para a expansão das existências. O primeiro caso-acontecimento é de uma vida adolescente que chega até a clínica relatando estar em “crise”. São movimentos tão intensos e ambíguos que flertam com o esvaziamento da subjetividade. Por vezes essa desestabilização pode ultrapassar o limiar de suportabilidade e por isso busca-se um pouco de ordem como proteção ao caos. O território da clínica é onde essas forças são experimentadas nas mais variadas intensidades. Diante de uma relação afetiva que decompõe suas potências, são gestadas linhas de fuga. O espaço da clínica proporciona experimentar a hesitação de imaginar o que mais poderia um corpo e a partir disso ser capaz de tomar impulso para produzir algum deslocamento a serviço desse mesmo corpo. O segundo caso-acontecimento é uma vida de 25 anos, que obedecendo a tara prescritiva da nosologia recebe o diagnóstico de esquizofrenia (desejos são capturados pelas dobras das psicopatologias). Ampliando as possibilidades de entendimento do que se apresenta como dado é possível conhecer outros mundos, viajar por histórias, experimentar delírios, esbarrar em potências criativas que levam a construção de um corpo sem órgãos. Através dos afetos produzidos nesses casos-acontecimentos, buscamos produzir linhas cada vez mais extensas e potentes. Uma clínica que substitui a interpretação pela experimentação, sem desconsiderar, no entanto, certas regras de prudência. Essa cartografia de acontecimentos clínicos aqui apresentada se propõe menos a uma conclusão do que a uma reflexão sobre que intensidades podem ser visitadas no trabalho de si/sobre si. Na descrição de uma atitude ético-estético-política, nos propusemos a encontrar uma multiplicidade de saídas a partir das duas entradas (casos clínicos) apresentadas.

Palavras-chave:
Cartografias; Clínica; Esquizo,





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Os sintomas e suas literaturas: Deleuze, clínico de clínicos

Eladio C. P. Craia

Professor - Pontifícia Universidade Católica de Paraná - PUCPR

eladiocraia@hotmail.com

O texto aqui apresentado analisa a singularidade epistemológica que implica a utilização, tanto por parte do âmbito médico-psiquiátrico-, quanto, - e especialmente-, da psicanálise, dos nomes próprios de Sade e de Sacher-Masoch, autores oriundos da literatura não da medicina, nas suas tabelas sintomatológicas. Os nomes de Sade e Masoch identificam determinadas condições psíquicas bem conhecidas, assim como ajudam a organizar uma taxonomia do campo das perversões: o sadismo e o masoquismo. O texto aborda dois tópicos conceituais que se derivam desta escolha epistemológica: o primeiro visa determinar quais condições e características muito específicas estas sintomatologias devem possuir para que não poderem ser nomeadas, como habitualmente, com os nomes dos médicos que reconhecem e isolam o conjunto sintomático. O segundo tópico analisa certo uso não literário que a psicanálise propõe destes sintomas nomeados por literatos, em particular a afirmação da necessária constituição de um complexo sadomasoquista. Neste sentido, o ensaio verifica que, se levadas em consideração as literaturas de Sade e de Masoch, - no que elas expõem sobre tipos psíquicos e sobre produção desejante-, este complexo, esta reunião, não seria possível. A psicanálise reuniria o que a literatura, com tanto cuidado diferenciou. Para levar adiante esta reflexão, o texto acompanha a leitura que Gilles Deleuze propõe da obra de Sacher Masoch, no seu texto, Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel.

Palavras-chave:

Deleuze; Sacher-Masoch; Sade; clínica





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Deleuze, Guattari e Foucault: inflexões na História, Filosofia e Psicologia

Flávia Cristina Silveira Lemos

Professor - UFPA

flaviacslemos@gmail.com

Esta apresentação tem o objetivo de apresentar elementos da Cartografia e da Arqueogenealogia em Deleuze, Guattari e Foucault nas conversações entre História, Filosofia e Psicologia. Busca-se abordar a importância de alguns operadores conceituais e metodológicos na Historiografia e na Psicologia Social e Política em zonas de vizinhanças com a Filosofia da Diferença. Para tanto, delinea-se um diagrama de linhas entrecruzadas da História Nova com a Arqueologia e a Genealogia em Foucault para produzir a insurreição dos saberes sujeitados. Também acompanha-se o mapa em movimento da Cartografia em Deleuze e Guattari com a Escola dos Annales. Com efeito, objetiva-se problematizar práticas por meio da História acontecimental do presente. Por fim, interroga-se as práticas cristalizadas para abrir passagem ao devir. Pretende-se ativar os encontros potentes e criar brechas para novos modos de subjetivação.

Palavras-chave:

Deleuze; Guattari; Foucault; Diferença; Subjetividade





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Dispositivos de controle da psiquiatria brasileira contemporânea e a retoma das internações psiquiátricas

Larissa Cristina Clemente Veiga
Mestrando - UNESP
lariccveiga@gmail.com

Desde os anos de 1980 no Brasil está em curso um processo de reorganização da assistência psiquiátrica, denominado de Reforma Psiquiátrica (RP). Após a promulgação da lei nº 10.216/2001, conhecida como lei da RP, esse processo vem sendo conduzido pelo governo federal, especialmente, por meio de portarias expedidas diretamente do gabinete do Ministério da Saúde (MS). Com isso, as políticas públicas direcionadas às pessoas portadoras de transtornos mentais (PPTM) passaram a orientar-se em função de outro dispositivo, a Saúde Mental (SM), que prioriza a atenção psicossocial, comunitária e territorializada ao invés da psiquiatria asilar. Tais elementos são princípios norteadores da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) criada em 2011 para sistematizar os serviços da Saúde Mental. No entanto, mudanças jurídicas recentes têm reforçado a prática da internação psiquiátrica e ampliado a capacidade de instituições com caráter asilar como Comunidades Terapêuticas (CTs), Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT) e Unidades de Acolhimento (UA), indo na contramão das diretrizes preconizadas pela lei nº 10.216/01 e pela RAPS. A partir desse quadro e com base no instrumental analítico foucaultiano, buscamos analisar os discursos produzidos através das normativas do MS, após a lei 10.216/2001, objetivando investigar o papel das internações psiquiátricas no interior do circuito terapêutico criado pela RAPS. Contudo, observamos que a inserção de mecanismos direcionados a “atenção a crise”, “usuários de drogas” e “crianças e adolescentes”, aliados a ideia de risco e perigo social tem ativado práticas de reclusão e disciplinarização que integram-se ao circuito psiquiátrico de controle e, por outro lado, curta-circuitam a possibilidade de um sistema verdadeiramente comunitário, tornando-se cada vez mais operativos para o campo da segurança pública e para políticas de controle biopolítico da população. Ademais, a intensa cooperação dos poderes executivo, judiciário e psiquiátrico na formulação de leis e diretrizes para o campo da Saúde Mental acusam a atual face do Estado de exceção contemporâneo e as frestas de uma necropolítica que atinge, sobretudo, aqueles que resistem as redes de captura.

Palavras-chave:

Psiquiatria, internação, controle, biopolítica, saúde mental





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Sexualidade maquínica e diferença sexual: de Deleuze e Guattari a Preciado

Letícia Conti Decarli

Mestrando - UFF - Universidade Federal Fluminense

leticiaconti@id.uff.br

Cintia Vicira – Professora - UFOP

O funcionamento das máquinas desejanças descrito no Anti-Édipo é regido por uma lógica fragmentária e parcial que não se explica pela referência a uma totalidade original nem resultante. Deleuze e Guattari fazem um uso torcido do conceito kleiniano de objetos parciais para descrever essas partes fragmentárias e não totalizáveis cuja determinação se dá apenas no acoplamento de máquinas; ou seja, as partes não preexistem às conexões do desejo. O regime das máquinas desejanças possui uma grande proximidade com a concepção freudiana da sexualidade infantil perverso-polimorfa, composta por pulsões parciais e autoeróticas ainda não unificadas sob a instância do Eu, nem sob a organização genital, tampouco sob a diferença dos sexos. Foi Freud quem descobriu o universo das máquinas desejanças. Entretanto, com Édipo, ele é esmagado e os objetos parciais tornam-se representantes de pessoas globais (figuras parentais). Com Édipo, todo esse universo fragmentário e parcial parece derivar de pessoas globais e objetos completos. É exatamente em termos de funcionamento maquínico que os filósofos definem a sexualidade: ela está em toda parte na medida em que é a dinâmica de funcionamento e de conexões variáveis das máquinas desejanças. Não há uma sexualidade especificamente sexual que deriva da diferença dos sexos. Assim, não há um nem dois sexos, mas n sexos. Entretanto, há um roubo desses n sexos que vão ser reduzidos à diferença sexual, numa alternativa binária entre as categorias de homem e mulher: a sexualidade é assentada sobre a diferença dos sexos.

Crítico da diferença sexual, Paul Preciado caracteriza esse conceito como uma tecnologia biopolítica. No Manifesto Contrassexual, defende que essas tecnologias do sexo reduzem a superfície erótica do corpo a órgãos sexuais reprodutivos e assim produzem o regime da diferença sexual, de modo a disfarçar sob o nome de Natureza o que é da ordem de um contrato social. Desse modo, para Preciado, a diferença sexual não é uma natureza, mas uma epistemologia política do corpo que produz, de modo assimétrico, masculinidade e feminilidade como dois polos opostos naturais. Por meio do conceito preciadiano de sexopolítica, uma das formas dominantes da biopolítica no capitalismo contemporâneo que opera no ocidente durante o final do século XIX e boa parte do XX, enfatizaremos o caráter político dessa divisão.

O objetivo desta comunicação é, portanto, explorar um ponto de conexão entre os autores citados no que tange ao papel da diferença sexual como um regime político que esmaga o caráter múltiplo da sexualidade.

Palavras-chave:

Sexualidade; diferença sexual; Deleuze; Guattari; Preciado





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Sonhos e Biota - Encontro com os Sonhos de Freud, Sidarta, Glowczewski e Sonhos Elaborados Coletados.

Luciane Briotto

Ouvinte para a vaga de doutoranda. - PUC-SP

lubriotto@gmail.com

O sonho tem todo um plano de desenvolvimento no campo do Real, um plano de Imanência, Estético e Ético em princípio, e que o faz manter se em pé apesar de todo e qualquer aparente absurdo.

Abolir dos processos oníricos o conceito de absurdo, como nos orienta Freud. O Sonho usa inúmeros processos de criação, grande diversidade de ajustes, disfarces, de interfaces e novas conexões com o inaudito. O sonho nunca é só individual, abomina o Um, ele se auto gere em coletividade. Inventa um Corpo, e muitos outros corpos, e os mistura. Condensa acontecimentos e, os torna híbridos, inventa e reinventa arquiteturas imaginárias e completas para a compreensão e transliteração dos sonhos em palavras escritas, e daí todo o plano extensivo dos sonhos em análise, que pode desenhar literalmente um caminho diverso para as forças existentes à engendrar novas formas de um pensar ainda semi- inimagináveis.

De Freud para o neurocientista, professor, escritor Sidarta Ribeiro, nos atualiza em sua obra recente, O Oráculo da Noite com um pequeno e singelo sub capítulo chamado: MICROBIÓTA, SONO E HUMOR – como o título indica, Sidarta lança as linhas básicas para pensar a partir do Sono, condição para expressão da materialidade do Sonho, esse misterioso e pouco sondado Campo do Real), para ele o Sono é diretamente afetado por agentes químicos, ele diz: “Se o sono é passível de grandes modificação por agentes químicos, não surpreende que seja também afetado pelo colossal conjunto de bactérias, vírus, leveduras e protozoários que compõem nossa microbiota”

Esse pensar abre um campo de pesquisa para a hipótese aqui sondada, e realizada em 2018, a partir de experimentação prática e acompanhamento de um grupo heterogêneo com a dieta protocolar, vegana, e de mudanças de modos de viver (Protocolo Gerson), e notas de Sonhos mantidas durante os quarenta dias em que o projeto durou (entre o Carnaval e a Celebração Pascal). Neste exemplo Nove Sonhos elaborados e claros são apresentados e transcritos conforme as anotações da sonhante.

Existe uma ligação direta e investigável entre a biota que se compõe e a clareza e profundidade na plasticidade e conteúdos narrativos dos Sonhos?

Para desenrolar de um outro plano de análise, trago como interlocutora a experiência de três décadas de Barbara Glowczewski com os povos Aborígenes Australianos e seu tratamento virtual e refinado dos Sonhos e do Real.

Palavras-chave:

Sonhos;Biota;Análise;Experimentação





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Para acabar com o juízo - de um eu, de um mundo

Paloma Meirelles Oliveira

meirellespaloma177@gmail.com

O presente trabalho nasce a partir de uma monografia na área de psicologia que se dedicou a pensar os efeitos, na prática clínica, de um modo de trabalho que toma o corpo do analista como via privilegiada de acesso aos pacientes. Tomando a clínica em sua inseparabilidade com a política, nos aliamos a uma via que faz extrapolar a relação intersubjetiva entre os dois personagens – paciente e analista - que compõem o setting clínico. Essa via, entendemos com Félix Guattari se tratar da transversalidade - conceito que dará título a um ensaio do autor em 1964. O que significa, para paciente, analista e, sobretudo, para a própria clínica, investir em uma abordagem trans, ou seja, defender que a prática clínica é sempre política - ou, como teria dito o autor, que toda análise é análise institucional?

No referido ensaio, Guattari é enfático ao dizer que não há separação entre os planos individual e social, salientando que as relações sociais não estão nada além das problemáticas individuais, mas antes, encontram-se nelas imediatamente inseridas. As dimensões individual e social aparecem como produtos de um mesmo plano produtivo, efeitos de um mesmo processo de produção. Alguns anos depois, no primeiro tomo de Capitalismo e Esquizofrenia - e agora junto a Gilles Deleuze - os autores irão radicalizar essa tese ao fazer uma releitura de Karl Marx no que diz respeito à relação entre processo de produção e produto, evidenciando que não há diferença de natureza entre o que chamarão de máquinas desejantes e máquinas técnicas, sociais, políticas.

Ao nos determos um pouco mais nessa problemática, buscaremos extrair o que dela mais interessa à prática clínica. Afinal, qual é a sua tarefa? Muitas críticas já feitas à psicanálise diziam que ser esta um saber calcado na busca incessante pela recuperação de uma suposta unidade ou interioridade do sujeito, perdidas e provavelmente localizadas nos primórdios de sua vida, na relação com a família. A fim de nos distanciarmos dessa perspectiva - que foi, de certo modo, compartilhada pelo autor duplo de Capitalismo e Esquizofrenia – encontraremos Deleuze e Guattari, mas também Marx e Foucault, para defender que o exercício clínico-político (não só do paciente mas também do analista) não visa um retorno àquilo que um dia fomos, mas antes à possibilidade de, enfim, diferirmos daquilo que somos.

Palavras-chave:

transversalidade; prática clínico-política; processos de produção; estética da existência.





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

A Tranz-análise: Inconsciente e Surrealismo Concreto

Pedro Paulo Rocha

Artista-performer

tranzcinemas@gmail.com

Poesis e corpos nômades, encruzilhadas entre esquizo-análise, ruas e ocupações culturais: a invenção de novas máquinas analíticas, deslocamentos clínicos e a emergência de territórios estéticos e micro políticos

Palavras-chave:
tranz-análise, corpos nômades, arte e ocupações culturais





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

Uma clínica contradisciplinar

Sabrina Batista Andrade
Doutorando - PUCSP
nomadismosclnicos@gmail.com

Este trabalho nasce na produção de uma linha de fuga, portanto, só pode avançar no sentido da molecularização de seu objeto. A cartografia é a seguinte: um cargo; uma função criada por um programa de governo; uma psicóloga atuando como educadora social; uma cidade do interior do estado de Minas Gerais com jovens estudantes evadindo das escolas; várias estratégias estatais para remendar a fenda. Uma hecceidade: um dia, a insatisfação opressora diante dos modos de agenciamento em seu conjunto individuado - a psicóloga e seu trabalho no Estado – faz fugir uma ideia, produz uma inspiração, uma produção desejante. Que tal uma prática, um esquizo-alguma-coisa, mas com quem?, quanto?, como?, onde?, quando? Faz-se um convite, cria-se uma provocação. Multiplicam-se as conexões cartográficas. É justo na invenção e experimentação deste dispositivo clínico que emergirão as complexidades das Políticas Públicas.

Palavras-chave:
cartografia, clínica, experimentação.





Veredas Clínicas, Esquizo, Psi

E(X)US: EU OUTROS Experimentação coletiva de criação e invenção de outros e(x)us

Uilames Lazaro da Silva
Graduando - Universidade Federal do Rio Grande
willsampler@yahoo.com.br

Esse trabalho tem como intenção apresentar as cartografias realizadas a partir de uma experimentação coletiva multilinear de criação e (re)invenção, intitulada E(x)us: eu outros, a atividade foi proporcionada pelo Espaço de Expressão (EE), um dispositivo clínico vinculado ao curso de Psicologia e ao Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). O relato se justifica de modo a produzir novas pistas teórico-práticas sobre a constituição de grupos de cuidado e escuta virtuais durante a pandemia, mediados por agenciamentos que possam romper os limites do paradigma universalista, eurocêntrico e colonialista, indo ao encontro de saberes e signos mais múltiplos, descentralizados e horizontais, o que pode proporcionar outros movimentos e estratégias terapêuticas, nutrindo-se de outras fontes do saber, como a Epistemologia de Exu, símbolo da resistência preta na diáspora, propulsor de multiplicidades e linhas. Nosso problema mote, desde outras experimentações, é pensar as possibilidades de como afetar esse corpo múltiplo, físico-geográfico-territorial-virtual de modo a aumentar nossas potências de vida em dias tão duros. Partindo dos pensadores e acadêmicos pretos, em diálogo horizontalizados com o conjunto de combinações, rupturas e rearranjos dos conceitos de Deleuze e Guattari, estabelecemos uma incorporação entre Exu e o Rizoma, a fim de criar a nossa Esquizoexperiência. Na manhã da terceira segunda-feira do mês de outubro de 2020 ligamos nossas câmeras e metamorfoseamo-nos em um gato de apartamento, em uma poeira, em um moribundo, em uma sercia, um sorriso, um vento, sentindo de que modo a incorporação de cada personagem-coisa nos afetava e percorria o Rizoma. Ao final do encontro-acontecimento cada n-1 criou uma narrativa dos processos vivenciados. A experimentação sinaliza para a urgência de instituir práticas acadêmicas que se movimentem para outras direções, outras territorializações, incorporando outros corpos acadêmicos, alcançando encruzilhadas epistemológicas.

Palavras-chave:

Epistemologia de Exu; Rizoma; Experimentação; cartografia.





VEREDAS EDUCACIONAIS





Veredas Educacionais

A desterritorialização como experiência nos estudos em educação: ressonâncias para o campo educacional

Ana Lúcia Gomes da Silva
Professor - Univerisidade do Estado da Bahia
analucias12@gmail.com

O trabalho apresenta a experiência em curso do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Cultura (GEPEDUC) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior – Difeba, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação e Diversidade (PPED) da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina (BA). O objetivo central é evidenciar por meio de narrativas como o grupo criado pelo Difeba, intitulado: “Grupo de Estudo do Método da Cartografia em Educação” (GEMEC), estabeleceu alianças com o Gepeduc, a fim de agenciar desejos comuns no plano heterogêneo interinstitucional, através dos estudos deleuzianos com ênfase na pesquisa em educação. Estes encontros semanais se desdobraram num programa de extensão intitulado: “O método cartográfico e os estudos de Deleuze e seus intercessores”, em que os territórios Minas e Bahia foram agenciados pelos desejos comuns de professores/as pesquisadores/as. A interatividade híbrida e horizontal foi construída por meio da plataforma virtual Google Meet, utilizada como possibilidade de efetivação de uma rede colaborativa e rizomática. Adotou-se como método a própria cartografia tendo como centralidade a política da narratividade para apresentar a experiência institucional que vem sendo constituída entre os grupos de pesquisa. Como dispositivos adotou-se a conversa e o ateliê de pesquisa por possibilitarem que as conversas sejam tecidas e problematizadas a cada encontro, considerando os conceitos-chave que vem sendo (re)elaborados através do Glossário coletivo, o que não é tarefa fácil, sobretudo quando consideramos o quanto antideleuziano é apresentar noções, constructos, definições descoladas daquilo que caracteriza a originalidade do trabalho científico do autor. O próprio Deleuze empreendeu algumas iniciativas nessa direção, ao participar de uma série de entrevistas para o abecedário, entre outros. Assim, nossa motivação foi a de apresentar uma sistematização, dotada de valor pedagógico, daquilo que constitui, para o grupo, o pensamento e a prática científica desses autores. Os desafios têm sido diversos, desde a seleção dos conceitos e a extensão adequada a ser considerada para cada um deles. Como resultados centrais as pistas apontaram que os deslocamentos experienciados pelos grupos potencializam as aprendizagens e as intensidades de força, num jogo de dissolução dos pontos de vista. Além disso, aponta que a escrita se apresentou como agenciamento corpo – vida autoral, em que nos desterritorializamos e nos colocamos em análise, dissolvendo certezas, apostando nas desconfiças das respostas, a fim de sustentar a problematização.

Palavras-chave:

Interistitucionalidade; Cartografias; Grupos de Pesquisa; Experiência; Rede colaborativa.





Veredas Educacionais

Por uma Educação em linhas de fuga

Arildo dos Santos Amaral
Professor - SEMEDE
arildosantos16@hotmail.com

Deleuze (1998) nos deixou de legado a relação de três espécies de linhas para a constituição da multiplicidade: as molares como linhas de segmentaridade dura, as moleculares como linhas que tendem aos fluxos e ainda uma terceira espécie de linha, as linhas de fuga, que tendem a propor uma ruptura ao que é fixo, sem necessariamente significar abandono do sistema.

Somos seres moleculares, pensando com Deleuze e Guattari (1995), os termos conceitual molar e molecular entendendo o primeiro como uma tendência à organização, à delimitação e estratificação (instituído) e o segundo como uma espécie de oposição (instituinte) à organização molar, o que não assume um sentido obscuro, apenas não estratificado, mas fluido e povoado por intensidades, por devires. E, como pensar nas multiplicidades na escola segmentária? Uma escola composta ao mesmo tempo por linhas fixas e fragmentadas, mas que podem ser transformadas em fluidas, em linhas de fuga dos estriamentos.

Deleuze e Guattari (1995) apresentam algumas ideias a partir da estrutura do rizoma, que trata de linhas de resistência que se mestiçam, misturam-se, interconectam-se, são múltiplas conexões, sem centro e sem hierarquias. Um rizoma não tem início nem fim, mas um meio pelo qual ele cresce, ramifica-se e espalha-se. É um antímodo ao conhecimento arborescente proposto por René Descartes no século XVII. Pela lógica rizomática compreendemos as produções como mapas, como uma experimentação fincada no real.

O rizoma lança algumas provocações sobre as concepções de escolas que estão postas, sobre os modelos de currículo concebidos tradicionalmente sem conexões entre os saberes (perspectiva disciplinar), numa manutenção do que é da “ordem do discurso pedagógico” (LARROSA, 2014, p. 74). Ou seja, um currículo ancorado a uma ordem hegemônica, sem ênfase nas construções singulares do cotidiano. Assim, pensar a educação na perspectiva do rizoma é romper com o caminho homogêneo, são fios que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outros tubérculos, outras conexões, seguem outras direções. Não é uma forma fechada em si, não há ligação definitiva. São linhas de intensidade, linhas de fuga. Esses pressupostos procuram contestar uma sociedade que é instituída no modo de produção capitalista, cujo fim é sempre a acumulação da riqueza, a produção acadêmica por produção, a exclusão, seja ela social ou educacional. Então, não aposto nos compartimentos, mas no espalhar, alastrar. Não há como apontar/seguir uma linha reta, um método cartesiano. As conexões se multiplicam na criação de novos sentidos, que se disseminam nessas escritas emaranhadas, provocadas pelos encontros imprevisíveis na educação e no plano vivencial.

Palavras-chave:
Educação; Linhas de fuga; Rizoma.





Veredas Educacionais

O método dança: um jogo performático-procedimental no campo educacional

Bruna Danesi Magalhães

Graduando - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)

brunadmagalhaes@usp.br

A ideia de método em educação, vide a construção das teorias do currículo, está atrelada à racionalização dos resultados educacionais pela previsão de certos objetivos que, a esse ver, seriam mensuráveis. Essa pesquisa, ao se configurar como exploratória, busca abrir diferentes frentes de pensamento em outros campos do conhecimento que possam mover essa problemática da previsibilidade no campo educacional. São essas frentes: os arquivos empíricos/estéticos que tratam da criação em dança e arte da performance; a filosofia de Gilles Deleuze, a partir do fio conceitual de procedimento; e, a ideia de performatividade oriunda dos estudos da performance (SCHECHNER, 2002).

Os arquivos empíricos utilizados nessa pesquisa, também nomeados de arquivos estéticos, englobam: um documentário, uma videoconferência/entrevista, uma palestra, uma autobiografia, três auto-entrevistas e uma coletânea de textos. Todas essas fontes tangenciam o trabalho artístico de um conjunto de coreógrafas, um coreógrafo e uma artista da performance. Vale ressaltar que, embora muitas das fontes documentais sejam documentários, entrevistas, autobiografias, ou seja, gêneros que focalizam uma narrativa a partir de um sujeito, não interessa à pesquisa esse enfoque. Ao contrário, interessa, dessas fontes, extrair linhas de forças de seus modos procedimentais de criação.

Os arquivos mencionados acima suscitam a ideia de performatividade que coloca em jogo uma dimensão imprevisível, e leva-nos a extrair no pensamento deleuziano a ideia-conceito de procedimento. Indissociado do ato de criação, um procedimento pressupõe um jogo performático, na medida em que implica um modo de fazer que não está prescrito, mas se inventa no próprio ato (DELEUZE, 2016).

Com isso, a pesquisa em questão busca habitar essa zona entre a prescrição e a performance, a instauração de um método e o próprio fazer, aberto a eventos imponderáveis que não necessariamente condizem com o que foi preestabelecido. Na ambiência de pensamento deleuziana e ao lado de fontes estéticas que levantam situações performáticas, essa pesquisa, então, busca um outro horizonte de pensamento para fazer frente à previsibilidade atrelada à ideia de método no campo educacional.

Palavras-chave:

criação; Gilles Deleuze; performatividade





Veredas Educacionais

Modos de fabular a docência em Artes Visuais

Carolina Ramos Nunes

Doutorando - Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina
(Udesc)

c.nunesra@gmail.com

Como Alice no país das maravilhas (Lewis Carroll), a escrita deste texto convida o leitor a arriscar-se pela toca do coelho por [entre] figuras de linguagem e roteiros fabuladores. Em uma conversa infundável, o texto permeia a invenção. Nesse caso o que seria escrever? Escrever, como diria Gilles Deleuze, está ao lado do informe, do inacabamento que não atinge uma única forma. A escrita é um pretexto para pensar a formação inicial de professores em Artes Visuais, não como representação, mas, como uma construção que, longe de um modelo, vislumbra arriscar-se...

Assim, em fabulação, uma personagem, porta-voz de uma língua menor, transita entre vizinhanças, não aportando nem na arte nem na filosofia, possibilitando conversas em um plano de imanência, em que a arte e a filosofia transitam com suas figuras e conceitos, para que se possa deles pinçar linhas de força para uma pesquisa sobre a formação inicial do professor de Artes Visuais.

Aproxima-se, portanto, de algumas potências nesta escrita ficcional: a arte, a filosofia, o ser professor e o estar professor em formação, além da fabulação, como força que arrasta intensivamente as identidades representacionais presentes naquela formação.

Deleuze, como filósofo do pensamento sem imagens, diz que o primado da identidade, seja qual for a maneira pela qual esta é concebida, define o mundo da representação. Em contrapartida, o pensamento moderno surge da falência da representação, assim como a perda das identidades e das forças que agem sob o idêntico. O mundo moderno não é a descoberta do mesmo ou da cópia perfeita, mas o mundo dos simulacros.

A problemática entre ser e estar professor apresenta-se em uma superfície, em que a escrita se apoia para ficcionar. O ser professor indica um estado permanente, posição pétrea identitária que se adquire com alguns anos passados no espaço da academia. Já o estar professor pode ser o desencadeamento de inimagináveis forças que desmontam convicções e formas, potencializadas pelo exercício da fabulação.

Assim, a fabulação será a narrativa que atravessa a realidade e a ficção, criando [ou desejando criar] uma ruptura em quem, corajosamente, percorrer suas linhas.

Palavras-chave:

Fabulação; ser professor; estar professor; artes visuais; formação de professores





Veredas Educacionais

Fundando impermanências: alianças entre educação, técnica e estética

Cintya Regina Ribeiro

Professor - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP

cintyaribeiro@usp.br

O campo contemporâneo da educação formal vibra entre limites tênues relativos aos seus múltiplos modos de fazer. Em sua expressão mais imediata, educação conclama pragmatismos que se espraiam das subjetividades às sociedades, fomentando alinhamentos metodológicos sob a forma de planejamentos, projeções e avaliações sistêmicas de várias ordens, mobilizando estratégias coordenadas em âmbitos nacional e internacional etc. Essa molarização, por fazer funcionar um mundo transcendental, humanamente compartilhado, é responsável, em grande medida, pela valoração e legitimidade que a área de educação detém nas culturas letradas atuais. Mas, a persistência desse clamor transcendental, longe de ser o signo de um fundamento intocável, pode ser tomada como a medida fática de uma virulência de forças outras que insistem nos desassossegos fundacionais. Tais forças refratam quaisquer demandas finalistas e utilitaristas, instabilizando essa condição molar constitutiva e prevalecente no campo educacional. Uma dessas forças nômade diz respeito exatamente a essa espécie de sabotagem intempestiva do ato educativo, a qual corrompe qualquer vontade de teleologia, de utilidade, de formação do homem, enfim. Esse trabalho busca discutir esse estranho e inominável lugar agonístico da educação, o qual, faz alianças com as filosofias transcendentais, no intuito de fazer ressoar e solidificar os universais, ao mesmo tempo em que estabelece pactos com filosofias da imanência, com vistas a contagiar tais universais arduamente erigidos com sua própria condição de impermanência, de finitude. A instauração de atos educacionais parece produzir, nessa mesma operação de fundação, certo movimento disruptivo que lança a educação para a exterioridade de sua própria territorialização, ou seja, que força a educação ao encontro com seu fora-educacional. Parece haver, nos atos em educação, um trabalho diuturno e incansável de desfazimento, de inacabamento, de irresolução, de infinitamente inconclusivo que, em virtude mesmo de uma dispersão contínua, atíça e move essa maquinaria. Acionando a companhia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, focalizando particularmente suas obras *Crítica e Clínica*, *Mil platôs* e *O que é a filosofia?*, o trabalho busca discutir a (i)materialidade da escrita em educação como um procedimento que atua de maneira singular na medida em que faz funcionar contágios entre condições de transcendência e de imanência, a partir de alianças entre os modos de existência da técnica e da estética.

Palavras-chave:

educação, impermanência, técnica, estética, filosofia da imanência





Veredas Educacionais

O olhar Deleuze-Guattariano sobre o estágio de docência

Daniela Carolina Ernst

Mestrando - Universidade Federal da Fronteira Sul

daniela.ernst@estudante.uffs.edu.br

Resumo: A contemporaneidade é engendrada por uma multiplicidade de acontecimentos e de agenciamentos. Nela se faz necessário problematizar diferentes contextos que promovam a formação inicial de professores. Esses contextos atuam enquanto agentes de transformação, tornando a Educação um processo que precisa ser entendido como movimento de construção coletiva do ensinar e do aprender. Ou seja, a produção de espaços que propiciem aprendizagem a partir do acontecimento-criação. Para isso, mobilizam-se linhas de fuga que percorrem diferentes sentidos ao do protocolo pedagógico dogmático, estabelecido ao longo do espaço/tempo. O que não deixa de ser um fluxo de resistência que atravessa uma linha de fuga ao senso comum, porque compreende que tanto o ato de aprender quanto o ato de ensinar fazem parte de uma operação inconsciente, corporal, subjetiva, que pode ser ou não deliberada e que pressupõe causar tensões e fissuras na programação autoritária (imposta pelo pensamento representacional). Neste sentido, a perspectiva da multiplicidade encabeçada por Deleuze e Guattari (1971) por meio de conceitos como “rizoma” tem contribuído para pensar linhas de fuga e de resistência. Mesmo que os autores jamais tenham escrito sobre educação e da aparente falta de informações diretas ou análises de aprendizagem, o deslocamento teórico da sua teoria, acaba ganhando força em importantes círculos internacionais ligados a perspectiva da educação criativa. Desse modo, os autores criaram uma série de princípios relacionados ao rizoma: multiplicidade, conexão, heterogeneidade, rupturas significativas, cartografia. Embora cada termo seja tratado aqui separadamente, os componentes do rizoma estão inter-relacionados. A multiplicidade mistura-se com o novo conhecimento criado quando os professores conectam a teoria da universidade às situações que vivenciam durante o estágio obrigatório. A sala de aula torna-se parte da multiplicidade e, por meio da reflexão crítica, os professores que participam do estágio no nível superior, podem identificar e desafiar as barreiras históricas, estruturais, culturais e sociais à aprendizagem. Logo, conexão e heterogeneidade significam ações dos profissionais reflexivos que conectam a teoria das diferenças ao aluno (déficit x social), e está às experiências reais de aprendizagem em sala de aula. Essa visão localiza os problemas relacionados à aprendizagem por meio de uma lente mais ampla que inclui fatores externos ao indivíduo.

Palavras-chave:

Palavras-chave: Estágio de Docência; Deleuze e Guattari ; filosofia da diferença





Veredas Educacionais

Antologia de um currículo – notas esquizoanalíticas para cartografar narrativas seriadas

Evanilson Gurgel de Carvalho Filho
Doutorando - UFBA
evanilson.gurgel@ufba.br

O presente trabalho, inspirado pelas linhas de força das filosofias da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tem como objetivo explorar algumas notas esquizoanalíticas para a cartografia de um currículo de um artefato cultural. A partir das contribuições das teorias pós-críticas e as suas possíveis conexões com o campo dos Estudos Culturais, compreendemos as narrativas seriadas como um currículo. Nesse sentido, a perspectiva de currículo com a qual operamos excede as limitações impostas pelos esquemas escolares, pela carga horária disciplinar e pelas atribuições dadas pelos/as profissionais da Educação regulamentados/as. Em outras palavras, o currículo pode ser um texto de poder que ultrapassa os muros das escolas, produzido pelos diversos artefatos culturais que consumimos de modo supostamente desprezioso. O texto opera estilisticamente por meio de uma “elaboração (auto)ficcional”, trazendo alguns “takes” narrados pelo Cartógrafo, um personagem que apresenta algumas notas metodológicas da nossa investigação cartográfica a partir de fragmentos de suas memórias. O argumento explorado neste trabalho é o de que as linhas constitutivas do currículo das narrativas seriadas têm apresentado uma multiplicidade que o faz ser compreendido como um “currículo antológico”, permitindo visualizar as suas “regiões de controle”, derivadas do aparelho de Estado, e as suas “zonas de contágios”, próprias das máquinas de guerra. Nesse sentido, o “currículo antológico” é produzido no embate entre as linhas duras, as linhas flexíveis e as linhas de fuga que o compõem. Para essa discussão, trazemos alguns exemplares de narrativas seriadas produzidas a partir dessas linhas, como “The Sopranos”, “The Good Wife” e “One Mississippi”. Concluímos que o que está em jogo nesse artefato são as distintas maneiras com as quais nos tornamos nós mesmos, as diferentes posições de sujeito que assumimos ao longo da vida. Nesse sentido, apostamos que o currículo das narrativas seriadas, ao acionar linhas de fuga, abre espaços para outras saídas, proporcionando raciocínios menos normativos para os sujeitos atravessados por dissidências de gênero e de sexualidade.

Obs: Autor: Evanilson Gurgel
Coautor: Marlécio Maknamara

Palavras-chave:

Currículo; Cartografia; Narrativas seriadas; Estudos culturais; Filosofias da diferença.





Veredas Educacionais

A formação e os processos de subjetivação no curso de Arquitetura e Urbanismo em Vitória da Conquista/BA

Gabriel Coelho Fernandes

Mestrando - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB

gabrielfernandes26@hotmail.com

Este texto é originário da pesquisa em andamento intitulada “A formação e os processos de subjetivação no curso de Arquitetura e Urbanismo em Vitória da Conquista/BA” do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e caminha em direção a pensar a formação do arquiteto e urbanista e seus processos de subjetivação através do currículo e dos documentos oficiais, os quais induzem as práticas docentes (e quiçá discentes) no curso. Notamos a formação do Arquiteto e Urbanista como um processo marcado por trajetórias, encontros, desencontros e reencontros, rupturas e pontos de bifurcação, desenhando uma espécie de rizoma que tem sua raiz fasciculada e não tem uma raiz central gerativa ou hierárquica. Assim, o processo de tornar-se arquiteto é complexo e em constantes devires.

Entendemos que a visão moderna e disciplinar da sociedade recorre à educação como um dos fundamentos para garantir a integração, a harmonia e a homogeneidade social por meio do discurso da participação dos indivíduos iguais em unidades pertencentes a uma totalidade. Essa educação tem por meta sustentar a cidadania, promovendo e consumindo tipologias profissionais conduzidas pelo currículo, que prepara para o exercício da profissão, garantindo, inclusive, a apreensão de seus direitos e deveres. Tal situação denota o currículo como um ‘programa’ disciplinar que intenciona atingir resultados, configurando-se, muitas vezes, como um roteiro de execuções que se encontra associado às práticas docentes cujo fim volta-se para um percurso calculado que objetiva melhores desempenhos.

Metodologicamente, essa pesquisa trata-se de um estudo descritivo exploratório qualitativo, utilizando os pressupostos da Cartografia e o objetivo principal é cartografar as interseções entre arquitetura e docência na formação do arquiteto docente. Para tal, pretendemos analisar os processos de subjetivação que atravessam o currículo do curso no olhar dos professores e egressos em suas práticas profissionais; mapear as estratégias utilizadas pelos docentes no que diz respeito ao perfil profissional que deseja formar; discutir a atual conjuntura acadêmica instituída por Resoluções, explanando sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Arquitetura e Urbanismo. O dispositivo de pesquisa que pretendemos usar na busca das pistas para a construção do mapa proposto pela cartografia será a entrevista dialogada com docentes e egressos de arquitetura em uma Instituição de Ensino Superior no município de Vitória da Conquista/BA aqui denominada de Faculdade Conquista a fim de compreender os processos de subjetivação no currículo do curso e, conseqüentemente, na formação dos profissionais.

Palavras-chave:

Arquitetura e Urbanismo; Currículo; Subjetividades





Veredas Educacionais

Devir-aluno fulgurante do caos em oposição à identidade-aluno

Grace da Silva Felix

Mestrando - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

grefelix@gmail.com

A dicotomia caos-cosmos já coloriu (ou desbotou?) tantos esforços legítimos de pensamento. Como opostos, se o cosmos organiza e harmoniza, cabe ao caos a desordem improdutiva, terra incógnita da profanação da ordem. Caos, como fazer surgir qualquer coisa no inóspito? Para Gilles Deleuze e Félix Guattari, o caos é lugar produtivo, habitado por uma velocidade infinita. Para além da desordem é, precisamente, o vazio e não o nada. Nos domínios do caos há velocidade, fugacidade de um devir que apenas acena e, como sorriso sem gato, as formas disformes se dissolvem (Deleuze, Guattari, 2010, p. 139), é nele que um devir-aluno pode emergir como afetado e sobressaltado por um problemático signo, que faz pensar, pensamento-eterno retorno do diferente, sujeito-larvar e não substancial (Deleuze, 2018, p. 159).

Há uma imagem dogmática do pensamento que parte da consideração de pressupostos filosóficos, isto é, considera-se a presença de um campo pré-filosófico que atende como estrato para a filosofia, que termina por apenas corroborar o que já está colocado. Na perspectiva de Deleuze, é esse o começo da filosofia e do pensamento, denominado “todo mundo, sabe...” reflexões que se apoiam no cômodo reconhecimento (Deleuze, 2018, p. 182).

É por entre esse mesmo entretecer de pensamento que se cogita, que o pensar seja algo natural, força exercida da boa vontade, pois para Gilles Deleuze não se tratam de várias imagens do pensamento, e sim de apenas uma que se estendem de Platão a Kant (Deleuze, 2018, p. 185). A reconhecimento é a ação concordante de todas as faculdades quanto a um mesmo objeto que forma modelos (Deleuze, 2018, p. 184), reconhecimento e reconhecimento dos valores do Estado, da Igreja e da cultura (Deleuze, 2018, p. 187).

A BNCC pauta-se no modelo da representação quando supõe um sujeito ao qual o conhecimento seja imanente e forma uma identidade-aluno quando padroniza caminhos de pensamento, identidade de um sujeito da representação (Deleuze, 2018, p. 256). A filosofia da diferença rompe com os pressupostos e propõe um pensamento sem imagem, sem referencial, pensamento que só nasce como violência de um signo, de uma Ideia problemática que não se acaba na solução. O devir-aluno não é a pretensão de fazer forma-se uma forma aluno, mas, sim, a ideia de um aprendente, de aprender que é apreender o sensível de uma motivação do objeto transcendente, concernente às multiplicidades que, como violência, comunicam a Ideia a todas as faculdades discordantes (Deleuze, 2018, p. 258).

Palavras-chave:

devir; identidade; aluno





Veredas Educacionais

A Filosofia da diferença na construção de uma educação menor

Josemary da Guarda de Souza

Técnico - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

josemarry2@gmail.com

Este trabalho surge durante a imersão na Filosofia da Diferença, notadamente dos estudos elaborados por Gilles Deleuze e Félix Guattari, realizada a partir da participação como alunas especiais do Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Ao buscar a imbricação entre a filosofia da diferença e a educação, não se deve perder de vista que a tradição ocidental pensa e elabora a educação pelo viés platônico. Ao discorrer sobre o projeto filosófico da contemporaneidade, os filósofos franceses propõem a reversão do platonismo, a partir do que Nietzsche define como a tarefa da filosofia do futuro: a abolição do mundo das essências e do mundo das aparências e, portanto, na ruptura da polaridade modelo-cópia. A consequente superação desta dualidade, implica em pensar a diferença não como um desvio em relação a um padrão a ser seguido, mas antes e primordialmente, como uma demolição da distinção entre modelo e cópia. No que se refere à educação, não nos afastamos muito dos modelos duais, haja vista que as concepções pedagógicas da modernidade ainda estão alicerçadas no binômio ensinar-aprender. A vinculação do aprendizado a alguém que ensina algo, denota uma noção de controle que, em última instância, determina o que e como o ensino será realizado e avaliado e, portanto, como um sistema educacional homogeneizador, através do quais os professores ensinam o mesmo e os alunos também aprendem o mesmo. Nesta perspectiva, este estudo qualitativo discute, numa perspectiva de análise teórica, o deslocamento conceitual que Silvio Gallo propõe em relação à obra de Deleuze e Guattari, Kafka: por uma literatura menor, para a educação. A desterritorialização, a ramificação política e o valor coletivo na educação menor são concebidos a partir das três características da literatura menor: desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato político e agenciamento coletivo de enunciação. De acordo com o filósofo brasileiro, o exercício de pensar os conceitos da educação menor pode parecer algo démodé, mas ainda necessário, posto que se faz latente investir num processo educativo comprometido com a singularização, cabendo estar atento sobre a reflexão do que a diferença tem a dizer aos educadores: permitir que os estudantes criem seus próprios modos de ser, viver, existir e resistir, suas subversões, ativar o desejo de saber, ser um emissor de signos.

Palavras-chave:

filosofia da diferença; educação; desterritorialização; agenciamento.





Veredas Educacionais

A escrita docente-experimentações em sala de aula

Júlia Maria Ferreira Leite

Doutorando - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

julia.ferreira@ufjf.edu.br

Como o acontecimento sala de aula reivindica a escrita de professores/escritores?

... o sujeito se constitui no dado. Se o sujeito se constitui no dado, somente há, com efeito, sujeito prático. (DELEUZE, 2001, p.118)

E eu? Deixei sem merenda um coitadinho de um menino chato e buliçoso, me enchendo a paciência, amolando, fazendo gracinha, deixei ele sem guaraná e sanduíche. Distribuí pra todos e saltei ele, isso, no Dia da Criança. Era professora nova, tem quase trinta anos, me incomoda até hoje. Pior que não me curei, continuo às brutas, tendo sempre do que me arrepender. Vivo muito cansada. (PRADO, 1984, p.10).

O fragmento de texto acima foi retirado da obra Os Componentes da Banda da escritora Adélia Prado. Nesta obra de escrita fragmentada, a autora faz alguns registros de suas impressões como professora.

A produção literária da professora Adélia, e de tantos outros professores é atravessada pela experiência de sala de aula. Envoltos nessa questão, indaga-se sobre a auto experiência da sala de aula que resvala na escrita atravessada nesse Eu.

Para Deleuze, a literatura, mais que filosofia, mostra-nos como atravessar o muro das significações dominantes. É na escrita literária que mais ocorre a liberação dos fluxos reveladores das intensidades, dos encontros, dos atravessamentos.

Qual é a força dessa experiência que pediu passagem, dissolvendo o EU e falando no lugar do sujeito?

Sabem-se como as linhas de vida são segmentárias: há sempre agenciamentos, ininterruptamente. Para pensar junto à obra de Adélia, e de qualquer outro professor, pensa-se na escrita como problematizada por Deleuze: um agenciamento, uma multiplicidade que subtrai o EU, suprime a subjetividade, traça linhas incontroláveis de devir.

Pensaremos a escrita como obras que se agenciam com o mundo, agenciam com o fora, com as experiências vividas, com o que é e com o que não é capturado. (DELEUZE, 1990. p.235)

Assim, pensando que toda escrita se faz com um agenciamento, independentemente de ser ou não ficcional, procura-se problematizar o que afeta os docentes a tal ponto que se entorna em sua escrita. As experiências desses professores, as formas como os agenciamentos constituídos em sala de aula ecoam nas escritas dessas pessoas se constituem objeto das indagações trazidas para este Encontro.

O que a escrita de um professor, produzida a partir de agenciamentos de salas de aula revela de sua formação?

Palavras-chave:

Acontecimento; Educação; Escrita; Autor; Docente.





Veredas Educacionais

Criança-contágio e a cidade

Laísa Blancy de Oliveira Guarienti

batupre@gmail.com

A proposta é operar o sentido de contágio entre criança e cidade, inserindo-a nesse cenário não mais como expectadora e passiva, mas sim como sujeito de ações que geram expressividades e autenticidades. O conceito de educação difusa e hipergesto, criados e desenvolvidos pelo professor italiano Paolo Mottana, é que conduzem uma parte do referencial teórico, e ambos os conceitos operam na noção de um retorno das crianças em se posicionarem frente à cidade, e engendrando nesse cenário, possibilidades de uma educação para além da escolar, isto é, uma educação que pensa a criança como uma autentica produtora de subjetividades. Restituir às crianças o direito que têm pela experiência plena, aventuras, surpresas que alimentem suas autenticidades para criarem e expressarem-se no mundo. É nesse sentido que elas poderão se conectar a uma vasta multiplicidade possível para explorar experiências do campo imanente. A noção de contágio e política é atravessada pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, e espera-se que a cidade seja contagiada pelas crianças e suas infâncias coproduzindo suas marcas de expressão e impressões. Assim, acreditamos nas potências criativas a partir de ações das crianças conhecedoras das cidades, se expressando nelas e que politicamente sintam-se pertencente a elas. Superar a noção de que a cidade é arquitetada na perspectiva do adulto e encontrar meios possíveis para instigar cenas pedagógicas com e na cidade. Tal emergência se faz necessária visto que queremos lidar com uma força que problematiza os novos investimentos do mundo capitalístico que insistem em coordenar e cooptar nossa circulação e atuação pelas cidades. Como tornar as crianças não mais passivas ao contato com as cidades? Como deixar a criança produzir efeitos políticos na cidade? Isto é, como a criança pode enfrentar a cidade, sem a supervisão dos pais? Como produzir marcas de sua existência enquanto sujeito que se exprime, se envolve e contagia? Agir para desfazer a noção apática da criança no mundo adulto, não se quer crianças que apenas reproduzam gestos e proliferem signos instituídos. É desse modo que a noção de criança-contágio pode armar as crianças e jovens com outras ferramentas a enfrentar os porvires. Uma criança que ética, política e pedagogicamente saiba problematizar mazelas, conflitos, e mais, deixem suas marcar ao contagiar outrem.

Palavras-chave:

criança; contágio; educação difusa; autenticidade; expressões.





Veredas Educacionais

Provocando encontros entre performance e educação: movendo pensamentos a partir de ISOLAMENTO

Letícia Ferreira Haines
Mestrando - UDESC - CEART - PPGAV
lehaines@gmail.com

Quais os encontros possíveis entre a arte da performance e a educação? Quais linhas transpassam a trajetória de uma artista e sua (trans)formação docente? Quais os devires possíveis a partir da performance? O que é possível aprender/ensinar/trocar em uma experimentação performática? Essas são algumas das perguntas que movem o pensamento dessa pesquisa. Atenta às potencialidades da performance de gerar corpos sem órgãos, linhas de fuga e agenciamentos moleculares, pretende-se cartografar as tramas e texturas das redes de sentido possíveis e seus porvires entre a prática artística e performática e a docência e...

A comunicação pretende tratar de algumas experimentações em performance acionadas pela pesquisadora-artista-cartógrafa e, em especial, da performance ISOLAMENTO e dos movimentos de desterritorialização, territorialização e reterritorialização que acontecem a partir daquela ação. ISOLAMENTO foi uma ação que aconteceu de costas para a forma-pátria Brasil e de frente para o Rio Oiapoque e a floresta Amazônica na cidade de Oiapoque-AP em outubro de 2018. A repercussão da performance gera movimentos de estratificação, identificação e rupturas a partir da criação e disseminação de uma fake news a respeito das intencionalidades daquela ação. A partir desses acontecimentos, tento tratar dos pontos em que as linhas segmentares explodem em linhas de fuga. Em 2020, o trabalho reverbera com mais força e move a pensar sobre isolamentos e isolamentos.

A performance como um modo potencial para abalar, tocar, afetar aqueles que a encontram abre espaço para que surjam as ideias e movimente-se o pensamento. Nesse sentido, esse tipo de gesto artístico constitui-se como um procedimento quase-educativo, ou de uma educação menor, quiçá uma educação pelos afetos.

100 palavras, apenas sentir.

Palavras-chave:

Palavras-chave: performance; educação; produção de sentidos.





Veredas Educacionais

Afecções, arte e educação: alunos da rede municipal de São Paulo em encontros com quatro ilustrações do quadrinista Rafael Sica

Lilian dos Santos Silva
Doutorando - FEUSP
lilian1207@usp.br

A pandemia de coronavírus instaurou novos modos de vida nos quais a educação vem sendo sensivelmente afetada, a exemplo da busca de meios de se realizar a distância. Tendo em vista a conjuntura de isolamento e a complexidade de se lidar com ela, lançamos uma proposta a alunos de primeiro a nono anos da rede municipal de São Paulo, baseada na perspectiva da filosofia da imanência de Deleuze e Guattari. Propusemos uma atividade na qual provocamos esses estudantes a partir de quatro ilustrações do quadrinista Rafael Sica. Em todas elas, um mesmo personagem aparece em diferentes cenários - uma ilha, uma biblioteca e duas paisagens a céu aberto - em que há uma profusão de vidas em movimento que o cercam e as quais ele parece ignorar. Por exemplo, na primeira ilustração, o personagem está sentado em uma pequena ilha e, debaixo d'água, uma pulsante movimentação de vida marinha se agita. Após o contato com essas obras, demandamos aos alunos o que elas os faziam pensar, questionando: 1) quais sensações e modos de sentir elas suscitavam, sendo que poderiam não suscitar nada; 2) se as imagens fizessem uma pergunta, qual pergunta seria? Assim, tencionamos instigar pensamentos via experimentações com as obras, fazendo do encontro com a arte territórios do pensar. Além de apresentar essa proposta, o objetivo deste trabalho concentra-se em ressaltar alguns efeitos dela. Mostraremos destaques do que os alunos têm a dizer sobre os encontros que tiveram no que tange a modos de sentir indizíveis, blocos de sensações e modulações singulares. Como parte do material que recebemos deles nos causaram espanto e encantamento, nosso intuito consiste em partilhá-las a fim de dar a ver tais afecções. Para a composição da atividade, apostou-se que Rafael Sica parece transtornar a apreensão mais óbvia sobre o que acontece em cada cena, o que se confirmou nas respostas dos alunos de uma maneira impensável. Inclusive, o que motivou forjarmos esta proposta foi a suspeita sobre a possibilidade desse bloco de sensações pelo encontro entre os alunos e as obras, as quais pertencem ao livro intitulado *Triste*, de 2019. A atividade foi desenvolvida de julho a setembro de 2020, nas aulas virtuais da disciplina "sala de leitura e de arte" (que possui uma vertente transdisciplinar), na escola municipal Comandante Gastão Moutinho, localizada na zona norte da capital paulista. A aplicação foi realizada pelas pesquisadoras e professoras da escola (Lydia Cintra e Gláucia Cabral).

Palavras-chave:
afecção; educação; arte; pensamento; ensino





Veredas Educacionais

O dispositivo oficina como ferramenta de subjetivação singular

Luis Claudio Saraiva Pereira Júnior

Mestrando - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

lclaudiopereira@outlook.com

O presente trabalho é baseado nas experiências dos autores frente a uma ONG que realizava oficinas trabalhando temas transversais em escolas municipais e estaduais na região Sul Fluminense. O objetivo principal das oficinas eram propiciar um ambiente seguro e respeitoso, onde os adolescentes pudessem falar e principalmente serem ouvidos em questões consideradas tabus como a sexualidade, o uso de drogas, a violência entre outros temas.

“O dispositivo pode ser entendido como uma máquina de produção de discursos e de ações-relações, em que se faz “falar” e se faz “ver”, produzindo enunciações, visibilidades distintas, acontecimentos e modos de ser.” (DELEUZE, 1989 apud HUR, 2012). Sendo assim podemos compreender como uma forma de produzir mundos, acabando com o olhar naturalista e passivo em diferentes esferas e atuando para uma produção de vida ativa e fazendo um convite para a problematização de tudo que perpassa ao seu redor, uma espécie de Genealogia ou cartografia.

“[...] os autores compreendem as oficinas como dispositivos de trabalhos coletivos, nos quais se busca incitar processos expressivos, produtivos e novos modos de subjetivação. Constatamos que a singularidade das oficinas é trabalhar explicitamente com mecanismos que não ficam apenas no registro da linguagem, mas que envolvem outras instâncias, como o corpo, a música, dança, teatro, artesanato, artes plásticas” (SANTOS & ROMAGNOLI, 2012 apud HUR & VIANA, 2016).

Nossas oficinas eram compostas por uma estrutura preestabelecida, sendo o início uma atividade de aquecimento (não é necessariamente uma atividade de movimentação, mas algo que faça com que os participantes vivam o momento), posteriormente eram propostas atividades de desenvolvimento do tema (trazendo para o encontro o tema que seria trabalhado) e por fim fazíamos uma atividade de encerramento onde era possível falar sobre os principais aspectos do tema trabalhado. Em cada etapa da oficina utilizávamos como dispositivo disparador um tipo de técnica, sendo essas psicodramáticas/esquizodramáticas, jogos lúdicos, ferramentas do teatro entre outras técnicas que para além da racionalidade trabalham as questões corporais e afetivas.

Não podemos deixar de pensar no aspecto plural e multidisciplinar dos dispositivos oficinas, onde o movimento de subjetivação singular se dá em mão dupla, ao mesmo tempo em que este encontro produz no adolescente ele também produz no psicólogo ou educador. Não se trata de um dispositivo hierárquico que provoca a manutenção das relações de poder, mas sim de um dispositivo crítico que evidencia um novo paradigma Ético-Estético-Político.

Palavras-chave:

Dispositivo; Oficina; Subjetivação.





Veredas Educacionais

Supremacia da proximidade distante: é possível educar no acontecimento?

Marcos Vinícius Leite
Professor - IF SUDESTE MG
marcos.leite@ifsudestemg.edu.br

Quando se pergunta sobre quem, indaga-se um tempo, um lugar, um conjunto de relações e interseções em disputa por visibilidades. No plano das emergências navega-se em mares de superfícies nos quais quali e quantum de forças fazem alianças, provêm encontros, selam distúrbios. Nas fissuras, no entre dos encontros, os modos dos possíveis operam.

Trata-se afinal, de dispor-se ao encontro com o acontecimento e suas reivindicações no nível das forças. Desafio do educar nas brisas do acontecimento. Desafio da educação, fazer tremer a formação, rumo às novas auroras, não foi e continua ainda sendo uma das questões decisivas? Como o inevitável devir do humano e do seu possível pós? Dimensão ética intransponível, pois nos âmbitos da perspectiva ainda como possível do restar, de um adiante. Decisivo, por outro lado, a certeza de um provisório inescapável, eis o sentido da terra, acontecimento atroz...

O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é o que acontece o puro expresso que dá nos dá sinal e nos espera. Segundo as três determinações precedentes, ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece. (Deleuze, p. 152)

Em experiências atrozes....

Desde a publicação de humano demasiado humano, 1868, o desafio do pensamento é projetar-se na experimentação. Os filósofos são experimentadores. Experimentam a si como corpos, como língua, como devires outros em acontecimentos atrozes. Escapar aos desígnios da metafísica da linguagem, e de uma proto-imagem de pensar e seus objetos passa a ser o convite maior da suspeita. Transitar por lugares onde a afirmação é reivindicada como a tarefa. Transitemos... Por uma imanência pura, em um empirismo cego...

Na experimentação dos possíveis em uma experiência.

De volta à terra... A indicação é crepuscular, “permaneçais fiéis a terra”. Aconteceu seguir as raízes na superfície da terra. Às vezes pretendia romper com a superfície, agarrar a via, às vezes seguia se ao assombro de tudo encontrar... afinal, por que estamos aqui a fazer isto? A se perder em meio às raízes, em experimentações, grupo de corpos entrelaçados lançam-se à aventura de transtornar com a terra. Terra líquida, escorregadia... poderia a liquidez da terra transtornar educação? Poderia o acontecimento com a terra transtornar formação? Poderia terra outra inaugurar corpo e voz e imanência em outros rostos e corpos? Eis a tarefa, o convite e por que não a meta? Quanto de devir o encontro com a terra convoca?

Palavras-chave:

Acontecimento; Educação; Formação; Pensamento





Veredas Educacionais

Subjetividade marginalizada: quem são os adolescentes que cumprem medida socioeducativa?

Maria Isabel Pereira Flores

Mestrando - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

belflores2@hotmail.com

Este ensaio é fruto da disciplina "Educação, Diferença e Subjetividade" do curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Nosso objetivo é discutir os processos de subjetivação vividos pelos adolescentes que cumprem medida socioeducativa em decorrência de algum ato infracional. Este, para nós, é um campo de experiências e afetos produzindo ao longo dos encontros um entrelaçamento de forças com cada jovem e com cada profissional que os acompanham. A medida socioeducativa apresenta natureza jurídica e pedagógica, com caráter punitivo e educativo. Sabe-se que estes adolescentes são, na grande maioria, oriundos de classes sociais desfavorecidas, onde as oportunidades e acesso à educação e lazer são escassos. Dessa forma, o cenário vivido por eles nos fez pensar acerca da construção de uma "subjetividade marginalizada", que sofre com os agenciamentos maquínicos da sociedade capitalista produzindo "o sujeito do rendimento e da produção" (HUR, 2019, p.110). Esses sujeitos, no entanto, vivem em situação de desigualdade, por isso, ampliamos nosso olhar para o seu meio social, cultural, político e econômico, bem como suas reverberações na construção de uma subjetividade fabricada por "instâncias individuais, coletivas e institucionais" (GUATTARI, 1992, p.11). A subjetividade é um sistema constituído pelas relações que são estabelecidas denunciando a exterioridade de forças que incidem sobre nós de forma rizomática, ligando a subjetividade a situações, e ao coletivo. Para podermos desenvolver essa discussão, nos apoiaremos na Esquizoanálise, linha teórica que surgiu da associação de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Esse pensamento assume modos de existir no plano da imanência, vertente que trilha caminhos nômades, aposta na invenção e adentra o domínio da experimentação, dos agenciamentos, dos fluxos, de um mundo que se compõe e decompõe pelas relações.

Palavras-chave:
medida socioeducativa; subjetividade; adolescência





Veredas Educacionais

Cartografia como método de pesquisa em educação: projetar a accountability sobre um mapa

Rosanna Maria Araújo Andrade Silva
Mestrando - UFSCar
rosanna.silva@alumni.usp.br

A partir década de 1990 passou-se a priorizar nas políticas públicas em educação a descrição de padrões objetivos mensuráveis para a aprendizagem e a estipulação de metas. Esta pretensão alinha-se ao conceito de accountability, ou seja, à noção de que instituições devem produzir informações a respeito de seu funcionamento que fundamentem a tomada de decisão. O que se considera como dados objetivos são os chamados indicadores educacionais: estatísticas condensadas em índices numéricos que refletiriam a qualidade da educação, a partir dos quais julgamentos de valor podem ser feitos, como nota Scheerens (pesquisador de gerenciamento educacional).

Na legislação brasileira e nos documentos educacionais oficiais proliferam-se as menções a metas, orientações, incentivos e sanções que envolvem os indicadores educacionais, associados à noção insuspeita de “qualidade da educação”. Pode-se dizer que nesse contexto se dá uma operação do Juízo, tal como Deleuze descreve em Diferença e repetição. Quando o Estado define um único conceito qualidade, em função de um conjunto de parâmetros quantificados que possibilitam atribuir diferentes graus a realidades distintas, ele opera uma distribuição e uma hierarquização sedentárias. O Estado estabelece um modelo e exclui dele tudo o que poderia embaralhar seus limites. A qualidade, que implica um julgamento de valor, é distribuída aos pretendentes de acordo com seu grau de participação segundo a prova do fundamento (proximidade ou distância em relação ao modelo), hierarquizando escolas e alunos em função da métrica.

No primeiro capítulo de Mil Platôs, Deleuze e Guattari interpretam a contabilidade e a burocracia como decalques. A accountability é uma prática cada vez mais disseminada através mecanismos burocráticos que regem as instituições públicas; seu surgimento foi influenciado por protocolos de contabilidade. Podemos concluir que os documentos educacionais operam como decalques. Realizar uma cartografia de tais documentos seria possível projetando seus decalques sobre um mapa, ou seja, percorrendo seus mecanismos de organização, estruturação, reprodução e impasses, tornando visíveis redundâncias e rupturas, estabelecendo novas conexões. Este procedimento pode evidenciar linhas de fuga, ou seja, apontar rupturas na lógica estratificada da accountability que permeia o documento. Assim como Deleuze identifica a possibilidade de reversão do platonismo em Platão, a chave para a contestação do documento, ou dos mecanismos de controle ali apontados, a chave para produzir rizoma a partir da árvore pode ser descoberta esboçando-se um mapa, produzindo um caminho que passa por canais, rupturas e proliferações.

Palavras-chave:
cartografia; accountability; educação





Veredas Educacionais

Escola pobre para pobres? Estigmas e discriminação na produção das subjetividades de adolescentes em situação de vulnerabilidade social

Simone Santos da Silva

Aluno especial - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

simone-ass@hotmail.com

A subjetividade, conforme Guattari e Rolnik (1996) não é passível de totalização ou de estar centralizado no indivíduo, não se trata de posse, mas uma produção incessante construída a partir de encontros. O debate que nos propomos a fazer é relevante do ponto de vista acadêmico, social e político, uma vez que discutir acerca das Subjetividade é essencial, principalmente quando se trata de como as escolas lidam com estigmas, preconceitos e discriminação na produção das subjetividades de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. No artigo, faremos uma breve análise sobre a importância da unidade escolar e sua relação com adolescentes oriundos de contextos e de vivências marcadas por vulnerabilidades. Buscaremos enfatizar o papel dos profissionais das escolas e a necessidade de enxergar esses adolescentes como seres que possuem singularidades. A fase da adolescência é etapa importante no desenvolvimento do ser humano, como pontuam Fernandes e Monteiro (2017), com transformações e reorganizações que atingem áreas biológicas, afetivo-emocionais, comportamentais, cognitivas, morais ou sócio-psico-emocionais. Desse modo, compreendemos que é através dos desejos que ocorrem agenciamentos de forças para iniciar um processo de mudanças. Para que tais mudanças sejam efetivadas são necessários esforços individuais, um olhar integral para o adolescente e a compreensão da relação entre Questão Social e Educação. Um levantamento da produção acadêmica sobre essa relação indica que o tema tem sido uma dor de cabeça histórica para os pesquisadores da área. Autores como Pierre Bourdieu e J. Passeron alertam que nas sociedades de modo de produção capitalista a escola é um instrumento de reprodução das desigualdades (Nogueira e Nogueira, 2002); do mesmo modo, Paulo Freire (2005) apresenta a proposta de uma educação emancipadora da classe trabalhadora; e por fim Dermeval Saviani em “Escola e Democracia” Saviani (2008) alerta para a possibilidade de articulação entre o papel primordial da Escola com os interesses dos oprimidos, ressaltando a necessidade de romper com a lógica de “escola pobre para os pobres”. No presente artigo trilharemos o percurso metodológico da Cartografia, por trazer a proposta de uma reversão metodológica com a experimentação do pensamento.

Palavras-chave:

Subjetividade; Adolescentes; Vulnerabilidade; Escola





Veredas Educacionais

Contribuição dos processos artísticos às práticas docentes: A poética do banal e a cartografia

Thiago Heinemann Rodeghiero
Técnico/Pesquisador - UFPel
thiagofalfa@gmail.com

Esta pesquisa tem como intenção tratar e pensar a contribuição dos processos artísticos às práticas docentes. Nas fronteiras borradas da arte contemporânea, filosofia e educação, delinea-se num plano de consistência que tensiona novas formas de fazer professoral. Recorrerá a poética do pesquisador para pensar meios, trajetos e forças que façam vetor às práxis pedagógicas. Busca nas filosofias da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari um pensamento que prolifere como erva daninha e encontros que deem potência de agir. Tensionando os vazamentos de práticas educacionais baseadas em modelos estruturados, põe em movimento uma artistagem docente e uma formação sensível que buscam, na prática do artista-pesquisador e os artistas referentes Allan Kaprow, Paulo Bruscky e Karina Dias, forças para desenhar novas formas. Justifica-se por priorizar uma heterogenia dos elementos e matérias que rompem com os modelos hegemônicos de professorado para compor o território de pesquisa. Desterritorializando as formas definitivas de bom professorado, é montada de forma a pensar a prática artística que investe na processualidade e potência do próprio fazer como força motriz da pesquisa. Ainda, os trabalhos artísticos do pesquisador (a poética do banal e suas séries) inventam um cotidiano e fazem paisagens ainda não pensadas: perceptos do mundo. Esses, andam e movimentam conforme o território habitado pela pesquisa se transforma. As práticas educacionais da artistagem que transcriam de Sandra Corazza são matéria educacional-artista que compõe esse plano. Serão tensionadas nessa pretendida pesquisa, pois se amalgamam com matérias estranhas e, ainda sem forma, trazem potência abandonar as imagens dogmáticas do pensamento. Para tanto, estes fazeres não subjugam as práticas baseadas em modelos, mas produzem potência-devires que as libertam dos padrões e de suas rigidezes. Não negando ou sobrepondo o entendimento de que a educação está ligada a uma mecânica de mercado, ao estado e à produção de subjetividades capitalísticas, coloca a necessidade de criar e fazer vazar estruturas ao incluir outras questões a este campo. Buscando redes de conceitos que proliferem e façam consolidar meios, trajetos e forças, é nas filosofias da diferença de Deleuze e Guattari que se coloca a produzir ritmos que passam pelas transcódificações e, entre as vibrações dos meios, criar um território: um produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. Esta geografia, composta por elementos heterogêneos, é quem vai criar uma paisagem artista-docente e ser o cais para o caos. Densificando, intensificando, reforçando, injetando e recheando agenciamentos, mantem-se os elementos heterogêneos juntos.

Palavras-chave:

Arte Contemporânea; Educação; Filosofias da Diferença; Práticas Docentes; Poética do Banal





Veredas Educacionais

Currículo, desejo e formação de professores

Vânia Cristina da Silva Rodrigues

Professor - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

vaniacs.rodrigues@gmail.com

Mesmo sendo um espaço disciplinar e classificador, por excelência, muitas coisas podem acontecer em um currículo, porque se trata de um artefato com muitas possibilidades de diálogos com a vida. Este trabalho explora o conceito de desejo em Deleuze e Guattari para pensar o desejo na formação de professores, e opera com exemplos de vivências de práticas em uma disciplina de estágio curricular de um curso de Licenciatura em Matemática de uma universidade pública, para explorar possibilidades e dificuldades do desejar no currículo. A partir de Deleuze e Guattari é possível perceber o quanto os desejos deslocados pelas máquinas capitalísticas e pelas estratégias neoliberais associam-se a ideia de falta e, portanto, enfraquecem ou conservam ações políticas e sociais. É possível perceber também o quanto os currículos são instrumentos potentes para que este enfraquecimento e conservação de estudantes e professores aconteça. No entanto, outra ideia de desejo é possível, assim como outras construções curriculares podem ser inventadas. O argumento desenvolvido é o de que não há um método para fazer desejar em um currículo, mas é possível construir no currículo encontros convenientes para fazer crescer a potência da vida. Para isso é necessário saber da potência e da dificuldade do desejo no currículo de formação de professores, e divulgar nesse território uma multiplicidade de ações com as quais talvez alguém consiga estabelecer um encontro e, então, fazer agenciamentos, expandir território, desejar e produzir experiência.

Palavras-chave:

Currículo; Desejo; Formação de Professores; Estágio Supervisionado





Veredas Educacionais

Notas sobre um ensino rizomático de língua portuguesa

Wesley Magalhães Viana

Especializando - Universidade Estadual do Ceará (UECE)

wmvhlv@gmail.com

O objetivo deste trabalho é investigar processos de criação de linguagem, em aulas de língua portuguesa no Ensino Médio, a partir do uso de fotografias. Partindo do conceito rizoma, de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), foram traçadas algumas notas que apontam para um ensino de língua mais dinâmico, que produz decalques e experimenta cartografias. Deleuze e Guattari entendem a língua como “uma realidade essencialmente heterogênea” (DELEUZE; GUATTARI, 2019, p. 23) na qual estabilizam-se tomadas de poder. Desse modo, não há uma língua-mãe — em seu sentido moral —, mas antes uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política. Nesse sentido, um ensino rizomático acontece pela experimentação, isto é, pelas linhas de fuga do tradicional modelo de ensino, por isso, ao longo das nossas considerações, nos interessa cartografar caminhos outros para o ensino de língua portuguesa, propondo atravessamentos éticos, estéticos e políticos durante a produção de pensamentos em sala de aula. A instituição escola, por exemplo, é um órgão responsável por produzir pensamentos, entre eles, o linguístico. Dentre todos os estudos sobre a linguagem, alguns dos direcionamentos que mais interessam ao Estado, na educação básica, são o ensino de gramática, a leitura e a produção de textos. Mas não interessa ao Estado, por exemplo, ensinar as condições de criação da linguagem. Durante a educação básica, é costume apenas reconhecer, subordinando a imagem ao verbo. No entanto, quando consideramos o uso de fotografias em sala de aula, buscamos entradas com saídas múltiplas, isto é, leituras que direcionem os interlocutores a novas enunciações. Pensando nisso, propomos alianças entre Susan Sontag (2004), Márcia Cançado (2008), Friedrich Nietzsche (2008), Mônica Cavalcante e Valdinar Custódio Filho (2010), Gilles Deleuze e Félix Guattari (2019). Acreditamos, com esses agenciamentos, potencializar o ensino de língua portuguesa, considerando uma linguagem ambivalente: que ora repete enunciados, ora cria enunciados outros, em uma infinidade de possibilidades entre.

Palavras-chave:

Ensino; Língua portuguesa; Fotografia; Rizoma.





VEREDAS HISTÓRIA DA FILOSOFIA





Veredas História da Filosofia

O lugar do transcendental no empirismo superior — Jean Wahl e Deleuze

Bernardo de Carvalho Tavares dos Santos
Doutorando - UNIFESP
mail.bernardo@gmail.com

Dos primeiros textos sobre Bergson, Nietzsche e Kant até o último artigo publicado por Deleuze, “A imanência: uma vida...”, passando pelas páginas de Diferença e repetição, Lógica do sentido e O anti-Édipo e por uma reveladora carta a Guattari dos anos 1980, o sentido do transcendental em Deleuze não é tão evidente quanto a fácil associação do termo à perspectiva crítico-kantiana pode sugerir. Para compreendê-lo bem, não basta assimilá-lo à ideia de uma correção empirista do projeto kantiano. É imprescindível notar que, mais que Kant ou Hume — e até mesmo mais que Bergson — é a Jean Wahl que Deleuze se liga diretamente quando elabora seu empirismo transcendental. É em Wahl e em sua insistente militância filosófica em favor de um empirismo metafísico capaz de ir “mais alto” que a mera experiência simples, que Deleuze encontra a ideia do empirismo superior. E mais que isso, é igualmente em Wahl que ele encontra de forma expressa não apenas a própria noção do “empirismo transcendental”, como também a fórmula que a define: busca pelas condições da experiência real, não da experiência possível. Acessar o empirismo transcendental deleuziano através de Jean Wahl tem diferentes implicações. A mais fundamental é que se trata desde então de um transcendental mais realista, que rompe com a filosofia crítica e ultrapassa ingenuamente os limites do pensamento, orbitando abertamente uma concepção da Natureza e se permitindo abordá-la. Esse transcendental não apenas deixa de proibir a especulação dita ontológica, admitindo-a como complementar à questão do pensamento, mas antes a inclui, diz respeito também a ela. É forçoso assumir, no entanto, que em certos momentos da obra deleuziana, sobretudo em Diferença e repetição e Lógica do sentido, a ideia do transcendental parece se referir simplesmente à questão do pensamento ou da Ideia, deixando de fora — ainda que não necessariamente vedando — a do real. Uma certa variação no sentido do termo “transcendental” ao longo dessa obra não deverá então ser ignorada. Mas além disso e principalmente, o lugar e a importância da teoria do pensamento e da Ideia deve ser melhor estabelecido.

Palavras-chave:

Empirismo transcendental; Empirismo superior; Metafísica; Ontologia; Jean Wahl





Veredas História da Filosofia

Gabriel Tarde e Gilles Deleuze e a concepção do conceito de diferença

Edmar Carlos Gomes da Silva Cavalcanti.

Mestrando -

edmarcgsc@gmail.com

Esta proposta de trabalho e apresentação tem como objetivo realçar, ou evidenciar o que a concepção do conceito de diferença de Gilles Deleuze é devedora da filosofia da diferença de Gabriel Tarde. É sabido que Gabriel Tarde é um dentre os muitos autores com os quais Gilles Deleuze se alia para desenvolver sua noção de diferença e também sua visão do que seria o empirismo transcendental.

Ao realçar que Tarde seria o pensador dos fluxos de quanta, Deleuze (e Guattari) sugerem que Tarde a seu modo microssociológico, ou neomonadológico de pensar – já que é de Tarde a criação das mônadas abertas e não fechadas nas quais concebeu Leibniz – é também um pensador da imanência. Esta região do pensamento na qual, segundo Deleuze e Guattari, mergulham pensadores como Artaud, Espinosa, Bergson e Nietzsche.

E o próprio Tarde corrobora com essa concepção já que como exemplo de sua sociologia ele, ao contrário de seu contemporâneo Durkheim, não coloca a representação como fundamento do mundo social, mas antes de tudo o vital, ou se quisermos, a natureza como aquela que emite as forças e os elementos necessários para um virtual aparecimento de uma sociedade. Em Tarde a sociedade está em devir. Está na virtualidade do mundo vital.

Outro aspecto que o aproximaria das concepções de Tarde presentes em Deleuze, é a noção de que o pensamento é distinto da opinião. Em outras palavras, a doxa não está ligada a singularidade de quem pensa, ou de quem está com o pensar em devir. As opiniões em Tarde estão para o pensamento, assim como a imitação social está para a diferença existencial e vital: são posteriores e formadas pela propagação e irradiação de elementos primeiramente singulares e em diferenciação. A imitação social é produto e não causa da diferença existencial.

Por fim e o principal ponto de composição entre Tarde e Deleuze está na própria concepção do conceito de diferença que possui um ponto em comum, de encontro; tanto em Tarde, quanto em Deleuze a diferença é anterior e insubmissa as representações. Tanto Deleuze, quanto Tarde não aceitam e invertem a diferença submetida pelas filosofias herdeiras do platonismo.

Palavras-chave:

Diferença, representação, imanência, fluxos, imitação, pensamento





Veredas História da Filosofia

O virtual e o passado em Bergson e em Deleuze

Fernando Monegalha

Professor - UFAL-Universidade Federal de Alagoas

fmonegalha@uol.com.br

“Somente no presente as coisas podem existir”: eis uma tese que encontramos em grande parte da história da filosofia e que ressoa também no senso comum. Afinal de contas, as coisas passadas já não são mais e as coisas futuras não são ainda: restaria aceitar que apenas no presente algo pode efetivamente existir. Indo, porém, na contramão dessa tese, Bergson e Deleuze vão defender a tese da existência (ou mais precisamente, como Deleuze coloca, da insistência) do passado. Segundo estes autores, o passado não passa, mas antes coexiste com o presente, graças ao trabalho da memória. Mas dizer que a existência do passado está vinculada à existência da memória não implica em dizer, por sua vez, que o passado tenha somente uma existência psicológica. Pois, para Bergson, a memória não é uma faculdade entre as demais, mas sim a própria condição de existência dos seres: tudo o que existe, dura; toda duração envolve a contração do passado; logo, envolve memória. Partindo dessa constatação do caráter ontológico (e não somente psicológico) da memória, Deleuze chega a declarar, em Bergsonismo, que o passado constitui o próprio “ser em si”. Isso significa que, para ambos os autores, o real não pode ser reduzido ao que se passa no presente, mas envolve necessariamente uma esfera complementar, que corresponde à existência desse passado propriamente ontológico, que envolve, segundo a concepção bergsoniana retomada por Deleuze, uma diversidade de planos ou níveis distintos. A esse passado corresponde primeiramente o que Deleuze chama de virtual: real sem ser atual, ideal sem ser abstrato, o virtual deleuziano é esta espécie de extra-ser a complementar o campo das ações concretas dos corpos e dos organismos. Para compreender melhor como se dá o processo de diferenciação e atualização deste passado virtual, recorreremos por sua vez, ao breve texto póstumo O atual e o virtual, de Deleuze, comparando-o com alguns trechos de Matéria e memória, de Bergson.

Palavras-chave:

Passado; Virtual; Duração; Bergson; Deleuze





Veredas História da Filosofia

Do inconsciente psicológico ao inconsciente ontológico no Bergsonismo de Deleuze

Flávio Luiz de Castro Freitas
Professor - UFMA
f_lcf@hotmail.com

O objetivo geral da presente comunicação consiste em explicitar linha argumentativa de Gilles Deleuze contida no livro intitulado Bergsonismo, de 1966, mais precisamente no capítulo 3 intitulado de "A memória como coexistência virtual (Ontologia do passado e psicologia da memória)". Nossa exposição tratará especificamente do percurso voltado para diferenciar os conceitos de inconsciente psicológico e inconsciente ontológico. Para tanto, exporemos a trajetória dos estudos bergsonianos em Deleuze, destacando a concepção da diferença segundo Bergson de 1954, Bergson, 1859-1941, de 1956; e Bergsonismo,; em seguida, identificaremos o problema central do Bergsonismo, o qual busca tratar das relações entre duração, memória e impulso vital no conjunto da obra de Henri Bergson; e por fim, mostraremos a "conversação" estabelecida por Deleuze, sobretudo com Matéria e memória e com O Pensamento e o movente de Bergson, para diferenciar o inconsciente psicológico do inconsciente ontológico, pois para Deleuze, em Bergsonismo, Matéria e memória é constituído pelo jogo entre esses dois conceitos de inconsciente. Desse modo, em sua linha argumentativa, Deleuze apresenta o problema da memória, que equivale ao seguinte enunciado: como a duração se torna memória de fato? Uma vez que é, inicialmente, uma questão que concerne ao "direito". Por conseguinte, Deleuze frisa que é possível demarcar cinco sentido para a subjetividade em Matéria e memória de Bergson: 1º a subjetividade-necessidade, 2º a subjetividade-cérebro, 3º a subjetividade-afecção, 4º a subjetividade-lembrança e 5º a subjetividade-contração. Ademais, destacaremos o falso problema, nos termos de Deleuze, a respeito do lugar em que as lembranças se conservam, passando pelo problema acerca da atualização da lembrança pura enquanto existência psicológica, justamente por ser um puro virtual. Nesse sentido, para Deleuze, o inconsciente psicológico se diferencia do inconsciente ontológico pelo fato deste último corresponder à lembrança pura, virtual, inativa em si mesma, já o inconsciente psicológico, por sua vez, representa o movimento da lembrança em vias de atualizar-se. Para Deleuze, em semelhante atualização as lembranças tendem a se encarnar, fazendo pressão para serem recebidas.

Palavras-chave:

Deleuze; Bergson; memória; duração; inconsciente.





Veredas História da Filosofia

Traços conceituais da repetição e do hábito em “Empirismo e subjetividade” e “Diferença e repetição”

Gonzalo Patricio Montenegro Vargas

Professor - UNILA. Universidade Federal da Integração Latino-americana

gozznl@gmail.com

Interessa-nos identificar os traços de conceptualização presentes em Empirismo e subjetividade (em diante ES), acerca de noções tais como “repetição” ou “hábito”. Desse modo, esperamos determinar o percurso argumentativo e textual que leva até a composição da primeira seção do capítulo II de Diferença e repetição (doravante DR), referida à constituição da síntese do presente. Para tanto, será necessário estabelecermos duas etapas na determinação desse percurso.

Na primeira etapa, trataremos das especificidades conforme Deleuze descreve o hábito como um princípio complementar ao da experiência na construção do conhecimento (ES, V). Colocaremos, assim, em evidência a disjunção que traça o francês entre hábito e repetição quando analisa as bases da causalidade em Hume. Com efeito, para o escocês a repetição de casos semelhantes, a conjunção constante, chancelada pela rigorosa análise do princípio de experiência não é suficiente para assentar a conexão necessária da causalidade. Esta deriva do poder da crença, que fundamenta a afirmação acerca de casos futuros. Eis a emergência do progresso que dá origem ao hábito: a conjunção constante no passado se torna, agora, uma força capaz penetrar o futuro.

A segunda etapa requer detalhar a articulação das noções citadas, agora em DR. ES introduzia uma separação entre duas concepções do tempo: o tempo considerado do ponto de vista das percepções distintas, sendo apenas uma forma de sucessão, e o tempo para a subjetividade, que incorpora a progressão do hábito e que gera, assim, as inclinações que regem o percurso temporal. Estes são abordados em DR, II em termos de dois níveis de repetição: a repetição material e a contraída. A segunda evidência a existência de uma síntese que garante a sucessão temporal a través de um elo que torna íntimos os diferentes momentos dessa sucessão. Trata-se de uma reprodução cuidadosa do trabalho desenvolvido acerca do hábito em ES e que denota, no entanto, uma tendência a maximizar a diferença expressiva do novo pensamento. Por isso, parece relevante atendermos as particularidades do argumento de DR e à declaração metodológica da “Introdução” acerca da colagem textual. Com efeito, esta mobiliza uma expressividade inédita ao abordar referentes da tradição tais como Hume. O Hume no espelho das colagens de DR não seria mais capaz de se reconhecer a si mesmo.

(Por gentileza, integrar se possível a mesa dedicada a Empirismo e Subjetividade)

Palavras-chave:

Deleuze; Hume; Repetição; Hábito





Veredas História da Filosofia

Aprendizados em Spinoza, Deleuze e Guattari durante a pandemia

Luiz Manoel Lopes

Professor - UFCA - Universidade Federal do Cariri

manoel.lopes@ufca.edu.br

RESUMO: Neste comunicação, apresentaremos os encontros que nos trouxeram até aqui, por estes motivos os denominamos de aprendizados, os quais nos possibilitaram tecer estas linhas; encontros surpreendentes, inimagináveis, que até hoje reverberem em nossos ânimos; dizemos nós, por termos feitos tais encontros que nos levarão certamente para múltiplos outros encontros. Nas seqüências deste apresentação, apontaremos para Spinoza, Deleuze e Guattari como propulsores de questões relacionadas ao pensamento e a vida. Deleuze nos impulsionou ao contato com Spinoza e Guattari, os quais nos impulsionaram para Deleuze. Em sínteses, tratamos de apresentar os encontros que nos impulsionam para as pesquisas filosóficas em Spinoza, Deleuze e Guattari, sobretudo quando se trata de pensar e sentir o que experimentaremos após o período e pandemia.

Palavras-chaves: Spinoza, Deleuze, Guattari, Filosofia, Imanência

Palavras-chave:

Spinoza; Deleuze; Guattari; Filosofia; Imanência





Veredas História da Filosofia

Deleuze e o empirismo transcendental: das condições da experiência possível à gênese da experiência real

Matheus Barbosa Rodrigues

Mestrando - UNIFESP

matheus_b_rodrigues@hotmail.com

O misto de elogios e críticas define o tom do engajamento deleuziano com Kant. Segundo Deleuze, embora seja o descobridor do transcendental, Kant mantém-se preso às condições formais da experiência possível, pois faltou-lhe alcançar a gênese material da experiência real. Na presente exposição, trata-se de demonstrar como com os termos "gênese" e "experiência real" Deleuze coordena objeções pós-kantianas com a recuperação de teses empiristas, coordenação essa no princípio do seu conceito de empirismo transcendental.

Palavras-chave:

Empirismo; Transcendental; Deleuze; Kant





Veredas História da Filosofia

Deleuze y la praxis en los clásicos

Miguel Ruiz Stull
Professor - Universidad de Chile
ruizstull@gmail.com

Esta intervención contempla exponer y analizar los vínculos de las tesis filosóficas fundamentales de Gilles Deleuze con diversas instancias del pensamiento clásico. Se articulará esta presentación en ahondar en las interpretaciones de Lucrecio y el epicureísmo, las extensiones probables con la Física de Aristóteles bajo la perspectiva de la categoría de alioiosis y, finalmente, una teoría de lo múltiple que se podría observar en los textos del sofista Gorgias. En suma, se pretende avanzar en una interpretación de una ontología de las multiplicidades para Deleuze a partir de operaciones conceptuales implícitas y explícitas en esta serie de pensadores de la Antigüedad en vista de abrir un marco de debate que pueda sugerir nuevas improntas de indagación para la filosofía de Deleuze

Palavras-chave:
Multiplicidad, materialismo, transformación





Veredas História da Filosofia

Uma cartografia da noção do Eu a partir da filosofia da diferença

Rafaela Nascimento Silva

Graduando - Universidade de Pernambuco

rafaelaasnas@gmail.com

O que seria o Eu? Uma identidade única, com essência imutável? E ainda assim, que seria essência? Seria algo de permanente? A filosofia da diferença, lente teórica pela qual esse trabalho será construído, fala de um contínuo movimento de perspectivas, ações e afetos, um constante processo de transformação, de encontros e acontecimentos. E voltamos à pergunta inicial: o que seria o Eu? Para falarmos sobre tal dimensão, traremos o conceito de subjetividade, não como algo imanente ao eu, comumente reconhecido como a personificação de crenças que norteiam um ser, mas imanente à existência, pela qual o Eu possa produzir. Guattari (2018) afirma que a subjetividade estaria em diferentes níveis, de forma que não se concentra em um ponto, ou em uma pessoa, mas sim se espalha entre os corpos. Ainda, o autor (1986) cita a subjetividade normalizadora, aquela que forma estratégias disciplinares, e a singularizadora, que cria novas possibilidades e estranhamento. Dessa forma, o singular não provém do corpo, mas sim dos acontecimentos; ou seja, são os encontros com outros corpos, sem direção ou resultados determinantes, que propiciam os significados provisórios. Fomos ensinados a nos compreendermos como identidades fixas, muitas vezes limitando nossas experiências ao consciente, na pretensão de podermos medir todos os acontecimentos a partir do nível mental - compreendido como centro unificador dessa identidade. No entanto, a partir da compreensão do princípio rizomático de “decalque e cartografia” por Deleuze e Guattari (1995), é possível pensar nessa identidade como um decalque das multiplicidades de afetos que transmutam o corpo: uma fotografia de um ponto fixo atravessado por múltiplos movimentos. E por ser o corpo aquele que tem a experiência global do estar no mundo, a experimentação que vem deste é muito mais desperta que a da nossa consciência. De fato, os acontecimentos não dependem de nossos pensamentos, tanto que não somos capazes de notar todas as diferenciações que ocorrem em um instante; pelo contrário, nos apegamos à repetição e confiamos no que nos parece mais sólido, e é aí que caímos na ilusão de identidade permanente, atribuindo-a a um “Eu”. Este trabalho objetiva, em última instância, problematizar a noção de Eu tão presente nas ciências psi pela lente da filosofia da diferença, de modo a contribuir para cartografia de processos de subjetivação na contemporaneidade.

Palavras-chave:

Identidade; filosofia da diferença; subjetividade; subjetivação.





VEREDAS LITERÁRIAS





Veredas Literárias

Kafka e um agenciamento entre Deleuze, Guattari e Benjamin

Benito Eduardo Maeso

Professor - IFPR - Instituto Federal do Paraná

benito.maeso@ifpr.edu.br

Walter Benjamin é largamente conhecido por causa da expressão “história a contrapelo”, que significa, como sabido, a necessidade de resgatar os vencidos, os derrotados na luta de classes, os oprimidos no processo de construção da dita civilização, e dar-lhes voz, contar sua história para que seu sacrifício não tenha sido em vão. De forma esquizo, esta ideia parece ressoar no coração de um dos principais conceitos políticos de Gilles Deleuze e Félix Guattari: o “menor” ou minoritário, uma ideia surgida na análise feita por ambos sobre a obra de Kafka. O menor é um tipo específico de literatura que se caracteriza por ser atravessada por um forte componente político e por ser a voz de grupos que não se encaixariam dentro do chamado padrão majoritário (seja do romance burguês, seja do pesadelo que hoje chamamos de cidadão de bem, os “vencedores” da História). Ou seja, uma literatura que é a voz daqueles que estão à margem da narrativa dominante. Sendo a história “dos vencedores” uma narrativa que costura a compreensão sobre o presente, ela não deixa de ser uma obra de “ficção” em certo nível, de maneira que este caráter “menor”, esta necessidade de ouvir os silenciados, o potencial revolucionário contido nos que estão imersos na sociedade, mas não são “reduzíveis” a ela, estaria presente tanto na narrativa literária como na histórica. De forma análoga a Deleuze, um dos textos mais importantes de Benjamin também trata da obra de Kafka e a vê como, ao mesmo tempo, imemorável e absolutamente presente. Acreditando que esta coincidência de temáticas possa dar condições de estabelecer agenciamentos conceituais entre os autores, este texto surge de uma experiência de leitura de trechos de obras de Franz Kafka a partir das interpretações feitas por Walter Benjamin e Gilles Deleuze sobre o escritor checo, com o objetivo tanto de articular seus conceitos como de, por meio de suas análises literárias, compreender elementos de suas filosofias e experimentar possibilidades de compreensão da arte, da cultura e da sociedade.

Palavras-chave:

Literatura; contrapelo; menor; história; filosofia; sociedade





Veredas Literárias

Os dois corpos da letra em Deleuze: a escrita entre o vital e o orgânico

Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci

Professor - UEMG

christian.guimaraes.vinci@gmail.com

Ainda que a temática da escrita seja algo marginal em sua obra, Gilles Deleuze legou uma série de pequenos comentários sobre o processo de escrever – sobretudo levando em consideração o seu trabalho conjunto com Félix Guattari, seu parceiro em obras que se valeram de experimentações escriturais radicais. Nesses poucos excertos legados, surpreende constatar o duplo tratamento concedido pelo filósofo francês à temática da escrita. Em certo momento de sua obra, por exemplo, vemos Deleuze condenar a sobrevalorização da escrita, argumentando que esta deve ser considerada como uma atividade corriqueira qualquer, um fluxo dentro outros, tal qual comer, defecar, ejacular etc. “Escrever é um fluxo entre outros”, argumenta o filósofo, “sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entre em relações de corrente, contracorrente, de redemoinho com outros fluxos, fluxos de merda, de esperma, de fala, de ação, de erotismo, de dinheiro, de política etc.” (Deleuze, 2006, p. 16-7). Em outra ocasião, contudo, a escrita é apresentada ao leitor como algo inseparável do devir, algo por demais importante para ser desprezada. A escrita, nesse outro diapasão, aproxima-se da clínica, ela é a portadora de uma força vital ímpar, promotora de uma passagem de vida capaz de promover uma reordenação sensível do espaço empírico. Como compreender ambos os tratamentos concedidos à escrita no corpus deleuziano? Procuraremos, com esse breve ensaio, discutir esse duplo tratamento concedido por Deleuze ao tema da escrita, apresentando para escrutínio a seguinte hipótese: vigoraria, no interior do sistema deleuziano, uma concepção orgânica de escrita e uma concepção vital, cada qual interessada em promover uma outra relação com o corpo da letra. Enquanto em um plano orgânico a escrita não se diferencia de nenhuma outra função corpórea, algo tão importante para um ser humano quanto comer ou evacuar ou viver em sociedade; no plano vital, por sua vez, ela assumiria um estatuto clínico da mais elevada importância, sendo atrelada à produção de zonas de indiscernibilidade capazes libertar o pensamento – e a vida – das amarras nas quais se vê envolvido. Essa discussão, de caráter metodológico sobretudo, nos auxiliará a compreender como a tessitura escritural de algumas obras deleuzianas e deleuzo-guattarianas, obras escritas em dissonância com o legado filosófico ocidental, bem como acentuar um outro veio do anti-platonismo e do anti-hegelianismo deleuziano.

Palavras-chave:

Escrita; Vitalismo; Deleuze.





Veredas Literárias

A arte de literature-se em transbordamentos...

Débora do Couto Pereira

Grupo de estudos - Universidade Federal do Pampa

d.coutopereira@gmail.com

Este trabalho traz uma reflexão sobre a arte do literaturar-se em transbordamentos que possibilitem vivências através de um devir-leitxr, conforme entendimento embebido de Deleuze e Guattari. O que pode ser um devir-leitxr? O que significa literaturar-se? Não me preocupo em classificar conceitos apertados a exemplo de um muro unido pelo cimento, imóvel, simétrico, parêlo, reto, mas em possibilitar à exploração do diverso, pois o devir-leitxr dialoga com a ideia de amplo, rizoma. Desterritorializa e territorializa existências num movimento incessante, complexo, cheio de vida.

Palavras-chave:

Literatura; devir; rizoma





Veredas Literárias

Fernando Pessoa e os devires-moleculares

Enzo Estevinho
Graduando - UFPR
enzoguido20@gmail.com

A heteronomia está intimamente ligada ao trabalho de Fernando Pessoa, o poeta português cria devires e multiplicidades que povoam suas obras, logo, Bernardo Soares, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro são seres ao mesmo tempo reais e puramente estéticos; suas existências, o ajudante de guarda livros ou o guardador de rebanhos, são vividas de uma forma totalmente artística, pois seus “eus” não só foram criados por uma intenção lírica de Fernando Pessoa, mas seus atos, pensamentos e sensações captam e exprimem visões artísticas que um autor único não poderia fazê-las, pois o poeta aprendeu a viver esteticamente em alteridade com seus heterônimos. Ao realizar seu devir-outro, o poeta português cria e, o mais importante, dá voz a seres puramente artísticos, cada um trabalhando em seu campo e com visões ora totalmente dispares ora semelhantes.

Na sessão Lembranças de um feiticeiro III do décimo capítulo de Mil Platôs de Gilles Deleuze e Félix Guattari (Volume 4 da edição brasileira), ali os autores analisam os devires moleculares, imperceptíveis, inauditos que têm na arte as formas de expressão, assim, o devir que é multiplicidade: “tende cada vez mais a devir molecular, numa espécie de marulho cósmico onde o inaudível se faz ouvir, o imperceptível aparece como tal: não mais o pássaro cantor, mas a molécula sonora” (DELEUZE; GUATTARI, ANO 1980, p23.). A arte abre a percepção para um campo microscópico que é atravessado por linhas de fuga com seus fluxos, cortes e conexões, num processo de aliança e contágio, quando o devir se metamorfosoa em devires de moléculas e partículas imperceptíveis que povoam o plano e fazem dele um plano de imanência. Esse procedimento é o mesmo do vivido por Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa, quando descreve o seu processo criativo, sua doutrina do sensacionismo, observado no poema Educação Sentimental, o autor afirma ser necessário, para produzir sua obra “sentir as coisas mínimas extraordinária e desmedidamente”. Neste trabalho pretendo aproximar a composição do poeta português da análise do devir feita pelos filósofos franceses, especificamente os devires moleculares; tal afinidade é também apontada por José Gil em seu livro Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações, ali Gil afirma que a obra pessoana se propõe a “sentir tudo de todas as maneiras”, para isso é necessário “tornar literários os órgãos dos sentidos; e ser-se capaz de múltiplos devires outros”.

Palavras-chave:

Fernando Pessoa; poesia; literatura; devir-imperceptível





Veredas Literárias

A Terra e o Professor Challenger: quem são essas personagens que dramatizam o platô 3?

Ester Maria Dreher Heuser
Professor - UNIOESTE
esterheu@hotmail.com

A Terra e o professor Challenger são as duas personagens que animam, dramaticamente, o terceiro platô "10.000 a. C. Genealogia da moral (Quem a Terra pensa que é)". Essa comunicação se ocupa de apresentá-las sob duas perspectivas: a de Conan Doyle, autor de "O dia em que a Terra gritou"; a de Deleuze e Guattari que dramatizam a Terra, o grande Corpo sem Órgãos, em meio aos processos de estratificação, de um ponto de vista cosmológico, enquanto põem em devir o professor Challenger que "há muito se tinha esquecido qual era a sua especialidade" (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 57), uma vez que se tornou uma criatura à beira do abismo.

Palavras-chave:
Terra; Challenger; personagens; Mil platôs;





Veredas Literárias

Qual é o corpo sem órgãos de uma literatura-viva? cartografias de uma geografia dos encontros.

Jônatas de Jesus Tavares Farias
Graduando - UFPA - Campus Cametá
jonatasdijesus@gmail.com

Este trabalho constitui-se das cartografias de movimentações geográficas-corpóreas-subjetivas experimentadas em torno do conceito de Literatura-viva. A literatura-viva surge nos percursos de cartografias-outras, de mapeamentos constituintes de pesquisas de campo e pesquisas teóricas realizadas em vinculação aos projetos de pesquisa “Uma educação no dorso do tigre: literatura e experiências formativas” e “O livro-rizoma e a máquina literária: devires do corpo político feminino nas artes de escrever-educar”; Propõe-se aqui um estudo teórico-experimental, em torno da literatura-viva, tomada enquanto um ato de pensamento e de criação, embrenhado numa geo-grafia que tece suas singularidades e potencializações junto a poética de Manoel de Barros e à filosofia deleuze-guattarriana. Literatura-viva é um acontecimento. Insurreição de um encontro entre palavra literária e escola básica. Um movimento incerto em direção ao pensamento. Algo que se passa entre o corpo de uma escola e o corpo da palavra literária. Pulsação do vivido, que sobrevoa sobre ele. Limiares de um ato-escrita. Composições e variações de uma geo-grafia. Experimentação de: qual é o corpo sem órgãos de uma literatura-viva?; Intenta-se adentrar os espaços constituídos pelos movimentos errantes e de Solidão e desérticos, do percorrer da literatura-viva na geografia de seu corpo sem órgãos. Buscando-se acompanhar as variações e linhas que se traçam entre o território desconhecido deste corpo-pensamento-vida e os territórios da poética manoesca, no sentido de um agrimensar, de mapear as matérias intensivas provocadas pelos encontros, de quais intensidades são produzidas nesses deslocamentos e deslizamentos entre as zonas da literatura-viva e da poética, ainda, de como traça seu plano de consistência, com quais corpos sem órgãos ela faz convergir o seu e o que arrasta consigo, por fim, como opera desterritorializações nesses fluxos conjugados, como faz passar a linha feitiçeira que rumo à uma geografia por vir. Embrenhados de tais tensionamentos tomamos os escritos de Deleuze & Guattari (1995, 1997, 1998), a fim de experimentarmos composições, mapeamentos e linhas abstratas, que de alguma forma deem língua aos afectos que pedem passagem, ensaia-se uma escrita junto às noções de rizoma, corpo sem órgãos, devir animal, devir criança, desterritorialização. Traçamos atravessamentos com Blanchot (2005), conectados ao pensamento do Fora, bem como com Barros (2010), nas despalavras de sua poética do ínfimo. Desta forma, no traçar de linhas atravessantes entre tais conceitos, pensamentos e poéticas, rumamos aos limiares, ao (des)fronteiriço do pensamento, à potência e ao por vir de uma literatura-viva, das vias que traça em direção à outros encontros.

Palavras-chave:

Cartografia; Corpo Sem Órgãos; Literatura-viva; Manoel de Barros





Veredas Literárias

Agenciamentos coletivos de enunciação e vozes sociais: aproximação possível?

Katia Sayuri Fujisawa

Doutorando - Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Unicamp
sayuri.kat@hotmail.com

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla em que se busca enriquecer a teoria da enunciação do Círculo de Bakhtin com conceitos de Deleuze e Guattari, com o objetivo de pensar a possibilidade de difusão de processos de singularização (GUATTARI, 1985), por meio de enunciados concretos, para a geração de transformações sociais, através de revoluções moleculares, conceito de Guattari (GUATTARI, 1985, 1990; GUATTARI; ROLNIK, 1996). Essa articulação foi pensada, por se notar a possibilidade de aproximação entre conceitos do Círculo e dos dois autores, sendo ressaltados, neste trabalho: os agenciamentos coletivos de enunciação de Deleuze e Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 1997; GUATTARI, 2006) e as vozes sociais do Círculo (BAKHTIN, 2015), ambos participantes de processos de subjetivação. Além disso, Deleuze e Guattari mencionam Bakhtin, em Mil Platôs, por esse autor considerar o caráter social da enunciação, que praticamente, na época, era desconsiderado por teóricos da Linguística, e Guattari cita alguns conceitos de Bakhtin em sua obra. Sobre o processo de subjetivação, Deleuze e Guattari afirmam a existência de uma economia subjetiva, tendo como participantes os agenciamentos coletivos de enunciação, e Guattari (2006) salienta que cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização. Já o Círculo de Bakhtin, afirma a formação de uma consciência a partir das interações sociais, sendo o conteúdo da psique: pensamento, sentimentos e desejos formados pelo discurso verbal, num sentido sociológico amplo e concreto (VOLOSHINOV, 2012), sendo as vozes sociais maneiras de cada grupo social dizer o mundo (FARACO, 2017). Apesar de o Círculo negar a existência do inconsciente, há a elaboração do conceito de ideologia do cotidiano, que parece ser uma proposta alternativa ao inconsciente freudiano (GRILLO, 2017). Ademais, embora o Círculo faça parte de um contexto em que a letra e o impresso predominavam, outras semioses, como som, movimentos do corpo entre outras, também eram consideradas por ele.

Palavras-chave:

Agenciamentos coletivos de enunciação; vozes sociais; Círculo de Bakhtin





Veredas Literárias

Imbricações da literatura de testemunho como literatura menor em Deleuze e Guattari

Liana Márcia Gonçalves Mafra

Doutorando - Universidade Federal do Para-UFPA

lianamafra@gmail.com

A presente proposta de comunicação é parte da pesquisa em andamento, desenvolvida no doutoramento em Letras na UFPA, e objetiva apresentar imbricações preliminares dos conceitos de Literatura Menor, de Desterritorialização e Reterritorialização desenvolvidos por Deleuze e Guattari, relacionando-os à Literatura de Testemunho no contexto das ditaduras de Segurança Nacional no Cone Sul da América Latina, que provocou exílios, insílios, desexílios, em processo de fuga e ruptura geográfica e do pensamento. Nesta elaboração des/reterritorializada tem-se uma narrativa literária atingida pelo social, histórico, estético de um determinado espaço-tempo. Desse modo, a partir da concepção de literatura menor e movimentos de desterritorialização e reterritorialização postulados por Deleuze e Guattari, problematizaremos as narrativas testemunhais como uma estética nova, subversiva em relação ao estabelecido, marginal em relação à estética posta. Uma literatura sem grandes mestres, sem feição individual, que se desvia do padrão, elaborada em uma língua menor, transgressora. Outros pontos explorados na proposta são os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, como vetores de abandono e construção de um novo território, como processos indissociáveis, que podem se dar no próprio socius ou no pensamento, em diálogo com as narrativas testemunhais latino-americanas que são resultados também do processo de desterritorialização narrativa frente a outras. A ação de desterritorializar associa-se à literatura menor, considerando que envolve uma descaracterização cultural, no espaço e na língua, em grupos marginalizados, perseguidos, dissidentes. A literatura de teor testemunhal, como a literatura menor, desvia-se do padrão, transgride e extrapola um sistema já aceito e conhecido, criando um novo, em consonância com diversas áreas do pensamento, pois lidar com narrativa de teor testemunhal é aproximar-se, de forma rizomática, da história, do direito, psicanálise, memória, filosofia, sociologia. Esta narrativa entrelaça-se a diversos campos do pensamento, subvertendo as fronteiras que se quer estabelecer entre eles. O caráter menor desta literatura implica em valores como diferença, variação, subversão.

Palavras-chave:

Literatura de Testemunho; Literatura Menor; Desterritorialização





Veredas Literárias

Paul B. Preciado: por uma literatura junkie-menor

Lis Macedo de Barros
Mestrando - FFLCH - USP
lis.macedo.barros@gmail.com

Se literatura são agenciamentos e a escrita nada tem a ver com significar, mas sim cartografar regiões que ainda estão por vir, a obra Testojunkie de Preciado pode ser pensada como um livro-rizoma com suas multiplicidades, linhas, intensidades e velocidades em conexão e desconexão, como uma produção mensurada de uma literatura menor, com suas características de: desterritorialização da língua, ligação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação, critérios esses que Deleuze & Guattari, em *Kafka: por uma literatura menor*, definem como um dever revolucionário dentro de uma literatura maior. Desta maneira, o presente texto tentará esboçar e cartografar uma produção de literatura menor em Testojunkie, utilizando majoritariamente os capítulos narrativos, de auto-ficção, de protocolo de intoxicação voluntária, capítulos literários, nos quais Preciado traça mutações, experimentações, narcoses, reinvenções subjetivas, da máquina da escrita, da vida enquanto ministra pequenas doses de testosterona em seu próprio corpo de não bio-homem: “Este livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona a respeito do corpo e dos afetos de B.P.” (PRECIADO, 2018, p.13) e como um livro está articulado com segmentaridades e corpos-sem-órgãos, essa obra trabalhada também se expande coletivamente com o intuito de traçar linhas com os fluxos do planeta, os fluxos econômicos, com as penitenciárias e instituições de repressão, redes de comunicação e vigilância. Páginas que relatam o cruzamento de teorias, moléculas e afetos: experimentação políticas, reflexões filosóficas, relatos de aplicações de hormônios e detalhamentos de práticas sexuais. Por fim, uma literatura junkie-menor como uma especificidade da relação da escrita e da prática e/ou envenenamento de si, visto que o filósofo utiliza uma droga, um fármaco, um junkie que ainda é uma biomolécula, um dispositivo que pode gerar adicção, sob várias perspectivas, mas não altera a percepção e o humor, e sim muta a subjetividade, experiencia-se com radicalidade outra realidade através da doses medidas de testosterona.

Palavras-chave:

Preciado; literatura; Deleuze&Guattari; literatura menor; drogas





Veredas Literárias

Biburcações dos legalismos: institucionalização da escola e das relações penais no século XX

Estela Scheinvar – Doutora em Educação,, UERJ (UERJ)

Lukas Lobo Santos – Licenciado em História pela UERJ

Rafael da Cruz – estudante de licenciatura em História na UERJ

Juliana Aney - estudante de licenciatura em História na UERJ

Pesquisadoresno grupo de pesquisa "Subjetividade e política no campo da infância e da juventude" -

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

lobolukkas@gmail.com

RESUMO

No contexto das relações entre produção de subjetividade e políticas sociais no governo da infância e da juventude, as relações pedagógicas brasileiras do século XIX emergem por meio da institucionalização da escola como função pública. Um elemento central à organização da sociedade liberal. A presença da lógica do direito, com sua perspectiva punitiva, é clara nos documentos legais que organizam a escola como política de Estado, entre 1827 e 1865. Sua força está em sua condição de verdade que, entretanto, a partir de Deleuze e Guattari, pode ser analisada por meio de deslocamentos (bifurcações?), ao não abordarmos os postulados (no caso, postulados legais) como uma entidade, mas em sua dimensão microfísica. Um exercício que tem no analisador, como proposto por Guattari, uma ferramenta catalizadora das forças que constituem os modos de entender o mundo e de agir. Assim, não se trata de discutir os enunciados legais como instância molar que define o ilegal, mas de problematizar, tendo o analisador como ferramenta, a relação penal e punitiva estabelecida pela lógica do direito, em sua expressão microfísica, lendo as práticas cotidianas da escola. Nos termos de Deleuze, a análise de acontecimentos diários nada tem a ver com a miniaturização de uma formulação macropolítica que se opõe a outra (como a relação entre legal e ilegal), mas com a complementariedade molecular que instrumentaliza uma relação chamada por Foucault de ilegalismo, ao colocar em ação a legalidade. Sem nos rendermos à oposição dicotômica induzida pelo olhar molar estudamos os efeitos micropolíticos de bifurcações (sempre no plural) de um postulado que tem a vocação do verdadeiro ao instituir nas relações diárias da escola formas educativas, políticas, técnicas. De forma disruptiva, o analisador deixa transparecer o modo como a obediência às normas legais alimenta uma ordem discursiva que faz com que a vida seja compreendida por meio do padrão que o direito estabelece, contrariamente à ideia de ser instrumentos para impedir as ilegalidades.

Palavras-chave:

Escola; Micropolítica; Ilegalismos.





Veredas Literárias

Pensar a escrita com Manoel de Barros: um processo de resistência

Marcelo Vinicius Costa Amorim

Mestrando - Universidade Federal de Catalão - UFCat

m.viniuh@gmail.com

Pensar “com” é algo que a filosofia deleuziana nos proporciona, argumenta, explora, e é a partir deste legado que pensar com a poesia de Manoel de Barros é navegar entre palavras, no processo de escrita antropofágico que busca composições e sintonias inusitadas, desembocando na criação. A escrita comporta algumas armadilhas e é preciso que experimentemos seus devires para escapar das forças despóticas que dela fazem uso. A escrita barroelina é nuançada pelo processo da escrita confluindo com a literatura menor, que esburaca e areja as cristalizações e imobilidades da escrita hegemônica, resiste àquilo que reduz a potência e as intensidades do processo de escrever. As palavras e seus entres podem servir como marcas, eles podem acontecer em nossos corpos como vibração (ROLNIK, 2018), evidenciando o corpo vivo como profunda extensão da pele onde as palavras se espriam. Hoje, no mundo globalitário, deparamo-nos com as tramas produtivistas, e para recusar esses adocimentos, as palavras podem se apresentar como mecanismos de saúde, literatura como respiro e vida (DELEUZE, 2011), fazendo fugir, escapar de certas forças reativas. É próprio do processo da escrita poder combater esse império que torna tudo mercadoria, inclusive a própria escrita, pois o ato de criar e de inventar ao propor novos caminhos engendra em nós a coragem necessária para se lançar no entre fronteiras de palavras e ideias já estabelecidas. Cartografar o território da escrita inventiva do campo poético é causar experimentações no mundo sempre porvir das despavras, o que com Barros (1996) pressupõe outra velocidade, por tempos outros e percepções outras, no mundo miúdo dos trastes, trapos, insetos, musgos, da gramática do chão e do nada, no apreçamento de “uma desviação ortográfica para o arcaico”. Fazer da escrita poética um processo enquanto máquina de guerra, descomeçar com o verbo, fazer verbo delirar compondo com o devir-criança que faz palavra funcionar diferente, com os ínfimos e infames que gritam com voz de fazer nascimentos, instigando movimentos para encontrar o inusitado, o estrangeiro, banhar-se no inesperado. Escrever é se por fruto de variadas composições, e para além da fatalidade biológica do nascer e morrer, ser corpo lettral, corpo de sílabas e frases, desnomes, desobjetos e todos os elementos jogados fora que se tornam matéria de poesia, para que se produza mundos “até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar” (BARROS, 2004). Escrita menor onde as palavras como animais, podem insetar os procedimentos linguísticos, linguagem beirando os extremos, tensionando limites.

Palavras-chave:

poesia; escrita; resistência; criação





Veredas Literárias

Borges, por outra literatura menor

Pablo Enrique Abraham Zunino
Professor - UFRB
pablo@ufrb.edu.br

O objetivo desta comunicação é apresentar algumas notas de trabalho que sugerem a possibilidade de se pensar uma literatura menor na obra de Jorge Luis Borges. Evidentemente, essa hipótese se nutre de saída do livro que Gilles Deleuze escreveu junto com Félix Guattari: *Kafka, por uma literatura menor* (1975). Mais do que pensar em paralelo os conceitos que se desprendem da obra kafkiana, como se procurássemos um denominador ou uma imagem comum na obra de Borges, este trabalho se propõe examinar de modo preliminar algumas referências que Deleuze faz à literatura – notadamente de Borges, na sua obra mais emblemática: *Diferença e Repetição* (1969). Sem ir mais longe podemos detectar, logo no prefácio, a caracterização de um livro de filosofia como uma novela policial ou como uma obra de ciência ficção. Isto constitui o primeiro momento da nossa exposição, que busca compreender a confrontação entre livro real e livro imaginário segundo o conto de Borges: *Pierre Menard, autor do Quixote*. Já no Capítulo 2 – *La repetição para si mesma*, Deleuze remete a terceira síntese do tempo à figura do labirinto em linha reta, sem dúvida, um dos temas mais recorrentes na literatura do escritor argentino; aquilo que talvez tenha inspirado Deleuze a pensar o jogo da diferença e da repetição. Para verificar se esse o caso, deveremos indagar outros dois contos de Borges, citados por Deleuze em nota de rodapé: *A loteria em Babilônia* e *O jardim de veredas que se bifurcam*. A loteria, notará o filósofo, é uma intensificação do acaso, que nos revela uma operação do caos no cosmos, isto é, a ideia de que o acaso participa de todas as etapas do sorteio e não apenas de uma. Esse fio condutor nos aproximará da fórmula deleuziana segundo a qual um livro é expressão do cosmos, para dela deduzir a identidade entre caos e cosmos tal como se verifica de certa maneira em outro conto de Borges: *A biblioteca de Babel*, onde a Biblioteca é o Universo.

Palavras-chave:

Literatura; Borges; Diferença, Repetição





Veredas Literárias

Entre personagens, literaturas e produções textuais: experimentações com a fabulação

Rafael Agatti Durante
Graduando - UFSM
rafa.agatti@yahoo.com.br

Esta escrita surge a quatro mãos e múltiplas invenções. São mapas fantasiosos, tramas desconstruídas, estereótipos e personagens amputados. Compartilhamos um processo de leitura e escrita acadêmica a partir de diferentes literaturas e imagens que se formam juntas a essas escritas. Nosso desejo emerge da possibilidade de pensar e produzir algumas movimentações com a criação e, sobretudo, produzir alguns movimentos de resistência frente ao que engessa, molda e toma o fôlego.

Objetivamos apresentar nestas linhas algumas possibilidades de reinventar contos, desmontar personagens considerados famosos e abrir portas para diferentes experimentações na educação e na arte com a produção de uma tese e um trabalho de conclusão de curso. Junto às literaturas de Alice no País das Maravilhas (CARROLL, 2015) e O Pequeno Príncipe (SAINT-EXUPÉRY, 2014), trazemos a fabulação para tratar do movimento de criação de imagens em meio a conceitos, a estudos e a elaboração de um texto afetivo, que não se quer linear e narrativo. A essas movimentações, nos aliamos com a noção de fabulação (DELEUZE, 2011) para pensar no processo de criação que atravessou nossas produções imagéticas e textuais, movimentando o pensamento para criar com o que não se apresenta em seu todo, com fragmentos e algumas pistas encontradas pelo caminho.

A fabulação se presentificou em nossos escritos pela possibilidade “[...] de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 202). Essa noção é tratada pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari quando tratam de questões relacionadas ao cinema e a literatura, ao campo da arte. Apesar da semelhança morfológica, difere-se do conceito de fábula, a qual segue uma narrativa, uma história vivida por animais que faz alusão a comportamentos humanos, explicando e tratando de uma certa moral atribuída a essas situações. Já a fabulação segue um viés totalmente antinarrativo, que não se guia por regras, procedimentos e não segue um começo-meio-fim, mas se esgueira pelos trânsitos de criar em devir, sempre inacabado, em vias de fazer-se não em um mundo utópico, mas no aqui e agora, nesse mundo. Com essa noção seguimos movimentos entre educação e artes não fixos, olhando também para os (des)encontros nos espaço que circulávamos, pensando nas subjetividades que são produzidas e que podem levar a outras movimentações.

Palavras-chave:

Literatura; Fabulação; Educação; Arte



Veredas Literárias

Literatura e Cartografia: percursos possíveis nos entres e brechas da obra Mrs. Dalloway

Roberta Paixão Lélis da Silva

Mestrando - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

robertalelis@outlook.com

“O ideal de um livro seria expor toda coisa sobre um tal plano de exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem (...)”

Deleuze e Guattari – MIL PLATÔS Capitalismo e Esquizofrenia

Cartografando momentos, sentimentos, linhas de fugas através de devires e afectos provocados pela obra Mrs. Dalloway de Virginia Woolf. Em diálogo com a filosofia da diferença, através de agenciamentos (que fazem crescer dimensões), percorrendo rizomas, aumentando conexões. Nessa obra que retrata um dia na vida de Clarissa Dalloway e neste um dia, relata toda a vida. Woolf traz uma nova forma de linguagem, de escrita e do contar: o fluxo de consciência, percebido aqui como uma literatura menor, que subverteu os moldes da literatura anglófona, e que se põem a produzir novos enunciados e introduz novas linhas de fuga. Quê movimentos Woolf percorreu para redigir tal obra que aborda temas como existencialismo, feminismo, psiquiatria e homossexualidade? Para Deleuze, escrever é tornar-se outro, para além do escritor, é entrar em devir, “tornar-se estrangeiro” em si mesmo, se perder (para se encontrar) em meios moleculares. Traçar territórios por entre as ruas da Londres, pós primeira guerra mundial, atravessando pensamentos, migrando por entre as consciências, desterritorializando, em devir-outro. São por essas ruas também que esbarramos com Spitus Smith, veterano de guerra, que se debate com sua mente, na linha tênue entre a realidade e a alucinação. Mas o que é a realidade se não o que criamos na nossa mente, linguagens e estilísticas clandestinas, mapas de intensidades. Navegar por planos comuns, aos quais habitam criador, criação e espectador. Como imaginar, criar e recriar o que se passa no íntimo da consciência, qual a cadência dos pensamentos? Como eles se dão? Como sensações podem desnudar memórias, (re)viver sentimentos, trazer ao presente o que estava no passado? Pensando o limite entre a ficção e a realidade, o neorealismo presente na literatura. O que a produção artística diz sobre o autor? Questões que surgem de questões, não temos pretensão de responde-las, mas sim, permitir que elas movimentem ideias e vontades e intuições. Possibilidades do devir- escritor, devir-leitor.

Palavras-chave:

Filosofia da diferença, devir, Virginia Woolf





Veredas Literárias

Virar fome neste labirinto

Saulo de Araújo Lemos
Professor - Universidade Estadual do Ceará
saulo.lemos@uece.br

Quarto de despejo: diário de uma favelada, diário-romance, ficção-experiência da escritora mineira Carolina Maria de Jesus (1914-1977), quando de sua estadia na favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950, sugere a favela como um labirinto deslanchado por dispositivos de diferença e repetição, em que os afazeres cotidianos se imprimem por variações mínimas: buscar água, catar víveres do lixo, percorrer a cidade, essa extensão da favela se você é favelado, brigar ou conversar amistosamente com os vizinhos, ler, escrever, pensar a política, passar fome quando não há opção. Favela: criação de tempo por perto da leitura deleuziana de Bergson, não como quantificação métrica do continuar vivo, mas como signo da percepção assignificante disso. A imagem do labirinto, enunciada como o “jardim de caminhos que se bifurcam”, é, no conto de Borges, como se sabe, o próprio tempo, misturando a inevitabilidade do presente concreto aos corredores possíveis e impossíveis por que percorre o pensamento, essa matéria informe, energia cuja partícula é a linguagem. No labirinto da favela, a fome é a matéria ou antimatéria primordial do pensamento. Vir à fome nossa de cada dia é virar fome, ser peão dela e, talvez, virar a fome, avessá-la de modo que de queixa e falta ela passe a ser também uma trilha vibratória do desejo: um devir, como diriam Deleuze e Guattari em Mil platôs, ou um porvir, como diria Blanchot em O livro por vir, de espaço-tempos específicos da vida precária brasileira, latino-americana, mundial. A fome, nesse contexto, é desafio imposto e assumido, a arte mais intensa, faça só lâmina, da fome com que o faminto faz rizoma. Considerando estas questões, esta proposta de fala parte do livro de Carolina e do conto de Borges (“O jardim de caminhos que se bifurcam”) para propor uma leitura menor, micropolítica, da modernidade, vista da favela como uma construção de fome e guerra diluídas, que muitos fingem não ver, mas para a qual outros não têm alternativa; devir-fome, fome como duplo do humano e princípio de comunidade.

Palavras-chave:
devir-fome; labirinto; Gilles Deleuze; Félix Guattari





Veredas Literárias

Implicações das composições literárias no agenciamento de escrita Deleuze-Guattarino platô 6 de Mil Platôs:

Wagner Honorato Dutra
Doutorando - PUC Minas
wagnerhonoratodutra@hotmail.com

Anne Sauvagnargues sugere em *Deleuze et l'art*, que os usos que Deleuze e Guattari fazem da arte – e isso também vale para a literatura – pressupõem a criação de uma nova teoria sustentada no processo de invenção de uma escrita múltipla. Eles articulam teoria e prática usando o dispositivo de escrita impessoal. Consiste numa maneira singular de produção textual que traz a marca de um discurso assubjetivo, que se desenrola sobre o plano empírico do devir político-social, da etologia e da pragmática.

Nos escritos esquizoanalíticos, especialmente em *Mil Platôs* (1980), as relações que Deleuze e Guattari estabelecem com os seus interlocutores são marcadas por um tipo de apropriação ativa. Trata-se de um *modus operandi* descrito e problematizado por eles a partir de diferentes noções, como as de captura, de construcionismo, de roubo entre outras. A lógica de funcionamento implícita a esse procedimento, que aqui qualificamos provisoriamente de Agenciamento de Escrita Deleuze-Guattari (AE D-G), é frequentemente atribuída por eles à literatura.

Entendemos que essa aproximação não é um gesto accidental, nem mera figura retórica. Deleuze e Guattari agenciam os territórios literários de maneira intensiva. Isso quer dizer que esses elementos são identificáveis e podem, de algum modo, ser tematizados, mas, e isso é importante salientar, eles dificilmente se deixam fixar em posições estanques no texto. Talvez isso ocorra para fazer resistência aos modelos de capturas próprios aos sistemas totalizantes justificados na busca por verdades universais.

As referências literárias são usadas em contextos variados e, nesse sentido, aquilo que é extraído de determinado autor é conectado a outro e algo acontece. Esses deslocamentos ou arranjos oferecem novas possibilidades de experimentação, cujas nuances exploraremos nessa comunicação. Nosso objetivo é sinalizar algumas características do funcionamento do AE D-G com base nos usos que Deleuze e Guattari fazem da literatura no platô 6 de *Mil Platôs*. Para tanto, conduziremos nossa apresentação com base num percurso argumentativo organizado em três etapas. Primeiramente justificaremos o valor da literatura para a compreensão do AE D-G. Em seguida explicitaremos as diferentes composições que os autores fazem com a literatura no platô 6 para, enfim, problematizarmos algumas implicações teórico-conceituais decorrentes desses arranjos.

Palavras-chave:

Literatura; Mil platôs; agenciamento.





Veredas Literárias

Escrita como performance - Fragmentos e sínteses conjuntivas

Waldenilson Teixeira Ramos

Graduando - Universidade Federal Fluminense

waldenilson1@gmail.com

Este é um resumo de um processo de escrita de um livro, neste trabalho literário buscou-se realizar uma aposta epistemológica e por consequência política: uma escrita enquanto certa performance da multiplicidade. O nome do livro em produção se chama “Fragmentariedades de Sentidos Para Novas Conexões”. Começo e termino este trabalho em um infinito processo emancipatório.

Interminável, complexo e múltiplo trabalho de retomadas e de invenções. É razoável admitir a influência de uma multidão: muitas pessoas vista por mim, muitos que experimentei enquanto traço do campo relacional e aqueles que viveram e vivem em mim - memórias e afetos -. Neste trabalho me aproximo e me entendo capturado pela seguinte fala: “Escrevemos o anti-édispo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente.”, tais palavras são encontradas na obra “Conversações - Gilles Deleuze”. Frente a isso, posso dizer: não estou escrevendo com um par ao meu lado, mas escrevo a sós, eu e uma multidão. Nesse âmbito múltiplo, faço e percebo este trabalho, fragmentar, marcado, temporizado, encarnado e impregnado de sentidos.

Tudo que escrevo é meu e sou, na mesma medida que vai para além de mim mesmo. Não pretendo realizar uma escrita da minha singularidade, muito pelo contrário, encontro ficionado em minha carne aquilo que é comum aos sujeitos modernos. Antes de mais nada, compreendo que esse escrito como uma obra política. Os fragmentos presentes na produção estão consonantes a produção maquínica do presente, isto é, meu corpo é intermédio do mundo externo - campo social, relações pessoais e culturais, modalidade de política que me constituem - e meu processo de invenção de si - força de subjetivação. Nessa relação, se aposta na notoriedade ontológica do comum - meu corpo como mais uma máquina agenciada à máquina social que tem os meus sentidos como resíduo/efeito desta operação. Portanto, processo este que só é possível no reconhecimento da multidão, multidão esta que marca os encontros que me trouxeram aqui. Por fim, cada texto representa os fragmentos destes encontros.

No encontro daquilo que é experienciado, sentido e marcado é onde cada fragmentariedade se faz. Então, a escrita assume a performance da multiplicidade. Quando me perguntam sobre o que se trata o livro em produção, perguntam se é poesias, contos, prosas ou cartas, digo que é nada e tudo, respondo: é síntese conjuntiva - não é um ou outro, na verdade é um e todos, é multiplicidade.

Palavras-chave:

Escrita, Performance, Multiplicidade





VEREDAS POLÍTICAS





Veredas Políticas

Pensamento sucateado, a produção de subjetividade e o controle na era da big data

André Luís La Salvia
Professor - UFABC
la.salvia@ufabc.edu.br

Em seus textos finais, nos anos de 1990, Deleuze e Guattari fizeram uma leitura atenta do tipo de sociedade que viemos a nos tornar. Os conceitos de sociedade de controle e ecosofia nos ajudam a pensar os problemas decorrentes do alto desenvolvimento tecnológico aliados a destruição da biodiversidade dos ecossistemas. Pretendemos assim mapear alguns desdobramentos desses conceitos germinais para uma leitura dos impasses atuais.

O conceito de sociedade de controle como apresentado no Post Scriptum propõe que a sociedade se configurava aos moldes das máquinas cibernéticas – aquelas que utilizam feedbacks de dados para modificar o seu próprio funcionamento. Hoje em dia as *machine learning* e os algoritmos ocupam boa parte do cotidiano e pensadores como E. Morozov temem o momento que a regulação algorítmica vai sair da esfera das redes sociais e gadgets domésticos *smart* e vai oferecer serviços a administração pública. S. Zuboff usa a expressão capitalismo de vigilância para ressaltar a relação econômica do uso dos dados nas mais diversas atividades humanas. Regulação algorítmica e capitalismo de vigilância seriam desdobramentos do conceito de sociedade de controle?

Ecosofia, junção de ecologia e filosofia, inventada por Guattari tenta nos dizer que não são apenas as relações com o meio ambiente que precisam de novas práticas, mas também nossa relação conosco mesmos e com outras pessoas coletivamente. Nessa linha, denuncia o quanto os aparatos midiáticos conformam subjetividades. Jaron Lanier diz que a Facebook e o Google são grandes modificadores de comportamento e vendem esses serviços a qualquer um e assim estão interferindo nas subjetividades e nas relações sociais, trazendo problemas como discursos de ódio, *fake News*, desestabilização da democracia. Seria a modificação de comportamento operado pelas redes sociais um desdobramento da produção de subjetividade?

Palavras-chave:

produção de subjetividade; big data; redes sociais; ecosofia; sociedade de controle.





Veredas Políticas

Corpo sem órgãos - uma política da experimentação

Clayton de Moura Oliveira

Integrante de grupos de estudos na filosofia da diferença - Universidade Federal do Ceará

claytonxy@bol.com.br

O objetivo deste trabalho é apresentar o corpo sem órgãos em Deleuze e Guattari, como uma política da experimentação capaz de produzir nos corpos novos modos de existir no mundo. Deleuze e Guattari recusam que o corpo sem órgãos seja uma noção ou mesmo um conceito, pois para eles o corpo sem órgãos é antes de qualquer coisa, uma prática (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Na perspectiva de Deleuze (apud LINS, 1999, p. 58), é um “corpo tanto biológico quanto coletivo e político; é sobre ele que os agenciamentos se fazem e se desfazem; ele é o portador das pontas de desterritorialização dos agenciamentos ou linhas de fuga”. Desse modo, a constituição de um corpo sem órgãos apresenta-se como um meio de desarranjar a estrutura social, econômica e cultural, que enrijece os corpos na produção de subjetividades modeladas e serializadas, subservientes ao sistema capitalista. Por conseguinte, obstáculo à experimentação da vida e do mundo. Para Deleuze e Guattari (1996), o processo de dissolução do organismo para a emergência do corpo sem órgãos, não se relaciona com uma autodestruição, mas campos de abertura ao corpo para ligações agenciais que permitem novos arranjos, justaposições e combinações, em disseminações intensivas que desfazem estruturas organizadas e proporciona modos outros de criar corpos via experimentação no fluxo cósmico. Mobilizar intensidades incessantes no engendramento de um CsO que “revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, continuum de intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, v. 3, p. 24). Deleuze (apud LINS, 1999, p. 59), ratifica “se o denomino corpo sem órgãos, é porque ele se opõe a todos os estratos de organização, tanto aos da organização do organismo quanto aos da organização do poder”. O CsO é uma prática política da experimentação e que possibilita a criação de modos outros de transitar no mundo. É uma política justamente pela ruptura com o constituído e a ordem repressora dominante que define e cristaliza organismos. Dessa maneira, o corpo sem órgãos enquanto uma prática corpórea transmuta os modos de perceber e agir no mundo, onde “a percepção, a semiótica, a prática, a política, a teoria, estão sempre juntas” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 75).

Palavras-chave:

Corpo sem órgãos; Política; Experimentação; Modos de existência.





Veredas Políticas

Una doble minoría: medida y numerabilidad para usos colectivos

Cristóbal Durán Rojas

Professor - Universidad Andrés Bello (Chile)

cristobaldr@gmail.com

Lejos de tratarse de un concepto simple y homogéneo, la “minoría” aparece en los trabajos de Deleuze y Guattari, como un concepto que merece un trabajo de distinción en la mixtura que lo compone. Enunciado en el Kafka, podría ser considerado hasta cierto punto como un concepto que se constituye en un dualismo simple por contraposición a lo “mayor”, señalando las dificultades. Sin embargo, la minoría a la que apelan la lengua y la literatura menores no es un dato actual ni un estado estable. Ello se advierte con más claridad en Mil mesetas (y en algunos otros textos), gracias a que la minoría empieza a ser definida desde su desterritorialización, precisamente a partir de un análisis de la lengua como variación continua. Nos interesará mostrar que, para dar cuenta de este extraño dualismo inscrito en el seno de la “minoría”, Deleuze y Guattari tienen que apelar a una medida que, en su entender, no se supedita al número en un sentido estadístico, sino más bien a lo que denominan “número numerante”. Ello supondrá que las minoría tienen relación con el trayecto de sus direcciones (su diagrama) antes que con la cantidad o con sus cualidades, y que suponen una importante distinción, en la que nos detendremos en detalle, entre conexión y conjugación de flujos, y que permiten distinguir las líneas de precipitación y de interrupción que dan cuenta de la consistencia heterogénea de las minorías.

Palavras-chave:

Número; Minoría; Conjuración; Conexión; Variación continua





Veredas Políticas

Seminário Cosmos Outros Mundos: fabulação maquínica nômade

Daniela Delfim Cruz
EGRESSO - UNIPAMPA
delfimdaniela@gmail.com

Essa escrita surge das afecções suscitadas em encontros com intercessores no Seminário Online “Cosmos: Outros Mundos”, agenciado pelo Grupo de Pesquisa Philos Sophias e que compôs o plano de imanência e forças cósmicas de um pensamento maquínico nômade inspirado nas/pelas Filosofias de Nietzsche, Deleuze, Guattari e Foucault. Nesse caos, a vontade de potência se fez em conexões temporárias e intersecções de pensamentos forjados em ambientes virtuais que possibilitaram criação de espaços e tempos lisos, gerando afecções, ressonâncias, articulações, convergências, agenciamentos e linhas de fuga capazes de subverter práticas de governo de subjetividades, corpos e vidas. escapar aos agenciamentos do cientificismo moderno que solidificam o pensamento em torno de sociedades, coletividades, individualidades, subjetividades, tempos e espaços políticos, sociais, culturais. Ao criar, dentro e fora desses estratos, forças e fluxos como outras linhas e formas de pensar (re)existências, outros mundos possíveis nesse mundo se fizeram possíveis. Assim, o Cosmos pôs-se em aliança com a longa tradição de lutas dos movimentos negros e indígenas, crianças, mulheres negras e indígenas, jovens das periferias urbanas, populações das américas, africanas e afrodiáspóricas, movimentos LGBTQIA+, dentre outras coletividades, cuja conjugação de forças compõem a efervescência do projeto decolonial. Dessa forma, essa escrita representa parte da aposta na proliferação de forças vitais e vozes dissonantes e insurgentes no mundo colonial capitalístico contemporâneo. O compartilhamento de estudos, pesquisas e experiências, conversações foram disparadas pelas linhas: fabulações potencializadoras de devires criança em conexão com os mundos imaginados e materialidades; modos de existências de corpos em performances insurgentes; devires mulheres em desordem decolonial; modos intensivos de produção de corpos em transbordamentos de danças, poesias, artes teatrais, escritas literárias de si e produções cinematográficas; movimentos nômades de juventudes, comunidades originárias do sul e outros coletivos. Desordenar o uno, essa ordem do limite, do controle, das representações e das imposições que desejam a captura das forças cósmicas, vitais e, nessa desordem experimentar o esgotamento, inventar outros mundos, fabular ao infinito, em delírio e na insensatez de alegrias intensas.

Palavras-chave:

Seminário Cosmos Outros Mundos; Máquina de guerra; pensamento nômade; decolonialidade





Veredas Políticas

Axiomática Mortuária: entre as forças produtivas e destrutivas do Dinheiro

Danilo Augusto de Oliveira Costa

Mestrando - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH - USP

danilo.oliveira.costa@usp.br

Gilles Deleuze e Félix Guattari, a partir de *O Anti-Édipo* (1972), caracterizam o capitalismo como uma axiomática. É uma maneira dos autores de marcarem a diferença radical de natureza entre o capitalismo e as formações não-capitalistas ou pré-capitalistas caracterizadas pela codificação ou sobre-codificação como relação social. Assim, seguindo Guillaume Sibertin-Blan, trata-se de considerar que a axiomática não é só uma relação social específica, mas é uma forma específica de relação social. Forma de relação social marcada pela conversão por abstração dos fluxos materiais ou das quantidades intensivas em quantidades abstratas. Uma formação social fundamentada pelo tornar-se concreto do abstrato só surge, como argumentam Deleuze e Guattari, quando o dinheiro se torna o ponto de partida da produção, sua essência ou fundamento, e constitui, assim, um corpo para si: o Corpo Pleno do Dinheiro. A abstração do dinheiro, que remete a um limitado, é uma das primeiras razões, assim, para os autores caracterizarem o capitalismo como uma axiomática social. Por essa razão, os autores argumentam que é “no nível dos fluxos, e dos fluxos monetários, não no nível da ideologia, que se faz a integração do desejo” no capitalismo, pois só pela forma monetária o capitalismo pode funcionar e comandar os fluxos e as relações entre os fluxos do desejo. Assim, num primeiro momento, trata-se de entender, resumidamente, o que os autores entendem por axiomática, as razões por trás dessa definição e como ela se relaciona com a psiquiatria materialista. Contudo, os autores também argumentam que a axiomática capitalista é uma axiomática mortuária, ou, no caso de Mil Platôs, que a axiomática desprende “necessariamente uma potência superior”, que é uma “potência de destruição”, apontando, assim, que há uma relação historicamente específica entre capitalismo e morte. Tal relação está relacionada à forma do dinheiro como forma determinada a ser determinante na produção de um socius e da imanência dessa forma, em contraposição, por exemplo, à forma transcendente do Estado ou subjacente da Terra. É sobre essa questão que nos ocuparemos num segundo momento, o que nos conduzirá para ponderações sobre a historicidade da relação entre capital e guerra.

Palavras-chave: Axiomática; desejo; guerra; dinheiro; imanência





Veredas Políticas

Máquina de guerra do cárcere: a apropriação estatal de apenados por meio da dívida

Eduardo Machado Nunes
Mestrando - PPGCL Unisul
eduardo.m-nunes@hotmail.com

No dia 10 de julho de 2020 foi sancionada, pelo governador do Estado de Santa Catarina, a Lei nº 17.954, que institui a cobrança, a título de compensação financeira, pelo uso oneroso de equipamento de monitoração eletrônica por preso ou apenado no âmbito catarinense. O presente artigo objetiva analisar a legislação supramencionada à luz do que Maurizio Lazzarato chama de “governo do homem endividado”. O autor, seguindo na linha teoria proposta por Deleuze e Guattari, defende que o capitalismo nunca foi liberal, mas sempre um capitalismo de Estado, e tal afirmação pode ser comprovada a partir da crise das dívidas. Utilizando como exemplo o endividamento de estudantes nos Estados Unidos, Lazzarato defende que a divisão de classe não significa mais a oposição entre capitalistas e assalariados, mas sim a diferença entre os devedores e os credores. O endividamento é parte importante do processo de individualização de políticas sociais. Esta lógica de atuação se apresenta como uma nova estratégia de controle em que a coerção não vem de um fator externo, característico das sociedades disciplinares, mas sim do devedor sobre si mesmo. O indivíduo que contrai dívidas o faz no exercício de sua liberdade e sujeito às consequências desta escolha como fruto de sua própria responsabilidade. O controle pela dívida, afirma o autor, acontece então em espaço aberto e em tempo integral, e as formas de resistência que são disponibilizadas são seus próprios recursos ou os de outros trabalhadores, como família e amigos. Por isso, os indivíduos são mais do que capital humano, se vendo obrigados a pensar e agir como verdadeiras empresas individuais. Partindo do pressuposto de que o preso ou apenado não se enquadra nas estriagens propostas pelo estado, sugerimos que, com base no platô Máquina de Guerra, de D&G, pode haver uma apropriação do preso por meio das forças estatais usando da dívida. Enquanto máquina de guerra, que é exterior ao estado mas pode ser apropriada por ele em busca de objetivos, o preso é também utilizado como empresa financiadora do sistema carcerário do qual é vítima por meio do controle neoliberal.

Palavras-chave:

Dívida; Máquina de guerra; Preso





Veredas Políticas

Quem (o que) nomeia o nome do medo? Covid-19, vírus, vidas...

Elenise Cristina Pires Andrade

Professor - Universidade Estadual de Feira de Santana

elenise@uefs.br

Denominar, dar nome, nomear, no sentido da produção de uma inferioridade (Santos, 2002). A tensão entre o conceito de descoberta, nomeação e o outro-inferior é o que pretendemos no que se refere ao medo e sua linguagem-expressão no contingenciamento de sua nomeação. Edward Albee nos demanda: Quem tem medo de Virgínia Woolf? E da ciência? (Stengers, 1990) E da Covid-19? Sant'Anna (2020) nos apresenta uma intrigante observação de que no início de 2020 a nomenclatura para se referir a pandemia era Corona. Aos poucos, o nome da doença – Covid 19 – foi invadindo a vida, o medo e, de repente, a mesma coisa se transformou em outra mas que continuava a ser a mesma (?).

O medo pode ser entendido como uma experiência afetiva, uma forma de nos relacionarmos com o mundo, torná-lo sensível a nós ao mesmo tempo que produz a sua forma de existência política. Deste modo, o medo opera aquilo que Rancière (2010) chama de partilha do sensível, (des/re)organizando os grupos e as posições políticas; criando percepções distintas do mundo que não se limitam a uma contemplação estética, mas promovem a elaboração de práticas políticas de ação, modos de existência e formas enunciativas da realidade.

A arte, a ficção e a ciência possuem “práticas estéticas”, produzem um sensível, tanto do afeto quanto do perceptível, sem os quais a política não seria imanente. Trata-se de falar do mundo escapando da dinastia do representativo para constituir um fora (dehors), não apenas da interioridade do “eu”, que constitui o comum político da “coisa pública”, mas um fora da própria linguagem (FOUCAULT, 2009) que busca acessar as formas de visibilidade e invisibilidade do discurso.

Entendemos que tais mecanismos não tratam apenas de um meio de afetar as pessoas, mas da funcionalidade de um poder em modalizar e regular as formas de percepção e a relação com um (único) futuro que está em jogo. Não se trata de reativar a esperança como afeto político, mas restituir ao futuro aquilo que os cientistas e políticos mais evitam ativar ao falar dele: as incertezas, que não deveriam operar como agenciadoras do medo, mas como frestas de possibilidades. É preciso um esforço de crítica e análise (Deleuze, 1997) em relação ao medo como estratégia de produção de linhas de fugas. Esgotarmo-nos ao medo e questionarmo(nos): Até que ponto é invisível a invisibilidade do medo como instrumento político? Temos medo de que/quem? O que tememos perder ou transformar?

Palavras-chave:

Medo; Covid-19; Filosofia da diferença





Veredas Políticas

Mulheres que (des) educam corpos

Eliada Mayara Cardoso da Silva Alves
Mestrando - Universidade Federal do Pampa
eliadamayara@hotmail.com

Esse trabalho é um desdobramento da pesquisa que venho desenvolvendo no Mestrado em Ensino da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Bagé), onde analiso os modos pelos quais mulheres enfrentam à violência de gênero em seus cotidianos e criam forças para transformar suas vidas, desvencilhando-se das relações afetivas que ferem seus corpos e anulam suas potências. Penso que o enfrentamento à violência contra mulheres, engendrado pelas próprias mulheres, abre possibilidades de criação de devires, nos modos como cada uma inventa pra si outras existências possíveis. Pois, segundo Deleuze e Guattari (2012), as mulheres enquanto “devir-minoritário” apresentam condições de possibilidade para transformações genuínas na medida em que possuem uma subjetividade mais fluida, que não constitui o polo central de poder. Devimos outra coisa quando uma nova forma de sentir, de experimentar e de viver se envolve na nossa, assombrando-a e fazendo-a fugir. Deleuze e Guattari (2012: 74) apontam ainda que “todos os devires começam e passam pelo devir-mulher”. E esse afeta necessariamente os homens. Não há devir-homem, porque o homem é a entidade molar por excelência, enquanto que os devires são moleculares, hecceidades, e não formas, objetos ou sujeitos molares que conhecemos fora de nós, e que reconhecemos à força da experiência. A mulher enquanto tomada numa máquina dual que a opõe ao homem, enquanto determinada por sua forma, provida de órgãos e funções, e marcada como sujeito sob a lógica masculina. Esses aspectos inseparáveis do devir-mulher devem primeiro ser compreendidos em função de outra coisa: nem imitar, nem tornar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular. O corpo feminino é forçado a se desterritorializar e criar novas relações com pessoas, instituições e acontecimentos que encerram os corpos de mulheres em padrões e relações de subalternidade. Educação dos corpos que, como esclarece Louro (2008) dá-se em inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações. Processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se como instâncias que educam corpos genericados assimetricamente. Desestabilizar regimes de verdade cristalizados, uma desordem cada vez mais perturbadora. Combater a cafetinagem da pulsão, como diz Rolnik (2018), medula do inconsciente colonial-capitalístico, implica construir para si um outro corpo, abandonando a carapaça de um corpo estruturado na dinâmica do abuso, experimentar devires e outras existências.

Palavras-chave:

Violência contra mulheres; Educação dos corpos; Devir-mulher.





Veredas Políticas

Do bolsonarismo como máquina de guerra neo-fascista: uma hipótese

Émerson Pirola; Felipe Fortes

Ambos doutorandos em Filosofia pela PUCRS. - PPG Fil. PUCRS (ambos)

emerson.pirola@acad.pucrs.br

Em Mil Platôs, Deleuze & Guattari definem o fascismo como a deriva de um processo de massas, molecular, na direção da constituição de uma máquina de guerra que se constrói sobre uma linha de fuga tornada linha de pura abolição e, finalmente, pela tomada do Aparelho de Estado por esta máquina de guerra. Nos últimos anos o debate sobre o fascismo ganhou nova ignição, tendo em vista a ascensão mundo afora de governos de viés dito “populista”, “autoritário”, “iliberais” ou, justamente, “(neo-)fascistas”, além do crescimento da chamada “alt right” como “nova face” da extrema direita. Geralmente, são colocados como exemplos característicos dessa deriva os governos de Trump, Orban e Bolsonaro. Dessa forma, tomamos como objeto investigativo o caso brasileiro do governo Bolsonaro, ou, mais especificamente, o fenômeno do bolsonarismo enquanto movimento transversal à população em suas diferentes camadas sociais e que se cristaliza no governo. Utilizando os conceitos de Deleuze & Guattari hipotetizamos que o bolsonarismo se constitui como uma máquina de guerra neo-fascista que toma o Estado, que é tornado suicidário pois é submetido à linha de abolição que anima a máquina de guerra fascista (o que é exemplificado pelo fenômeno dos “anti-ministros” do governo, pela facilitação e incentivo do armamento da população ou pela “anti-gestão” diante da crise sanitária causada pelo coronavírus, para ficar com apenas alguns exemplos). Resgatamos ainda a noção de “pós-fascismo”, proposta por Deleuze & Guattari, para tomá-la como um eixo diferencial entre o fenômeno do “fascismo histórico” e o fenômeno atual por nós investigado: se o fascismo histórico só conseguia realizar a Ideia de guerra absoluta na forma da Guerra Total e do Estado Total, o “pós-fascismo” indica a constituição de uma máquina de guerra mundial que abdica da pretensão de um totalitarismo de Estado na mesma medida em que o Estado se torna meio subjugado de realização da linha destrutiva. Agora a destruição se dá antes na forma da “guerra de baixa intensidade”, do punitivismo policial e carcerário e da eliminação do “inimigo qualquer” do que pela via da grande guerra de exércitos de tipo inter-Estatal. Assim, falamos no bolsonarismo como um fenômeno neo-fascista para grifar essa diferença, visto que ele é uma máquina de guerra que toma um Estado (como no fascismo histórico), mas o faz em um contexto “pós-fascista”, o que explica suas afinidades mais que ideológicas com a violência securitária legal (polícia e punitivismo jurídico) e infralegal ou paramilitar (milícias).

Palavras-chave:

Máquina de guerra; fascismo; bolsonarismo; Estado suicidário





Veredas Políticas

Tecnogênero e CsO

Emilia Braz

Graduando - Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Chapecó
emiliabraz7@gmail.com

Este ensaio representa os primeiros passos do que pretende-se desenvolver em um futuro trabalho de conclusão de curso e é uma primeira tentativa de articular os conceitos de tecnogênero e Corpo sem órgãos (CsO). Em um primeiro momento, apresenta-se sobre do que se trata esta proposta, isto é, uma tentativa de demonstrar como o sistema sexo/gênero pode ser entendido, a partir de Deleuze e Guattari, como um agenciamento coletivo de enunciação, operando agenciamentos assim como capturas que tanto potencializam o corpo quanto o reduzem aos estratos de sexo e gênero: seguindo Lazzarato, procura-se pensar o sistema sexo/gênero funcionando como um sistema de captura da multiplicidade, reduzindo as potencialidades em sexualidades, gêneros e orientações sexuais. Em um segundo momento, dialoga-se com Preciado e Foucault, relacionando o conceito de dispositivo com o entendimento de Preciado sobre a natureza e a tecnologia. Neste momento, será apresentada uma possível compreensão sobre como funciona a captura das potencialidades do corpo e sua redução aos estratos, especialmente ao dispositivo cis/trans e quais seriam as possibilidades de criação de linhas de fuga, onde introduzo o conceito de Preciado de tecnogênero. Em um terceiro e último momento, desenvolve-se uma proposta sobre o conceito de tecnogênero relacionando-o com o conceito de CsO, isto é, pensando-o enquanto uma prática e um programa cujo resultado não está dado de antemão, mas que, neste contexto, seria entendido enquanto plano de consistência para agenciamentos constitutivos do gênero que não viriam a se reduzir dentro do binarismo cis/trans, possibilitando pensar as constituições do gênero fora dos enclaves normativos. Podemos concluir que a proposta deste trabalho insere-se como uma outra forma de pensar a “questão cis/trans”, ou até mesmo a questão do sistema sexo/gênero e do corpo, que não necessariamente coloque em funcionamento binarismos, operando como uma linha de fuga para o debate, uma vez que busca-se pensar a constituição de gênero a partir de agenciamentos que não reduzem-se aos dispositivos disciplinares de identidade.

Palavras-chave:
Tecnogênero, CsO, Corpo sem Órgãos, Cisgeneridade





Veredas Políticas

Karate sem Órgãos: possibilidades e experimentações

Fabio Augusto Pucineli

Doutorando - Unesp Rio Claro

fapucineli@gmail.com

Carlos José Martins - carlosjmartins@hotmail.com

Como criar um corpo sem órgãos para o karate? Como destituí-lo dos códigos prescritos sobre ele, de maneira a lhe restituir os caminhos afectivos da aprendizagem da arte de servir-se e desservir-se das armas, como apresentado em *Mil Platôs*? Quais são os excessos de organismo na prática do karate hoje? Sabe-se que antes de ser levado de Okinawa ao modernizado Japão continental, “karate” era praticamente um termo genérico para uma multiplicidade de práticas combativas na ilha. Práticas de diversos nomes, ou de nome algum. Práticas que foram agrupadas numa identidade delimitada como O Caminho das Mãos Vazias. Além de ser também considerada arte marcial legitimamente japonesa, o karate recebeu atributos coerentes com os anseios da sociedade que o recebia, ou capturava: passou a ser pedagogizada a fim de atender à massificação de seu ensino e à sua nova configuração, como prática esportiva, codificada e transformada de maneira a ser competitiva. Quando o karate é praticado em sua forma competitiva, são os princípios da racionalidade científica, presentes no treinamento, que norteiam a prática: realizar os movimentos de forma mais veloz, mais forte; ser mais resistente, chutar mais alto, mais, mais, mas... até onde? Seria, então possível pensar num corpo sem órgãos para o karate? Seria possível pensar num karate despido desse excesso de organismo, e concebê-lo como uma askésis, um caminho a ser elaborado, um exercício de si sobre si, um plano de imanência em direção a uma estética da existência? Como fazer do karate uma máquina de guerra, e não elemento de conformismo, de disciplina? Destarte as implicações políticas em sua denominação, o significado do termo karate guarda um vazio, um espaço conectivo repleto de potências. A manifestação dessa potencialidade está presente em várias outras instâncias da cultura japonesa, como nas pinturas, na cerimônia do chá, na caligrafia e também no cotidiano, o que já forneceria pistas importantes de como criar um corpo sem órgãos para o karate, já que na própria rotina diária japonesa existem elementos próximos ao que Michel Foucault reivindica: fazer da vida uma obra de arte. Apesar das várias tentativas institucionais de padronizar o karate, ele parece sempre se rebelar. Ele encontra rachaduras e fugas, se diferenciando de si mesmo, não só na sua diversidade de estilos, mas também nas maneiras como cada praticante materializa e converge em seu próprio corpo os incessantes traçados das linhas que atravessam territorialidades.

Palavras-chave:

karate, corpo sem órgãos, askésis





Veredas Políticas

Controle, modulação e uberização da vida.

Felipe Sampaio de Freitas

Doutorando - Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFPA)

felipe.freitas@ifch.ufpa.br

Esta comunicação parte da análise da vida enquanto alvo dos diversos processos de subjetivação contemporâneos (tipicamente enquadrados no modelo/termo chamado de “neoliberalismo”). No caso do filósofo parisiense e do esquizoanalista, as subjetividades hoje são agenciadas; por agenciamentos, destaque-se “todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente”; dito de outra forma, há a operacionalidade e a funcionalidade dos sujeitos, não mais pela via da sujeição (como comumente vemos em Foucault); mas por meio da dessujeição a-significante, no movimento contrário e em detrimento ao modus operandi da sujeição social, à qual necessariamente condiz com a representação política (via significantes). A sujeição percorre as veredas da linguagem, constituindo “uma armadilha semiótica significativa e representativa da qual ninguém escapa”. Tais processos provocam, por exemplo, em consequência, um jogo de relações de tensão; que estimulam a constante concorrência entre os sujeitos (algo debatido sobre os termos do “homem econômico”, concorrente e subserviente aos diversos mecanismos de controle social/virtual, de nossas sociedades); promovendo a lacerante “flexibilização” das tarefas laborativas, nisso que chamamos hoje de sistema neoliberal. Assim, uma série de adendos incorporam-se na formação desta subjetividade “modulada”: a internet faz parte deste jogo, ora como ferramenta que viabiliza tais processos, ora como o próprio agente subjetivante; onde os apps que prometem diversificar as relações de trabalho, no mundo contemporâneo, atuam como peças deste complexo tabuleiro. Daí emerge o sentido da célebre expressão “uberização da vida”, emblema das chamadas “economias dos bicos”, que tem por característica maior a pauperização de certa gama de trabalhadores. Deste modo, recorreremos às perspectivas teóricas de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a respeito das sociedades de controle e da modulação, para alçarmos a problematização deste assunto, mas sempre tendo em vista o cuidado de não projetar nossa voz em tom final.

Palavras-chave:

Controle; Modulação; Internet; Uberização da vida; Economia dos bicos





Veredas Políticas

Deleuze, ou a fórmula: método, estilo e política

Leonardo Maia

Professor - Universidade Federal do Rio de Janeiro

leomaibm@gmail.com

A filosofia de Deleuze envolve e desenvolve, significativamente, as fórmulas. A rigor, ele escreve todo um livro sobre o tema, que é *Crítica e clínica*. Dois textos o indicam explicitamente - Sobre quatro fórmulas poéticas que poderiam resumir a filosofia kantiana, e *Bartleby*, ou a fórmula. Mas as fórmulas - de Proust, de Kafka, de Spinoza... - enxameiam, e ressoam por toda a obra. O que é uma fórmula? O que é pensar por fórmulas? Vamos muito longe nisso, em Deleuze, a ponto de que elas possam, não apenas resumir, mas verdadeiramente expressar, desdobrar o sentido (os signos dobrados...) de boa parte do seu pensamento. Mas, se se mantém a distinção entre expressão e produção que Deleuze e Guattari sugerem em *Anti-Édipo*, as fórmulas também se mostram, em si mesmas, definitivamente produtivas. Mas em que direção?

Qual a função, exatamente, de uma construção formular?

Nossa hipótese principal é que, ao final, esse conjunto de fórmulas terá um definitivo caráter político. A fórmula, necessariamente, em sua condensação, implica o ato, a ação, uma política. Ao mesmo tempo, então, funcionam como as palavras de ordem que Deleuze tanto repele, mas sobretudo como o seu exato oposto, uma nova exortação à crítica e à criação, sobretudo em política. 'Um possível, senão eu sufoco': nada pode ser mais político - e ela aparece, de forma central, no texto sobre maio de 68 - mas qual a política possível a partir dessa fórmula? Ou das outras? A questão, porém, como sabemos, é antes de deslocamentos.

Mas aqui, tomaremos outra direção, e nos interessam, mais efetivamente, problemas de método e de estilo. Talvez como já o foram, a seu modo, os aforismos de Nietzsche. Um prenúncio dessas fórmulas deleuzianas?

Mas, paradoxalmente, estilo e método talvez encontrassem na fórmula um empecilho, um elemento contraproducente. A fórmula limita o estilo, esvazia o método. Um exemplo extraído desse livro inteiramente voltado para a literatura e seus criadores deixa isso muito claro: 'Prefiro não', do *Bartleby*, de Melville. Que estilo e método podemos extrair dessa fórmula, tardia na filosofia de Deleuze, mas certamente culminante em seu pensamento. Deve se depreender alguma negatividade de sua expressão? (e nesse caso, ela se liga, ou não?, a fórmulas de estruturas semelhantes: viajar sem sair do lugar, de Proust, o nadador que não sabia nadar, de Kafka...). Na verdade, ela apenas apresenta um novo lugar para o problema do método e do estilo.

Palavras-chave:

Deleuze, fórmula, estilo, método





Veredas Políticas

Variações ameríndias em torno do devir-animal em Gilles Deleuze e Brian Massumi.

Mateus Vinícius Barros Uchôa
mateusvbu@gmail.com

“Acreditamos na existência de devires-animais muito especiais que atravessam e arrastam o homem, e que afetam não menos o animal do que o homem. (...) Os devires animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais.” (DELEUZE, G./GUATTARI, F., 2012, p. 18-19.) Em companhia de Deleuze & Guattari, Brian Massumi e Viveiros de Castro, estamos em condição de opormo-nos à interpretação genérica e reducionista de animais não-humanos. As considerações contrárias ao humanismo antropocêntrico sugerem que o conceito de natureza seja repensado a partir de noções consideradas marginais pelas correntes dominantes da biologia evolucionista, na etologia e na filosofia, partindo assim para uma alteração radical deste conceito. A proposta deste trabalho segue o exercício de reformulação do conceito de natureza ao buscar os elementos ditos “qualitativos” e “subjetivos” evidenciados pela criatividade na vida animal. A associação da ideia de criatividade à natureza, considerando as diferenças e especificidades que se destacam respectivamente em humanos e animais, renovaria a expressão e o sentido de ambos os conceitos. Isto, precisamente, permite desconstruir a economia de conceitos tradicionalmente dicotômicos, introduzindo uma nova espécie de lógica, um novo tipo de pensamento que substitui a oposição entre o humano e o animal em termos de um contínuo, uma mútua inclusão entre eles. O que corresponde ao trânsito de naturezas como perspectivas intercambiáveis, de acordo com o multinaturalismo, são os contextos relacionais que integram o ponto de vista de outrem até compor um tipo de “unidade” movente e transespecífica sempre oposta à formação de um próprio exclusivamente humano. Com isso, notamos a importância da metafísica amazônica como referencial para insistirmos na tese de um continuum entre os seres vivos. Para Brian Massumi em "O que os animais nos ensinam sobre política", os animais são os agentes que têm muito a nos ensinar sobre política, a começar pela crítica dos contrastes dicotômicos inerentes à herança conceitual do ocidente que destaca o humano em uma suposta excepcionalidade. Do pensamento nos termos de um contínuo, surgirão novas expressões referentes à sua imanência na animalidade. Ao invés de distinguir os humanos de outros animais, a lógica que perpassa o continuum repensa a questão a fim de superar o antropocentrismo. Ela atribui qualidades, que antes eram exclusivas dos humanos, a todos os seres da natureza, que passam a ser vistos como substancialmente iguais. Por conseguinte, a política animal não reconhece a diferença genérica humano-animal como fundacional de sua prática, antes busca pensar aquilo que é singular na variação da natureza, concebendo zonas de mútua inclusão.

Palavras-chave:
devir-animal; multinaturalismo; perspectivismo





Veredas Políticas

Microfascismos em nós: uma crítica aos novos fundamentalismos da política contemporânea

Michelle Martins de Almeida

Graduando - Unimontes

michelle.mmartinss@yahoo.com.br

O fascismo possui uma governamentalidade que não passa apenas pelo âmbito molar. Deleuze e Guattari chamam de Microfascismo ou Fascismo molecular a forma difusa e capilarizada da molecularização do fascismo no tecido social, com suas diversas formas de opressão no cotidiano. “Maneja uma gestão de afetos.” (HUR, 2019). Tal modelização afetiva, gestão afetiva, se dá pela captura violenta do desejo pelo dispositivo de poder, criando em nós um enquadramento, uma territorialização despoticizante e tóxica, em que as moléculas do ódio e da destruição ancoram-se a “máquina de guerra instaurada na subjetividade do indivíduo.” (GALLO, 2007). O objetivo do nosso texto é uma conversa em que traçamos um olhar sobre o horizonte político-social e ético brasileiro, com a tentativa que pensar em como escapar dessa linhas segmentarizantes do fascismo, das práticas de exceção contemporâneas, sobretudo, os novos fundamentalismos da política contemporânea, tais como: “lugar de fala”, “política de cancelamento”, “carteiradas”, “identitarismos”, ou de modo geral, um rechaçamento de indivíduos que sejam corpos dissonantes dentro de um próprio grupo minoritário. Abraçados pelo professor Bruno Pucci, na obra Teoria Crítica e Educação, podemos fazer uma ponte com a crítica que pretendemos construir, quando este diz que “os germes do nazismo estão presentes no coração da sociedade capitalista moderna, não só explicitamente em seus momentos de regimes autoritários, mas especialmente nos chamados regimes democráticos, onde as mais diversas formas de autoritarismo, de preconceito, de coisificação, de alienação, de manipulação ideológica perpassam muitas vezes de maneira inconsciente, camuflada e difusa, as relações social de proclamação. É contra essas manifestações sutis de violência que se tem que manifestar mais, pois elas são permanentes, se reproduzem e geram com muita frequência situações e até períodos de intensa manifestação fascista. E por isso que todo processo educacional deve sempre ter presente Auschwitz. (...) A barbárie é uma (...) sombra terrível que paira sobre nossa existência, que ela (...) consiste justamente no contrário da formação, que o essencial reside na "desbarbarização" dos indivíduos (In Ramos de Oliveira, 1992: 93).” (PUCCI, 1994) Segundo o Deleuze e Guattari, de Mil Platôs e Anti-Édipo, que será nossa base teórica de discussão, “o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem juntos no Estado nacional-socialista. [...] Cada fascismo se define por um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado. [...] É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário.” (Deleuze & Guattari, 1996, P. 92).” (DELEUZE & GUATTARI APUD HUR, 2019)

Palavras-chave:

Microfascismo; Política; Fundamentalismos; Subjetividade





Veredas Políticas

Filosofia da diferença na igualdade: “normal”: a discriminação inversa como lacuna em decisão

Ramiro Ferreira de Freitas
Professor - Universidade Regional do Cariri
ramiroferreira91@gmail.com

É verdadeiro o normativo? O legislador pode tornar-se subjetivado em centralizações potestativas e isso o torna vulnerável às reclamações – liberais ou retroagidas no pensamento desde criticidades ou apatias. Este trabalho, resultante de provocações em disciplina acadêmica, Objetiva: a) Ligar o Jus ao telos da multiplicidade, singelamente querendo reconhecer, nos dois pontos, “muros” e “buracos”, porquanto divergências em definições originam muitos debates e b) colocar em evidência, sem pretensões tratadistas, o “outro, diferente de mim” como uma força produtora, nova, cada vez menos previsível porque não absolutamente identificada com elementos (só) biopsicológicos. É uma prova do conflito. Não evidência massiva, porém verborragia. Tratar a diferença é confundir-se na igualdade. A lei fala em “iguais perante”, mas não cumpre promessas no romance em cadeia (Dworkin). Sem linearidade, queremos desconstituir o vetusto regimento canônico das certezas, regras codificadas, oportunas balizas disciplinadoras dos mundos individuais, livrando, segundo conveniência e, noutro giro, penalizando. Ou seja, reinventar algo, não obliterar, podendo haver lugar para as singularidades, desde que se estabeleça outra relação com a lei, o que pode ser feito por meio de uma concepção criativa de jurisprudência, focada no dinamismo. Cabe advertência: o que parece vigoroso é, por vezes, um paralelismo importado. A respeito de tal risco, não negligenciamos trazer à luz ponderações autorreferentes, como, propositalmente, evocamos. Apesar de tomar como reforço bibliográfico o conteúdo ampliado de um tipo filosófico cuja linguagem é densa, ousamos acreditar (sim, mesmo com toda inocência) na saída. Não há concordância nem fiel discernimento em Deleuze, para aquilo que nos abre caminho perfilhando flexibilizar o “torto” dever-se, vítima tética que temos visitado em sonho, um anti-infração. É preferível a resistência que o conformismo aos espaços fabricados pelo capitalismo, dentre eles, o judiciário. Então, sobretudo na mediação e na conciliação, alternativas à sentença judicial ou arbitral, partes se juntam, tergiversam mediante situações artificiais – emocionais, procedimentais e interpessoais – buscando substituir lacunas da vida e naturalizar o próprio “corpo claro” da racionalidade, atribuindo linhas à caótica forma geométrica do diálogo, profusão de interesses e vozes que não serão autoexcludentes, mas incluídas pelo espaço de cada um no seu agir garantido por independência e coesão voluntária.

Palavras-chave:
Norma. Força direcionadora. Igualdade-Diferença.





Veredas Políticas

Cartografias em coletivo: o que pode uma matilha?

Roberta Paixão Lélis da Silva

Mestrando - UFU- Universidade Federal de Uberlândia

robertalelis@outlook.com

Cartografar é acompanhar a própria construção do conhecimento na medida em que também se produz, cria, molda e traça caminhos. Mas seria possível acompanhar a construção do conhecer do outro? Cartografar em grupo? Em matilha? Um corpo em movimento é muito potente, vários corpos convergindo em movimento, se cruzando, criando linhas de fuga, atravessamentos, multiplicando afectos infinitamente. Traçar um plano comum de cada pesquisadores/as com suas diferenças, intensidades e singularidades. Cartografia coletiva, coletivo rizomático, que rompe com moldes de grupaldades hegemônicas. Repensando o coletivo, refazendo o coletivo. O que nos une? Para além do tempo e do espaço, que no momento de vidas virtuais, se perdem. Como pensar em grupo, nas suas particularidades uno? Pensamento transversal, que nos atravessa no íntimo e na matilha. Cada qual com os seus, mas extrapolados, onde os limites da individualidade se perdem, os territórios se mesclam. Desarmar pontos de vista individuais, tornar/tentar/viver a experimentação pública. (Re)inventando existências, como o rizoma a cartografia possui saídas e entradas múltiplas, que se encontram formando um emaranhado em rede. Emaranhado de afectos, novelo de afectos. Seguimos em busca de linhas, em busca de ritmos que vamos dançando e escrevendo e pensando e re-escrevendo em movimento e pausas. Vazamos um pouco, pegamos voo e pousamos. Criando uma melodia que além de notas, linham percursos, trajetos, deste mapa. Cartografar é pensar devires, mas como pensar no devir outro? Criando linguagens para cartografar afectos inventivos, mantendo as dobras flexíveis. Uma matilha é um rizoma, em matilha, cada membro pode devir-em. Como unir devires compondo uma multiplicidade que não parta do uno? De um só lobo? Compondo afetos de grupo, em grupo. Pensar na possibilidade de se cartografar coletivo é pensar na porosidade de uma escrita que se encontra com outras escritas. Mais que palavras traçadas em uma tela, são pensamentos que se unem sem perder suas diferenças. Vidas que se misturam sem perder sua singularidade. Possível? Entre possíveis e impossíveis, ensaiar, cartografar nos caminhos que se fazem no meio, espaço que ganha velocidade, lugar onde a vida acontece. E quando se chega em estados de esgotamento de possibilidades, se abrir ao diferente, ao outro: ser outro pelas diferenças em encontro, em contaminações.

Palavras-chave:

Rizoma, Filosofia da Diferença, Cartografia Coletiva





Veredas Políticas

Classe e minoria a partir de Deleuze e Guattari.

Rodrigo Guéron

Professor - UERJ (Universidade do estado do Rio de Janeiro)

rodrigogueron@gmail.com

Para além da dualidade simplista entre “luta de classes” e “luta identitária” – conforme tem sido insistentemente evocada em nossos dias -- examinaremos, a partir da leitura de Deleuze e Guattari, que tanto podemos ver as lutas operárias em certo momento como “lutas minoritárias”, quanto podemos ver as lutas que são habitualmente chamadas de “minoritárias” como lutas anticapitalista. É verdade que os dois autores problematizam o conceito de “classe operária”, afirmando que este é, certas vezes, restrito demais e, outras, amplo demais. No entanto, simplesmente afirmar que eles negam a existência da luta de classes é, no mínimo, desonesto intelectualmente, uma vez que não há a menor dúvida que eles afirmam a existência de uma divisão e de uma cisão central no coração da máquina social capitalista. Cisão esta que determina uma relação assimétrica, uma relação de poder por vezes extremamente violenta e uma expropriação da vida em geral pelo capital. De fato, aquela que é, talvez, a principal teoria que os dois autores desenvolvem a partir da leitura de Marx, qual seja, a teoria dos axiomas, é feita a partir da relação entre trabalho e capital: a teoria do valor e a maneira como o capitalismo administra os seus próprios limites segundo, respectivamente, o Livro I e o Livro III d’O Capital. No entanto, o devir minoritário lhes parece ser a grande força de oposição ao capital, e a própria classe operária, quando fez esta oposição, foi porque de certa forma instaurou este devir como uma resistência e uma linha de fuga em meio ao socius capitalista. Examinaremos, em nossa apresentação, o que é um devir minoritário como uma potência do não numerável, isto é, como expressão da diferença pura em termos políticos e, conseqüentemente, como o que se opõe ao movimento do capitalismo de reduzir tudo a grandes conjuntos molares – a conjuntos estatísticos – e a quantidades abstratas em forma de moeda. Um debate em torno dos conceitos de classe e minoria para além dos dualismos simplórios mas, exatamente por ser a partir de Deleuze e Guattari e das leituras que fazem de Marx, na perspectiva de uma análise crítica do capitalismo.

Palavras-chave:

Deleuze e Guattari, classe, minoria, devir, linha de fuga, anticapitalismo.





Veredas Políticas

As Fake news e o desejo pelo fascismo

Thiago Vidal Ricardo

Doutorando - Universidade Federal Fluminense

t_vidal@rocketmail.com

Nos últimos anos, temos visto o avanço de um fenômeno que tem assombrado as mídias sociais, a política e a sociedade. As fake news trouxeram à baila novamente a ideia de que as massas foram e podem continuar sendo enganadas. Em função disso, governos, políticos, partidos, influenciadores digitais, mídias alternativas e outros atores políticos têm se valido dessa estratégia para alcançar seus objetivos políticos. No entanto, podemos verificar que parte da militância, da intelectualidade e da mídia, tem operado um esforço hercúleo de desvelamento da verdade, o que se coaduna com uma certa compreensão que parte das elites intelectuais e políticas tem do seu papel de dirigir e conscientizar as massas. O que temos observado é que essa estratégia de esclarecimento não tem surtido o efeito esperado. As massas continuam aderindo àquilo que leram ou escutaram e continuam compartilhando as fake news, mesmo quando descobrem a verdade. Por sua vez, O anti-Édipo propõe uma ideia – já presente em Wilhelm Reich – de que as massas não foram enganadas, mas que elas desejaram o fascismo. Gilles Deleuze e Félix Guattari nos mostram que o desejo das massas não pode ser enganado, mas que o interesse de classe, sim, pode ser enganado. A proposta desta apresentação é lançar e desenvolver a hipótese de que as fake news operam através da via dos afetos tristes e que, ao atuar pela via do esclarecimento, parte da esquerda, da intelectualidade e da mídia perdem de vista a dimensão afetiva e sua importância para o fascismo. A apresentação será dividida em 5 momentos. 1) A importância dos afetos tristes para a política. 2) O interesse de classe e sua relação com o engano. 3) O desejo das massas e sua relação com o fascismo. 4) Como as fake news funcionam? 5) Que saídas podemos construir para evitar o fascismo?

Palavras-chave:

Fake news; Desejo; Fascismo





Veredas Políticas

A sociedade de controle em Deleuze e a produção de subjetividades na contemporaneidade

Vithória de Paula Lucas
Graduando - Universidade Estadual de Maringá
vithoriadpl@gmail.com

O conceito de sociedade de controle foi desenvolvido por Deleuze a partir de influências importantes, tais como as discussões de Foucault sobre a mudança das formas jurídicas ao longo da história – da sociedade de soberania à sociedade disciplinar – e sobre o biopoder como uma gestão da vida em espaço aberto; entende-se que estes dois aspectos foram fundamentais para produzir a ascensão do fascismo na Europa e, conseqüentemente, a transição do diagrama disciplinar para o diagrama de controle. As formas jurídicas também denunciam mudanças na relação dos seres humanos com as máquinas, a passagem das máquinas mecânicas às máquinas a vapor e finalmente à máquina cibernética, representada pelo computador na formação social de controle. Além de Foucault, nota-se a influência dos pós-modernos Lyotard e sobretudo Virilio, assim como da literatura do norte-americano William Burroughs, que aparece para Deleuze como precursor na denúncia dos novos mecanismos sociais que emergiam ainda no século XX, resultando na nomeação da sociedade de controle pelo filósofo. Após termos feito o percurso de detalhar o surgimento da sociedade de controle, pretendemos explicitar que para além das influências em sua formulação, delimitar este conceito exige compreender o contexto do capitalismo pós-industrial e as mudanças trazidas por ele, o que culmina na produção mais importante da sociedade de controle, a produção de subjetividades que está à serviço do sistema capitalista. Dessa forma, podemos colocar questões acerca das subjetividades fabricadas no registro dessa formação social, questões que perpassam os mecanismos de sujeição e massificação das subjetividades, suas implicações na reprodução do capital, a diluição entre os limites do público e do privado, os efeitos da globalização nesse processo, bem como problematizar a noção de saúde em contraste com os impactos trazidos por essa concepção de controle exacerbado e massificante. A partir desta fundamentação conceitual, pretende-se aqui problematizar possíveis linhas de fuga e a produção de novas formas de existência, processos de subjetivação que não se restrinjam ao padrão de reprodução capitalística e que tracem linhas criativas, segundo uma concepção de saúde que coloque em evidência as potências da vida, criando estratégias de uma micropolítica ativa que não reforce a macropolítica dominante.

Palavras-chave:
Sociedade; Controle; Subjetividade; Capitalismo





Veredas Políticas

Extra-mundano?

Wolfgang Pannek

Doutorando - Academy of Fine Arts Leipzig
wolfgangpannek@hotmail.com

O artigo Extra-mundano? vai ao encontro de críticas que qualificam o papel chave da virtualidade no pensamento deleuziano como expressão de escapismo face à experiência histórica. Slavoj Žižek critica a filosofia de Deleuze como “um conhecimento completamente desprovido de sua base física”, um puro “devir-sem-ser”, que foge do tempo empírico do presente em favor da eternidade como “estrutura pura do tempo enquanto tal”. No mesmo sentido, Peter Hallward admite o conceito autorreferencial do devir criador em Deleuze como “a contribuição mais poderosa para uma compreensão imanente do pensamento criativo desde Spinoza”, mas condena o valor desse conceito em função da ausência de sua mediação com „a mudança, o tempo ou a história“. Para Hallward, essa “filosofia da diferença (virtual) sem os outros (atuais)” situa-se literalmente fora deste mundo e mostra-se incapaz de “mudar nosso mundo e empoderar seus habitantes”. O artigo contesta essas críticas apontando, de um lado, para a “constante referência à questão do político em todo o trabalho” de Deleuze, atestada por Antonio Negri, mas sobretudo ao demonstrar, com referência à obra de Marc Rölli, que no empirismo transcendental a virtualidade constitui ao mesmo tempo a pré-condição estrutural de qualquer experiência e da possibilidade de um devir revolucionário minoritário em relação à história. Na sequência o artigo analisa (possíveis) relações entre a experiência afetivo-imaginativa do plano da imanência e da experiência mística/xamânica, não de uma divindade transcendente, mas do sagrado imanente. Levando em consideração de que Nietzsche, Artaud e Deleuze situam o encontro extático (uso transcendental da faculdade dos sentidos em combinação com a terceira síntese do tempo) com o poder absoluto do virtual (o dionisíaco, plano da imanência) e com as forças naturais do inconsciente (libido) como condição de recriação voluntária do ser humano (em forma do super-homen, do corpo sem órgãos, do esquizo) a partir de sua reconciliação com o devir, o artigo argumenta que é possível atribuir ao „encontro fundamental“ deleuziano a qualidade do „sagrado immanente“, característico do a-histórico, da dissolução de identidade e da experiência esquizofrênica. Com referência à função da tradução xamânica na antropologia ameríndia-deleuziana de Eduardo Viveiros de Castro, o artigo ilustra as contribuições do pensamento selvagem e da experiência extática da intensidade para a superação de um conceito da relação homem-natureza baseado na transcendência e suas consequências práticas.

Palavras-chave:

Deleuze, Virtualidade, Imanência, Encontro, Sagrado, Devir





Veredas Políticas

Corpo, produção de subjetividade e capitalismo

Yan Menezes Oliveira

Professor - Universidade Federal do Espírito Santo

yan_menezes@hotmail.com

Essa comunicação oral pretende explorar, em especial dentro da obra de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Michel Foucault, as relações de produção dos corpos e as três zonas de fratura histórica na qual emergem os componentes fundamentais do capitalismo, a saber, a era cristã europeia e sua relação entre a Terra e o Poder; a era da desterritorialização capitalística dos saberes e das técnicas e seu sistema de equivalência generalizada; e a era da informatização planetária com sua abertura para a processualidade criadora e singularizante como base de referência. Propomos a compreensão dos corpos não como superfícies dadas, naturalizadas e definitivamente estratificadas pelo organismo e por sua compreensão fisiológica-científica, mas como produção; produção dos corpos em seus gestos, posturas, sensibilidades, regimes de atenção como parte dos modos de subjetivação capitalísticos, dos esforços dos equipamentos coletivos de subjetivação e seus dispositivos de controle nessas três eras. Pensar os corpos em relação de produção com essas três eras distintas tem o intuito de ensaiar a definição de três tipos diferentes de corpos, isto é, o corpo açoitado, relacionado à penitência e à expropriação; o corpo medido, maquinado com os gestos mensurados e corrigidos em relação a uma população; e o corpo cifrado, modulado e investido por uma subjetividade rentista e empreendedora de si. Tal proposta leva em consideração os estudos dos autores supracitados a respeito das passagens e coexistências entre as sociedades de soberania, as sociedades disciplinares e as sociedades de controle, tendo em vista a importância especial dessa conversa no que tange a realidade atual dos corpos atravessada concomitantemente por dispositivos de subjetivação desses três agenciamentos, e o papel do corpo como plataforma de experimentação e resistência para com sua própria inserção no campo das subjetividades dominantes. Através dessa comunicação, espera-se apresentar reflexões dos processos de produção de corporalidades que possam acrescentar ao debate de trabalhadores sociais em direção à produção, acompanhamento e ao cuidado de processos de singularização na contemporaneidade.

Palavras-chave:

Corpo; Produção de subjetividade; Processos de singularização





Veredas Políticas

Um povo porvir como resistência às "sociedades de controle"

Zamara Araujo dos Santos

Professor - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB

zamaraa@hotmail.com

Num pequeno texto publicado em 1990, intitulado Post-Scriptum: Sobre as sociedades de controle, Deleuze distingue as “sociedades disciplinares” preconizadas por Foucault ao pensar uma ordenação social vigente nos séculos XVIII e XIX, e que chega ao ápice no séc. XX, como uma organização que se define pelo confinamento, pela circulação contínua entre espaços fechados – família, escola, exército, fábrica, hospital, prisão... Tendo como modelo a prisão, o objetivo é “concentrar”, “distribuir no espaço”, “ordenar no tempo”, uma composição capaz de gerar uma força produtiva superior às forças concretas. Entretanto, essas “sociedades disciplinas” se confrontaram com as crises das novas forças instituídas após o advento da Segunda Guerra Mundial. A propagação de uma crise sem limites adentrou todos os espaços de confinamento, todos os modelos de prisão, colidindo com suas leis, seu funcionamento e fronteiras; implosão dos regimes que conferem estabilidade às instituições face às forças desconhecidas e flutuantes das sociedades que não mais podem ser denominadas disciplinares, mas que vivem como sociedades de controle. Trata-se de um novo regime de dominação que age de modo contínuo, em coexistência, sob uma mesma modulação que transforma tudo em “cifras” e se introduz nos estratos tornando todos “divisíveis”, “dados”, “mercados”, “bancos”. São formas de controle que intervêm nos espaços e nas relações de modo contínuo e generalizado, num regime flutuante que vai nos modulando sob uma mesma órbita como um campo de energia em captura, intervindo nos estratos, desequilibrando-os, operando uma deformação, uma fratura que se tornará terreno fértil e força de captura incessante. Como seria possível, então, traçar uma linha de fuga desse regime asfixiante de dominação cujo sistema de controle atua na destruição, na escassez das forças? Se é possível pensar uma linha de fuga como resistência, para Deleuze e Guattari, ela só pode advir de um devir criativo, por “um povo que falta”; um devir povo nunca se define pela maioria, mas como processo, como uma minoria criadora, um povo porvir.

Palavras-chave:

Deleuze; Guattari; povo; porvir; sociedade de controle.





VEREDAS TÉCNICAS





Veredas Técnicas

A outra vida das coisas: as relações entre humanos e não humanos.

André Félix Marques da Silva
Mestrando - Universidade de São Paulo
andrefelix@usp.br

O objetivo desta comunicação é pensar as relações entre humanos e não humanos, a partir do reposicionamento dos conceitos modernos de homem e natureza. Esse par dicotômico coloca em operação um pensamento antropocêntrico que atribui aos homens a excepcionalidade da razão, colocando-os em um patamar superior; enquanto a natureza é tratada como inanimada, cognoscível e presa a leis imutáveis. Assimetria que permite aos homens dispor da natureza em seu próprio benefício, sem interdições.

Noutra via, o pensamento de Deleuze e Guattari encoraja pensar um mundo composto por forças em ininterrupta territorialização e desterritorialização. Nesta chave, as fronteiras que circunscrevem o que é humano, natural e artificial veem suas linhas deslizarem da condição de espessas paredes herméticas para a de sensível membrana em permanentes trocas com seu meio.

Suplantar essa binariedade passa pela dessubjetivação dos humanos e pela desobjetificação dos não humanos. Duplo gesto que permite vislumbrar outras composições e, com isso, outros efeitos emergentes dos encontros entre as forças.

Esta comunicação levará a cabo a tarefa de investigar: o que se passa quando desloca-se o homem e a natureza do lugar de verdade universal para a condição de conceitos imanentes de um determinado agenciamento? E se a dureza conceitual der lugar a forças em ação que, ainda que possam cristalizar-se em uma forma, se encontram em contínua metamorfose, abertas à virtualidade de outros acoplamentos e composições?

Neste exercício de pensar em outras vidas dos humanos e dos não humanos, serão fabuladas relações que escapam ao arranjo majoritário moderno. Atenção especial será dada para os acoplamentos entre forças heterogêneas que compõem redes de eventos aleatórios, descentralizados e silenciosos, dos quais emergem modos de existência inauditos para as instituições e saberes humanos molares.

No primeiro movimento, essas questões serão abordadas tendo a filosofia de Deleuze e Guattari como companhia teórica na remontagem de uma cena de forças. No momento seguinte, será observado como as relações entre humanos e não humanos têm sido revisitadas, na contemporaneidade, no âmbito dos estudos multiespécies.

Palavras-chave:

Deleuze e Guattari; humano; não humano; natureza; estudos multiespécies.





Veredas Técnicas

Das condições de criação de uma arte das superfícies

Caíque Silva Coelho
Mestrando - UFRGS
caiqueatenas@gmail.com

Na décima nona série de paradoxos do livro *Lógica do Sentido*, Gilles Deleuze associa o humor à arte das superfícies, a uma perspectiva diante do sentido e do acontecimento. Nisto estaria implicada uma atitude quanto a duas questões: uma atitude diante da linguagem e do tempo. Propomos apresentar estas duas atitudes e como elas viriam a se entrelaçar nesta arte das superfícies que constituiria o humor. Quanto à primeira questão, será preciso acompanhar as consequências de uma visão da linguagem a partir da própria co-implicação constitutiva do não-sentido e do sentido na superfície do acontecimento, para além ou aquém da profundidade das designações corporais e da altitude das significações conceituais estáticas. Quanto à segunda questão, será preciso buscar uma leitura do tempo a partir de Aion, o qual caracteriza o tempo próprio ao devir ilimitado, à insistência do passado e do futuro num instante que se confunde com um limite eternamente divisível, com o ponto cego em que o acontecimento manifesta a sua própria expressão, irredutível aos estados de coisas efetuados. Nossa proposta é apresentar brevemente como o humor se situa na superfície pura do acontecimento, como ele busca captar a sua própria dimensão virtual e diferencial, vontade essa que se expressa no ator ou no comediante, como aponta Deleuze. Assim, é preciso analisar como o ator vive o instante estilhaçado, como ele segue as direções paradoxais do sentido, sempre já rachado e atravessado pela insistência virtual do passado e do futuro, cristal de tempo em que o virtual é indiscernível do atual. Nesse sentido, o instante do ator, sem espessura, ressoaria os próprios paradoxos performáticos do budismo zen, no qual se tem um exemplo, para Deleuze, da enunciação do não-sentido através do sentido, da não-imediaticidade da imediaticidade. Portanto, uma tal arte das superfícies nos conduziria, como se pretende argumentar, a uma nova experimentação do tempo e da linguagem, ou, ao menos, às condições iniciais para tal.

Palavras-chave:
humor; sentido; acontecimento; tempo; linguagem





Veredas Técnicas

Estética de la existencia en Deleuze (y Guattari): Anotaciones a propósito de un “nuevo” campo de batalla

Camilo Enrique Rios Rozo

Doutorando - Investigador Independiente

cerrsociologicus@gmail.com

Partiré de entender las formulaciones respecto de las Sociedades de Control (SC) como una suerte de diagnóstico socio-tecno-político de un presente que hoy resulta más patente que nunca (sus entramados con la ética neoliberal y las transformaciones que la situación de la pandemia imponen a la vida “cotidiana”). Para esto, rescataré algunos puntos que considero especialmente importantes, sobre todo en lo que tiene que ver con los procesos de subjetivación permitidos y codificados por esta máquina abstracta. De lo anterior se desprende que la pregunta por los modos de “resistencia” es una que no puede ser desatendida y que, hoy más que nunca, exige elaboraciones atentas.

Sin embargo, como intentaré mostrar, la dificultad inmediata que reviste el abordaje de esa pregunta, clásicamente leninista -¿qué hacer?-, recae sobre todo en la manera en que se nos presenta la pregunta misma (pareciera haber un hiato epistemológico entre el diagnóstico y la pregunta). Si bien el panorama político que las SC proponen es en algún sentido desalentador y apocalíptico, entender su funcionamiento a partir de las nociones desarrolladas en Mil mesetas permite proponer una clave de lectura ligeramente diferente, y tal vez aportar algunos elementos para salvar ese hiato: el campo de batalla es sobre todo uno que podemos llamar pre-subjetivo.

Así, entonces, se hace necesario caracterizar ese nuevo campo de batalla, para así encontrar esas nuevas armas a las que Deleuze refiere cuando se le interroga a propósito de los modos de resistencia a y en las SC. En este punto, presentaré una hipótesis de lectura a partir de la cual sostendré que estas “nuevas armas” son encontradas por Deleuze y Guattari sobre todo en un plano estético (que explicaría además sus constantes acercamientos al cine, la literatura, la música, la pintura, etc.) y que pueden entenderse como gestos vitales, existenciales. De tal forma, pretendo mostrar la pertinencia política de pensar una “estética de la existencia” en código deleuzoguattariano.

Palavras-chave:

Sociedades de Control; Estética de la existencia; Nuevas armas; Subjetivación.





Veredas Técnicas

A nova linguagem das reuniões maquinafetivas

Daniel Schiochett

Professor - Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina)

danielschiochett@gmail.com

Não há garrafas nem caixas fechadas, inclusive as que envolvem as conexões binárias e sinápticas em suas virtualidades maquínicas produtoras de intensidades, afetos e sentidos. Nas confraternizações de grupos de amigos em tempos pandêmicos, as arestas estão abertas, as linhas se cruzam, as fugas se põem e os encontros se fazem. E ao se cruzarem arestas, linhas e fugas, as virtualidades transformam-se. A ligação homem-máquina aproxima e abre múltiplas conexões possíveis. As intensidades que daí emergem não poderiam ser menos reais por serem virtuais. Não há regras para a formação e para a reelaboração dos sujeitos, que se dobram e se desdobram de acordo com referências e afetos de suas existências compartilhadas por meio de uma pequena ou grande tela. Os agenciamentos são rizomáticos e, por isso, incontornáveis. Com a pandemia causada pelo novo coronavírus e a doença COVID-19, o que já existia passou a se tornar o comum ou até mesmo o obrigatório. Com o advento das novas tecnologias, o humano se maquina em um novo plano e se vê inserido em uma linguagem de encontros que não estão mais ligados apenas à limitação fisiológica das ideias e do diálogo, mas também conectados às possibilidades nômades proporcionadas pela internet e suas ferramentas de catalogação e de (des)dobramentos de coisas (a)diversas. Na rede, os sujeitos são lançados em um infinito de possibilidades metafísicas, que são permeadas pelo convívio humano e pela virtualidade cibernética sem pontos ou posições. É com base nessas afecções que o nosso trabalho busca analisar encontros de um grupo de amigos que, cercados por uma ameaça viral invisível, deixaram os encontros fisicamente estratificados para se encontrarem em um novo espaço aberto e nômade de uma rede virtual regada a fala, texto e álcool. A análise parte essencialmente da obra *Mil Platôs* e das discussões travadas no GRUAS (Grupo de Pesquisa Estudos em Artes). Como resultado esperamos mostrar o agenciamento dos sujeitos por meio de uma nova linguagem maquinafetiva de relações humanas que se tornou ainda mais rizomática dentro de um catálogo de virtualidades.

Palavras-chave:

Linguagem; Máquina; Agenciamento; Amizade.





Veredas Técnicas

Deleuze y el transhumanismo: precursor y antídoto

Francisco J. Alcalá
Reserarcher - Universidad de Granada
fjalcala85@gmail.com

En la búsqueda de un precedente del actual movimiento transhumanista en el ámbito de la filosofía, se destaca vivamente el nombre de Friedrich Nietzsche, algunas de cuyas ideas parecen anticipar las que animan el debate contemporáneo. Huelga decir que, en este contexto, tiene especial relevancia el concepto nietzscheano de «superhombre». Pero ¿puede considerarse a Nietzsche un precursor del transhumanismo contemporáneo que, a grandes rasgos, preconiza trascender lo humano mediante la tecnología? Resulta evidente que, en sus textos, Nietzsche plantea todavía la cuestión del superhombre en términos culturales, que no biológicos o científico-técnicos: su filosofía se limita a poner en juego un ennoblecimiento de lo humano a través de técnicas humanísticas y, en concreto, del consabido sentido histórico que permite concentrar en un sentimiento el aprendizaje cultural realizado por el hombre en pos de trascenderse.

Establecido el alcance de la propuesta nietzscheana, es de recibo acudir a Gilles Deleuze para clarificar la actualidad de la cuestión del superhombre en relación con el recurso a la tecnología como técnica de mejoramiento que articula el movimiento transhumanista, pues se trata de uno de los grandes herederos del filósofo alemán en el pensamiento contemporáneo. Por su cuenta y riesgo, Deleuze interpreta el superhombre como la forma que se deriva de la nueva relación de fuerzas que caracteriza a la época actual. A partir del siglo XX, las fuerzas con las que entra en relación el hombre, él mismo fuerza, se corresponden con un «finito-ilimitado» en cuanto objeto de combinatoria, que da lugar a la función operatoria propia de la época, el «sobrepliegue» o «plegamiento del pliegue», que inaugura una forma inédita hasta el momento: la del «superhombre» o la finitud humana elevada al infinito mediante la combinación de las fuerzas de acuerdo con el nuevo modelo descrito. Si bien Deleuze se sirve del concepto de «pliegue» para replantear el sujeto en el contexto de una lógica y una ontología del acontecimiento, a través del de «sobrepliegue» pretende hacerse cargo, además, de los inéditos escenarios a que se abre lo humano en su alianza con las nuevas tecnologías, que no son ya como en Nietzsche técnicas meramente humanísticas o culturales. De lo dicho se sigue la pertinencia de elucidar de forma crítica la problemática conformada por el transhumanismo a partir de las aportaciones posthumanistas debidas a Deleuze, las cuales traen a la actualidad la más lúcida tradición nietzscheana. A ello dedicaremos la comunicación propuesta.

Palavras-chave:

Deleuze; transhumanismo; posthumanismo; sobrepliegue; Nietzsche





Veredas Técnicas

Entre a rostidade e o digital - como traçar um píxel de fuga

Gustavo Barrionuevo

Mestrando - Universidade Estadual de Maringá

gustavobarrionuevo600@gmail.com

Derivando de uma experimentação artística, nos perguntamos: como traçar linhas de desrostificação por meio da manipulação de imagens digitais? No texto “Ano Zero – Rostidade”, Deleuze e Guattari (2012) afirmam que nos introduzimos em um rosto mais do que possuímos um. Isso nos mostra que o rosto, ou melhor, a rostidade, não é criada por nós, mas é imposta por uma máquina abstrata que relacionada as redes de poder. Nesse sentido – pensando a rostidade enquanto dispositivo de subjetivação – ao nos ser imposto, o rosto nos delimita um território de experiência no qual nossa subjetividade será formada. Buscando desterritorializar a rostidade e a subjetividade das sujeitas, propomos: partindo de uma fotografia de si, editar-se até não ser mais a mesma.

A manipulação de imagens digitais se apresenta aqui enquanto uma prática de invenção de si, capaz de agenciar linhas outras de subjetivação que não se articulam às redes de poder – as linhas de fuga. Entretanto, não basta seguirmos tais linhas, elas precisam ser traçadas – e é preciso saber onde e como traçá-las. Talvez, o “como” pode ser respondido pelos programas de edição de imagens. Já o “onde”... Onde traçar tais linhas? Por onde começar o traço? E talvez, o traço comece no píxel.

O píxel, o menor elemento de uma imagem digital, é o ponto na tela que sofrerá alterações de qualquer sorte. Quando vistos, os pontos se ligam e produzem a sensação de tom e cor. É a diferença de tonalidade de grupos de pontos que cria a ilusão de luz e sombra, textura. É este píxel, este ponto, que possui potência de diferenciação, que quando colocado lado a lado cria-se linha. Embora também podemos pensar a linha enquanto ponto em movimento, uma linha sempre a criar-se, movimentar-se. Por isso, a linha nunca é estática, ela é inquieta na medida que seu traço forma esboços e rabiscos – afirmando seu caráter experimental (DONDIS, 1991). Vemos o píxel como ponto inquieto que mobiliza linhas de diferenciação e rompe estereotípias. Píxel desterritorializante que provocam o rosto a se abrir.

É por essa fuga criada pelo píxel que editar seu próprio rosto em uma fotografia se apresenta enquanto exercício experimental de subjetivação. Se o nosso destino é escapar e desfazer o rosto e suas rostificações, pensemos em um píxel de fuga enquanto resistência às redes de poder impostas pela rostidade ao corpo, um píxel criando outros territórios de experimentação para a subjetividade.

Palavras-chave:

Rostidade; Arte Digital; Píxel de Fuga;





Veredas Técnicas

O dentro, o meio e o fora: vetores pandêmicos e os circuitos algorítmicos do poder

Leandro Carmelini

Doutorando - Escola de Comunicação da UFRJ

lcarmelini@gmail.com

Propomos abordar perspectivas distintas da relação entre o dentro, o meio e o fora no capitalismo contemporâneo a fim de se problematizar as possibilidades vetoriais que se abrem com a crise pandêmica do coronavírus. Para tanto, apresentamos três perspectivas analíticas distintas desta relação: aquela de uma intensificação da interiorização que Paul Virilio defende ao analisar os rumos do espaço (o fim do espaço em privilégio da ubiquidade absoluta); aquela que Gilles Deleuze mapeia no jogo tenso e paradoxal imposto pela sociedade de controle (os dispositivos do silício como forças de desestabilização e reorganização do poder) e aquele construído por Mark Zuckerberg e os dispositivos conectivos algorítmicos (a digitalização como solução ambivalente seja para intensificar a interiorização, seja para sofisticar o controle sobre a exterioridade urbana).

Se subentende-se que essa relação – o dentro, o meio e o fora – esteve implicada desde a acumulação primitiva – e, portanto, desde os primórdios do capitalismo –, é preciso que se compreenda que esta relação modula-se ao longo do tempo, não sendo a mesma, por exemplo, no momento expansionista-colonial, no momento explorador-institucional e no momento intensivista-subjetivo do capitalismo. Não só porque as noções de dentro e fora se alteram – dentro do continente, fora do continente, dentro da instituição, fora da instituição, dentro do código, fora do código – mas porque a própria condição de existência de um fora é que está em jogo com os incrementos algorítmicos da máquina capitalística – o que, evidentemente, coloca em xeque as possibilidades de enfrentamento, escape ou resistência a ele.

Gostaríamos de entender que a crise pandêmica do coronavírus funciona como um analisador dos modos contemporâneos de atuação do capital. Como todo analisador, não só demonstra e explícita as forças em jogo, mas também enseja possibilidades de desvio. É, portanto, com os substratos políticos de nosso próprio diagrama que o vírus parece mexer – e os efeitos políticos da crise simultaneamente biológica, econômica e subjetiva podem se dividir em três hipóteses vetoriais as quais o artigo persegue – a de Paul Virilio, a de Gilles Deleuze e a de Mark Zuckerberg.

Palavras-chave:

pandemia; algoritmos; poder; fora





Veredas Técnicas

Maquinas desejanter e máquinas algorítmicas

Paulo Henrique Dias Costa
Professor - Unimontes
phdias_costa@yahoo.com.br

Trata-se da apresentação de um problema relativo ao tipo de funcionamento das máquinas algorítmicas em sua comparação com as máquinas desejanter, o desejo e o pensamento volitivo, tal como aparecem em Deleuze e Guattari. A capilaridade e ubiquidade do aparato computacional e a penetração dos algoritmos na sociedade contemporânea coloca-nos em confronto com os impactos transparentes que essas formas de controle exercem sobre nossas ações. Assim, pretende-se traçar um paralelo sobre um suposto pensamento máquina algorítmica com o pensamento sem imagem forçado ou produzido pelo desejo nas máquinas binárias propostas no anti-édipo. Avaliando, por exemplo, as potencialidade das IAs (Inteligências Artificiais), corpos robóticos, sensores e redes computacionais e suas formas de atuação no fluxo informacional e produção de subjetividades. É preciso deslocar a pergunta sobre se: "as máquinas pensarão como os humanos?" para "como opera este pensamento algorítmico?", quais suas limitações e como eles ameaçam o pensamento afetivo das máquinas desejanter, não pela possibilidade de superá-lo, mas porque pode de algum modo auxiliar no controle social, informacional e estatístico e assim, modular subjetividades modelares, além de regular os governos e os próprios corpos.

Palavras-chave:

Pensamento, Desejo, Algoritmo, Governamentalidade





Veredas Técnicas

Relato de experimentações esquizoanalíticas entre lives no Instagram

Rogério Felipe Santos Teixeira

Professor - UniBH

rogeriofsteixeira@gmail.com

Haja vida para tantas lives! Em meio ao turbilhão de eventos e acontecimentos do ano de 2020, orientados pelos princípios de uma “ousadia prudente”, inspirados pelos balizamentos conceituais do legado de Gilles Deleuze e Félix Guattari, os pesquisadores Rogério Felipe e Marcelo Fontes, dando sequência a suas investigações acerca das “ditas” Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e processos de subjetivação, iniciaram em meados do mês de abril de 2020 uma série de lives [encontros online ao vivo] semanais aos domingos com cerca de duas horas de duração cada, iniciando sempre às 22h:00 através da plataforma Instagram e com ampla participação de pessoas de várias localidades. Já foram contabilizadas mais de 30 lives dominicais (mais de 60 horas de conversação), sempre a partir de um tema associado à Esquizoanálise.

Do que se pode compartilhar desta série de experimentações até o presente momento é que se produziu um território aberto, sustentado por um plano de consistência que se ativa a cada semana. Uma práxis de ensinar, aprender e experimentar que não assume um tom professoral, opera mais por composições coletivas e bricolagens rizomáticas. A cada encontro a dupla entre em cena, um diálogo tem início e as falas, questões, composições, emojis publicados no chat durante a transmissão são incorporadas ao vivo na produção de agenciamentos sonoros coletivos, potentes ritornelos, na produção de conceitos, uma espécie de work in progress, em que os ruídos, a queda na velocidade da internet e outras semióticas são parte do processo: a descontinuidade e a alternância asseguram a continuidade dos encontros. Conceitos como rizoma, rostidade, devir se misturam e se agenciam a fatos do cotidiano, intercessores e universos referenciais da literatura, das artes, da música e de saberes-fazer populares.

Cientes de que o Instagram faz parte de uma Big Tech capitalística, busca-se a cada encontro subverter um pouco o padrão das lives e promover uma esquizoanálise nos meandros das plataformas, vez por outra compondo algo que poderíamos chamar de plata-forças.

Interessa-nos nessas intervenções intensificar a questão espinosista adaptada a apelos contemporâneos: “O que pode um e vários corpos [online]?” suas virtualidades, dobras, agenciamentos, forças, distâncias, latências, rupturas que, ao afetar e afetando uns aos outros sob os efeitos dessa pandemia, nos põe a trabalhar, a ocupar espaços-tempo diversos em regimes de liberdade-vigiada (ou de acontecimentos) cujas fronteiras [tecnológicas, afetivas, geopolíticas e algorítmicas] são demarcadas por condições que não estão plenamente esclarecidas.

Palavras-chave:

esquizoanálise; lives; rostidade; agenciamentos; experimentação





VEREDAS TRANVERSAIS





Veredas Transversais

Ética como experimentação

Adriana Muniz Dias

Aluna Especial do Doutorado - UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná
filoadri2008@hotmail.com

Pretendemos apresentar e discutir a noção de ética como experimentação a partir da filosofia de Deleuze e Guattari. Pensamos que, ética e política em Deleuze e Guattari são inseparáveis, são modos de vida. Mas, por opção metodológica, para pensar com as tradições éticas dentro da Filosofia, tratamos especificamente da ética como experimentação, como invenção de modos de existência e, para tanto, de combate aos juízos. Nossa intenção é traçar algumas linhas que permitam um embate com a tradição. Pois, diferentemente da tradição filosófica, em uma noção ética como experimentação, não há um funcionamento por normatividade fixada em códigos universalmente válidos. Nela, estabelecem-se modos de existência somente por meio de regras facultativas, regras que não determinam obrigatoriedades, que não possuem caráter fundamentalista, abstrato. Nessa perspectiva, a moral é combatida, pois oprime, diminui a vida, é causa de doença — é servidão. Pensar regras com fundamentos últimos não cabe à ética, isso é coisa da moral. Uma ética como experimentação tem como tarefa produzir pensamento sobre a constituição dos modos de existência através da produção de regras facultativas, de produção da própria vida. Como diz Ulpiano: “Só há liberdade se a sua vida for produzida por você mesmo” (ULPIANO, 2014, s/p). Quando a vida deixa produzir-se apenas pelas forças externas, neste caso, pelas regras e pelos princípios morais impostos socialmente, ela torna-se subserviente, articulada por mecanismos de controle que inibem desejos, impedindo-a de produzir, tornando-a menos potente. É exatamente disso que uma ética como experimentação busca escapar. Ela não é fixa, uma vez que está sempre se constituindo e, como pensamento, é devir; combate os universalismos e as abstrações e implica sempre, necessariamente, um rompimento, uma luta com o que se produziu em termos de moral na tradição filosófica. Por isso, ela é movimento, constante combate aos fundamentos abstratos que padronizam a vida.

Palavras-chave:

Ética; Experimentação; Regras facultativas





Veredas Transversais

Os alunos colombianos de Deleuze

Ana Carolina Patto Manfredini

Professor - Universidad Nacional Autónoma de México

acpatto@yahoo.com.br

Esse ano, para minha surpresa, descobri que Gilles Deleuze teve (pelo menos) dois grandes alunos colombianos: Edgar Garavito e Consuelo Pabón. A tese de doutorado de Edgar – *La trascursividad. Crítica de la identidad psicológica* – foi dirigida por Deleuze. Consuelo, mais tímida, tremia só de pensar em aproximar-se do professor. Fez suas teses de mestrado e doutorado com um outro professor, amigo de Deleuze, René Schèrer. As teses foram sobre o tema da Crueldade e do Duplo, conceitos que Consuelo trabalhou com profundidade.

Edgar e Consuelo formaram um casal durante muitos anos, e depois da formação francesa voltaram para a Colômbia (Bogotá) onde desenvolveram um importante trabalho de pesquisa e docência não tão conhecido pelo público interessado no pensamento deleuziano.

Edgar infelizmente faleceu nos anos noventa. Consuelo está viva, e por sorte-azar do destino tive o prazer de conhecê-la no começo desse atrapalhado 2020. Ela ainda é professora da Universidad Pedagógica de Colômbia, se dedica a estudar temas de arte, performance, Artaud, xamanismo, etc. Nessa exposição queria narrar um pouco desse encontro e somente introduzir algumas linhas dessa importante herança.

Na tese de Garavito encontramos as palavras do professor Deleuze: “Edgar Garavito demostrou grandes capacidades para a investigação e a compreensão de autores. Suas qualidades me parecem excepcionais. Foi um dos melhores estudantes que tive no doutorado. Entre os meus amigos ele é um dos mais rigorosos e talentosos e um dos mais familiarizados com o meu pensamento.”

Parece-me interessante que o público brasileiro, destacado pela enorme bibliografia produzida referente al pensamento de Gilles Deleuze, conheça esses herdeiros que habitam aqui ao lado.

Palavras-chave:

América Latina; Colômbia; ex-alunos; Edgar Garavito; Consuelo Pabón;





Veredas Transversais

Por um Feminismo Pirata: Cartografias de Qualquer Mulher no Facebook

Ana Paula Freitas Margarites

Doutorando - Universidade Federal de Pelotas

anamargarites@gmail.com

Este texto discute a produção de subjetividades engendradas nas publicações que circulam em páginas feministas brasileiras no Facebook. Com Félix Guattari, consideramos a constituição de modos de vida como um processo transversal que articula diferentes forças. Há o envolvimento de instâncias intersubjetivas manifestadas pela linguagem, assim como há também interações institucionais, universos de referência e dispositivos maquínicos neste processo. Desconstrói-se, assim, a noção de um indivíduo que é origem e centro do pensamento, e se favorece uma visão da subjetividade como produção contínua de territórios existenciais a partir de elementos heterogêneos. Considerando que os sites de redes sociais e seus modos de funcionamento interferem de modo significativo na constituição de modos de vida, sendo indispensáveis para que se pense educação e sociabilidade hoje, interrogamo-nos acerca das formas de ser feminista maquinadas no algoritmo do Facebook. Alinhamo-nos com as discussões pós-estruturalistas propostas por autoras como Judith Butler e Rosi Braidotti que, por dentro dos feminismos, tensionam as disputas identitárias que os atravessam. Por nos aventurarmos a acompanhar movimentos enquanto estes acontecem, optamos pela cartografia como orientação metodológica, produzindo um conjunto de mapas e um diário de bordo de uma mulher qualquer que navega através de um Oceano-Facebook. No presente recorte, tratamos de discussões-marés acerca das mulheres negras e das mulheres trans, campos que possibilitam debates em torno de conceitos como interseccionalidade, feminismo, sexo, gênero e a própria categoria “mulher”. De posse de uma ética de pesquisa hacker, disposta a enfrentar vozes maiores, buscamos navegar para além daquilo que nos chega facilmente pela linha do tempo do Facebook. Consideramos a necessidade de piratear o algoritmo: através da perturbação do uso das redes, procuramos maneiras de dissolver as cristalizações reforçadas pelas bolhas de informação e opinião. Através dos mapas que produzimos, colocamo-nos a pensar em favor da produção de territórios existenciais como coalizões que favoreçam a emergência de diferentes modos de ser feminista.

Palavras-chave:

Facebook; Feminismos; Cartografia; Produção de Subjetividade.





Veredas Transversais

Devires cartógrafas bodados em experiências que transbordam

Clarice Gomes de Almeida

Professor - Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul
claric.almeida@gmail.com

Pensamos fazer dessa obra uma dobra tramada pelas/nas experiências que vivemos durante a produção das pesquisas e das dissertações de conclusão do Curso de Mestrado em Ensino da Universidade Federal do Pampa, localizada na cidade de Bagé (RS) que transcorreu nos anos de 2017 a 2019, e que seguem se multiplicando em outras conexões. Dobra cuja composição heterogênea se dá ao remeter o pensamento aos acontecimentos vividos por cada uma das pesquisadoras que foram tecendo encontros alegres e desterritorializações em territórios abertos à criação dos projetos, desejos e potências singulares experimentadas. Composição feita também e, ao mesmo tempo, fortalecidas pelas/nas ressonâncias ao compartilharmos a linha filosófica com que tecemos nosso modo de pensar e habitar a vida inspiradas nas filosofias de Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari, entre outros intercessores, que encontramos nos estudos e pesquisas levadas a cabo pelo/no Grupo Philos Sophias. Ethos das artes de existir com que vamos desenhando nossa presença no mundo. Sabe aquela peça bordada com restos de fios de lã e afetos que se juntam daqui e dali? Uma multiplicidade de cores que pela ação criadora do/a artesão/ã são delicadamente tramados e passam a compor a obra singular? Então, é quase isso. É esse o movimento que experimentamos. E como tecemos essa arte? Em que maquinaria de guerra enredamos nossas existências para dar conta dessa produção coextensiva, intensa e delirante? Trata-se da composição de devires pesquisadoras cartógrafas em que a força performática e a pragmática estão voltadas a ação inventiva de produção de mapas móveis operados pela aposta na experimentação do pensamento, sem a pretensão de esgotamento das incertezas, sem a pretensão de um dizer a verdade, mas dizer sim a existência e ao desejo de viver de um modo sensível cada laço que se cria ao se entrelaçar com outras vidas e vidas outras. Pois, o que desejamos é multiplicar potências e fazer proliferar forças ativas que expandam ainda mais relações rizomáticas com quem experimentamos as artes de existência que aqui tramamos em bordados que transbordam.

Palavras-chave:

Cartografia. Filosofia da Diferença. Educação





Veredas Transversais

Paisagem-pensamento: por uma outra imagem do ato de pensar

Francisco Augusto Canal Freitas
Professor - CEFET-MG
franciscoaugustocf@gmail.com

Uma “imagem do pensamento” não é uma representação nem uma metáfora, mas concerne à criação e à articulação de conceitos, um território do qual emergem os personagens conceituais. Há uma geografia do pensamento, uma “geofilosofia” que perscruta na gênese e no funcionamento dos conceitos a formação de um território. E esse território, como se pretende mostrar, se configura enquanto paisagem. Pois a paisagem consiste em um tipo peculiar de imagem que remete a um território multidimensional, singular e heterogêneo. A paisagem é uma imagem do pensamento, um modo como o pensamento opera. Nesse sentido, não há oposição entre pensamento como algo interior, subjetivo, e paisagem como algo exterior, objetivo. Pois o pensamento está imerso na paisagem e a paisagem é o meio no qual opera o pensamento. O conceito de paisagem se compõe por um conjunto de termos cujos sentidos apontam múltiplas direções. Portanto, mais que definir, pretende-se cartografar a paisagem a partir das relações que cria com outros conceitos. Cada conjunto de conceitos funciona como um ponto de tangência ou zona de abrangência que articula o termo paisagem. Em suma, trata-se de uma paisagem conceitual da paisagem como conceito estético. Seja na cartografia ou na literatura, a paisagem parece inevitavelmente remeter ao território. Na raiz da palavra paisagem está país. O que faz da terra um território e do território um país. Nas línguas latinas, a definição se refere a um ponto de vista sobre o território, como a face ou a feição do país, a pele ou a máscara da terra. A paisagem é um território, extensivo e intensivo, multidimensional. No entanto, a paisagem transborda os limites do território: são linhas de paisageidade, de desterritorialização, que expandem ou diluem as fronteiras. Uma cartografia da paisagem não apenas situa os pontos de vista numa rede de conexões, pois os pontos são eles mesmos conexões. Mais que pontos, são linhas de intensidade, linhas de desejo que se atravessam e se configuram como uma paisagem singular. Em outros termos, para uma geofilosofia, a paisagem é conceito e meio de onde emergem os conceitos. Nesta comunicação, procura-se apresentar um pensamento paisageiro da paisagem-pensamento.

Palavras-chave:
paisagem; pensamento; cartografia; geofilosofia





Veredas Transversais

Testemunhos da violência sexual: ficções políticas de uma vida

Karina Acosta Camargo

Doutorando - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

karina.jyoti@gmail.com

O trabalho proposto para este encontro deriva de um processo que tem início em minha dissertação de mestrado e se desdobra no doutorado em andamento, ambos vinculados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade da PUC/SP, sob a orientação do Prof. Dr. Peter Pál Pelbart. A atual pesquisa versa sobre as questões da violência sexual a partir do encontro com homens atores de crimes sexuais, atualmente, cumprindo pena em regime fechado no sistema prisional do Estado de São Paulo. Estes encontros não têm o intuito de compreender, classificar, catalogar o outro, e sim, propõe um modo de habitar esses espaços de abandono e escrever desde esta perspectiva, onde as existências singulares destes corpos concretos são reduzidas à corpos abstratos de linguagem, por exemplo, agressor, criminoso, doente etc., destacados da trama social que possibilita a sua emergência. A produção desta cartografia tem como tônica o testemunho, como um modo de dizer desde a perspectiva da ferida, do rasgo, do insuportável. Ela se conecta com o trabalho de mestrado que se orientou pelas fissuras do corpo da própria autora, decorrentes de abusos sexuais vividos em sua infância, e atravessou as questões sobre o silenciamento, o testemunho, o ressentimento, o esquecimento, culminando no amor fati, como afirmação e produção da vida. Assim, desde o mestrado, esta arte de contar do testemunho aponta um modo de dizer, em que – desatados os nós da garganta – o som mais parece um sussurro, um silêncio, que libera visões e audições das cadeias da existência cotidiana. Testemunhar como um ato de vidência. Um dar a ver o insuportável do acontecimento, liberando a vida de seu aprisionamento. Este modo de dizer do testemunho aponta para uma questão inaugural nesta pesquisa de doutorado: produzir uma escuta sensível e uma escrita testemunhal desde o encontro com os homens atores desta violência sexual. Esta escrita se transforma na produção de um diário íntimo e extemporâneo, em que não há sujeitos nem objetos, mas paisagens, atmosferas, sobrevoos, que fazem emergir blocos de infância e a instauração de um tempo outro. O método assumido por esta trajetória é a cartografia e a dimensão testemunhal deste processo, e o referencial se constitui, principalmente, por Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Paul B. Preciado e Eugénia Vilela. No presente encontro, busco dialogar sobre a singularidade desta tônica testemunhal, em que a poética e a ficção são pensadas como um território de experimentação ético-clínico.

Palavras-chave:

Testemunho; Violência sexual; Cartografia





Veredas Transversais

Doble potencia de la subjetividad: creencia e invención.

Laura Cristina Sinisterra Ciro
Graduando - UNILA
laurasinisterrac@gmail.com

La definición del sujeto comienza por un movimiento y como un movimiento de desarrollo doble: se supera y se reflexiona en tanto se torna sujeto. Pero, ¿cómo se supera y cómo se reflexiona? En el capítulo V de "Empirismo y Subjetividad" (en adelante ES), Deleuze aborda la definición de los caracteres fundamentales de la naturaleza humana proveniente de Hume: la creencia y el artificio.

El sujeto que reflexiona y se reflexiona, supera su parcialidad mediante el doble ejercicio de las reglas generales: "Tal es la doble potencia de la subjetividad: creer e inventar" (ES, p. 92).

Interesa entender en primer lugar, las definiciones en sí mismas de los conceptos de creencia e invención, previos a la constitución de la subjetividad. Creer es inferir a partir de la experiencia lo que no está dado en ella y constituir así, reglas de conocimiento; Inventar es distinguir totalidades que tampoco están dadas en la experiencia y que permiten instituir las reglas de una sociedad.

En segundo lugar, encontrar la relación de creencia e invención en referencia al hábito. A partir de la pregunta "¿Qué caracteres son los del sujeto en la creencia y en la invención?" (ES, p. 100), Deleuze relaciona el sujeto con el tiempo e introduce la noción de hábito, como elemento que opera la síntesis del pasado y el presente. Elemento que pasa a tener un lugar privilegiado como "la raíz constitutiva del sujeto y lo que el sujeto es en su raíz es la síntesis del tiempo" (ES, p.101).

La relación del tiempo con el sujeto está dada cuando éste "nos presenta la síntesis del tiempo, y que ésta es únicamente productiva, creadora, inventiva" (ES, p. 102). Se torna preciso examinar el hábito junto a la tendencia. Es en esa unidad dinámica que entendemos la síntesis temporal que nos ayuda a comprender las relaciones entre la creencia y la invención dentro de la construcción de la subjetividad.

Palavras-chave:

Invención; Creencia; Deleuze; Hume; Hábito.





Veredas Transversais

Uma questão de procedimento

Leonardo Freitas Bezerra Vilela
Doutorando - Universidade Federal Fluminense
leonardovilela@id.uff.br

Em julho de 1972, por ocasião dos 100 anos de publicação d'O nascimento da tragédia, ocorreu um colóquio sobre Nietzsche em Cerisy-la-Salle. Tal colóquio, como nos conta Scarlett Marton, marca a retomada do pensamento nietzschiano, no pós-Segunda Guerra, na França; um ponto de corte na recepção das suas ideias, oportunamente, nomeado de "Nietzsche hoje?". As comunicações desse evento foram publicadas em dois volumes. No Brasil, contudo, saiu apenas uma compilação, em 1985, sob a organização de Scarlett Marton. Na apresentação, Marton fala da importância do colóquio e dos nomes que ali reunidos; alguns já bastante conhecidos, como Pierre Klossowski; outros, nas trilhas da consagração, como Jean-François Lyotard e Gilles Deleuze (que neste mesmo ano, junto a Félix Guattari, viria a publicar O anti-Édipo). Marton, também, fala da presença de intelectuais alemães, que, naquela altura, indagam-se pelo fascínio do público francês na obra de Nietzsche; fenômeno que não se observava no seu país de origem, talvez, pela tentativa de associá-lo ao nazismo. Marton, ainda, fala de uma ausência sentida ao longo do evento, a de Michel Foucault, autor importante nessa retomada do pensamento nietzschiano, desde 1964, quando proferiu a conferência Nietzsche, Freud e Marx. No entanto, de um modo um tanto estranho, Marton praticamente omite o nome de outro importante filósofo dessa cena, o de Jacques Derrida. Digo "praticamente" porque chega a mencioná-lo, de passagem, na condição de interlocutor de Éric Clémens e Sarah Kofman, que participaram do colóquio em Cerisy. Fato é que Derrida também apresentou um trabalho, intitulado Os estilos de Nietzsche, traduzido para o português apenas em 2013. Tal "omissão", a meu ver, sinaliza para uma tomada de posição em torno das disputas do legado nietzschiano; se, por um lado, não seria apropriado apontar Nietzsche como um fundador de escola, por outro, pode-se pensar nos diversos usos que foram feitos dos seus conceitos, investindo-os em favor de diferentes posições ideológicas e intenções políticas. Nesse caso, Marton parece se afastar da abordagem desconstrucionista, talvez, por percebê-la demasiado "textualista", dobrando-se num movimento de interpretação. Ao passo que – e esta é apenas uma hipótese – prefere apostar num outro movimento, de transbordamento das molduras do texto, em direção à criação de novos conceitos. Proponho, portanto, um tensionamento entre Os estilos de Nietzsche, de Jacques Derrida, e Pensamento nômade, de Gilles Deleuze, ambos apresentados em Cerisy, para pensar os diferentes procedimentos filosóficos inaugurados pela colocação em suspenso da categoria de "verdade".

Palavras-chave:

friederich nietzsche, pensamento nômade, desconstrução, filosofia e literatura





Veredas Transversais

Brincadeira e política

Lucas Leonardo da Silva Santos
Mestrando - Universidade Federal Fluminense
lucasleonsilva15@gmail.com

Este artigo pretende abordar as relações entre elementos encontrados na brincadeira do Bumba meu Boi e a teoria deleuze-guattariana acerca da rostidade. Primeiramente discorreremos sobre a noção de brincadeira encontrada no trabalho de campo realizado em São Luiz com o grupo Boi do Pindaré. A brincadeira define-se como um conjunto de pessoas que se intitulam brincantes que cantam, dançam e tocam instrumentos com fantasias específicas. A noção de brincadeira define a prática dos interlocutores e buscamos aproximá-la das definições de brincadeira (play) teorizadas por Bateson (2000) e Massumi (2017). A noção de brincadeira, proposta por esses autores, designa um repertório específico que se propõe guiado por traços lúdicos, inventivos e de variação. Pretendemos compreender a natureza deste conceito a partir da chave das três características mencionadas e como pode se vincular às concepções de rostidade e paisagem, encontradas no platô 7 presente em Mil Platôs (1996). Num segundo momento pretendemos refletir sobre o conceito de máquina abstrata de rostidade e as diversas formas de dissolvê-la em diferentes categorias de linhas que compõem uma paisagem. A partir da elucidação destas categorias deleuze-guattarianas, pretendemos traçar similitudes com os conceitos de brincadeira do Bumba boi e de Massumi (2017) de modo a mostrar as potencialidades de variação e inventividade que podem possuir ambas as formulações. Num terceiro momento, tratamos de um dos elementos observados na brincadeira, o miolo de boi, que se define como um brincante específico que dança enfiado numa armadura de boi, artefato central na brincadeira. O miolo de boi possui destaque na análise, pois o objetivo é realizar um estudo de caso que transparece concretamente as noções de paisagem e rostidade. Utilizaremos o miolo do boi para mostrar como se opera, na prática, a desterritorialização e reterritorialização do par rosto-paisagem, e em que medida podemos identificar neste elemento do Bumba boi formas de sair do par buraco negro-muro branco e então desfazer o rosto.

Palavras-chave:

Brincadeira; Bumba meu boi; Rostidade; Política.





Veredas Transversais

Devir-criança e improvisação: personagens, dançarinos e as zonas livres da “ditadura do agir”.

Ludymylla Maria Gomes de Lucena
Doutoranda – UFPA
ludymyllalucena@hotmail.com
Cintia Vieira – Professora - UFOP

Esse trabalho tem o objetivo de elaborar uma reflexão sobre o corpo que se põe a improvisar. Que forças o atravessam? Que alianças e rupturas estabelece? A investigação segue a hipótese de que quando constrangemos nosso corpo a improvisar, seja numa simples proposta experimental pedagógica, seja numa criação artística, os movimentos “costumeiros” e de certa forma “clichês” - que nos ajudam a agir e a viver - são abandonados em prol de movimentos e gestos em diálogo com o acaso, o espontâneo, o lúdico. Esses movimentos desterritorializados põem em cheque o prolongamento sensorio-motor (como Bergson expõe em *Matéria e Memória*) e estabelecem aliança com uma espécie de delírio lúcido e infantil: uma “zona de estranhamento” corporal. “Andar o mais vagarosamente possível”, “Andar de costas”: proposições que parecem simples, mas que são extremamente complexas e desconfortáveis, podendo nos arremessar em lugares inéditos do sentir, do pensar e do agir. Daí a proximidade com o conceito de devir-criança de Deleuze e Guattari. A criança ao não entender muito bem nosso mundo disciplinado, automatizado e cheio de regras, parece anarquizar “a ordem” das coisas. Sempre disposta a ocupar lugares não tão seguros. Territórios da incerteza cheios de riscos. Imaginativa, poética. Parece não haver limites até onde a percepção da criança pode ir. Entre a percepção e a ação, perambula pelo intervalo, afetada por uma certa impotência motora que a faz ver e ouvir mais do que agir. Busco ainda no presente trabalho identificar essa impotência motora, tanto em alguns personagens no cinema - que Deleuze em *Imagem-tempo* convencionou chamar de moderno - como em dançarinos improvisadores em técnicas de dança como o contato-improvisação. Corpos-personagens e corpos-dançarinos que vivem “para além do movimento”, livres da “ditadura do agir”, vivenciando outros sentidos possíveis. O corpo que se põe a improvisar, ao caminhar numa zona de osmose entre a “ordem” e a “desordem”, se deixa contagiar por afetos imprevisíveis, forças moleculares que remetem ao infantil.

Palavras-chave:

Dança, cinema, improvisação, corpo





Veredas Transversais

O jogo que nos joga: jogar rizomático do jogador-artista

Luís Bruno de Godoy

Doutorando - Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

godoy.luisb@gmail.com

Alcides José Scaglia (Orientador) alcides.scaglia@fca.unicamp.br

Quando ali, nos colocamos a jogar, desprendemos todas as razões ou certezas, algo maior acontece, é uma pausa na realidade suprema, um respiro frente a vida estritamente ordenada. O jogo surge então, como um caminho profuso que desestabiliza os planos e percursos, que tomba o jogador e o faz refletir diante da insegurança. Temos aí um jogador autêntico, verdadeiro, que se desprende dos caminhos certos e seguros e se coloca como jogador, mas não qualquer jogador, o jogador como um artista, transformando-se no jogador-artista, que olha para as possibilidades dadas e as reconstrói, abrindo espaço para aquilo ora inimaginável, um sujeito aberto para as experiências, disposto e permissivo. O jogador-artista é rizomático, fluido, não está ordenado dentro do plano, ele subverte a ordem, a mecanicidade, um sujeito que joga com a intensidade dos afetos gerados pelo jogo, com os acasos que o acometem, sempre pronto a ser atravessado pelas experiências que compõe o mundo que o circunda. O jogador-artista é esse que se arrebatava com o jogo, que é tomado, vulnerável a todos os afetos e trocas provenientes desse jogar. O jogador-artista é antes de qualquer coisa um apaixonado, amante, entregue e disposto: ao jogo, ao outro, a tudo que o circunda, e, a ver em si mesmo outro e ao mesmo tempo jogo.

Palavras-chave:

Jogador-artista; jogo; rizoma; arte; experiência





Veredas Transversais

Singularidade e Acontecimento: a escritura do tempo e a projeção iconotópica do Sagrado.

Mariana Ferreira Vieira

Doutoranda - Programa de Pós Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades
FFLCH-USP
mf.vieira@usp.br

A presente proposta visa oportunamente debater num circuito especializado o trabalho de doutorado que vem sendo empreendido no Programa de Pós Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, intitulado “Iconotopia do Sagrado: O corpo iluminado e o “menino da tábua” no Oeste Paulista” sob orientação da professora Margarida Maria Moura. A pesquisa em questão pensa o sagrado como um conjunto de pontos singulares ou como acontecimento de uma vida, de modo que através dele se possa apreender a existência do plano transcendente e do plano imanente que inscrevem o sujeito no mundo. Interessa levar às últimas consequências a potência da análise deleuzeana sobre a pura imanência para pensar o sagrado, o divino, o “topos” do ícone religioso, uma vez que segundo esta perspectiva é a projeção sobre um plano de imanência que traça a figura. Segundo Deleuze a figura é essencialmente “paradigmática, projetiva, hierárquica, referencial”. O corpo que é lacunar, imperfeito, revelador da queda, da morte do sujeito é coberto pela significação transcendente que é completa, absoluta e perfeita. Sendo assim, a finalidade do movimento transcendente é cobrir o plano imanente de figuras de sentido, e com isso tapar os buracos do não-sentido da existência do homem.

O “menino da tábua” 1900-1945 comumente assimilado como santo popular e visto como um ícone místico da santidade cristalizada é pensado como ponto de confluência de uma reflexão sobre a diferença e a repetição que são próprias do movimento do homem no mundo. Ele é ao mesmo tempo uma singularidade ou um conjunto de singularidades que expõe a ferida, a doença, a angústia, o recalque, a mácula, e o fim da existência, fatores e efeitos via de regra ligados ao sagrado, estabelecendo-se numa projeção da transcendência (projeção do Sagrado) na imanência (corpo na tábua) tendo como resultado a/uma Iconotopia. Este termo, a propósito, cunhado por Foucault, é o conceito-chave da pesquisa de doutorado, notadamente por vincular elementos como “imagem”, “sagrado” e seu “lugar” no discurso. Finalmente, a proposta é elucidar a funcionalidade da conceituação deleuzeana de Singularidade; Acontecimento; Imanência; Transcendência em correspondência com os conceitos de Sagrado; Religiosidade; Mística, a fim de que, com este arcabouço conceitual se possa melhor explorar o que a imagem funcional do “menino” propõe ao trabalho analítico e assim verificar a consistência conceitual que pode ser alcançada na tese em andamento.

Palavras-chave:

Singularidade; Acontecimento; imanência, projeção iconotópica; escritura do tempo; Sagrado.





Veredas Transversais

Desejo e Prazer: sobre corpos e intensidades, relações possíveis entre Deleuze e Foucault

Regiane Lorenzetti Collares
Professora - UFCA
regiane.collares@ufca.edu.br
Luis Celestino de França Júnior

Em História da Sexualidade I: a vontade de saber, na parte III, intitulada Scientia sexualis, é investigado por Foucault as questões que fizeram com que o sexo viesse a recair no campo do discurso verdadeiro, de como os comportamentos sexuais teriam se tornado objetos de uma ciência da sexualidade e, portanto, ligados a diferentes mecanismos de poder e controle. Em contraposição a esta scientia sexualis, Foucault ressalta uma arte erótica (ars erótica), encontrada em algumas civilizações antigas, organizada em torno da ligação corpo-prazer-intensidade. Sendo assim, o prazer ressaltado por Foucault parece se dar na superfície do encontro entre os corpos, em suas diferentes modulações, como um acontecimento, escapando ao plano conceitual das ciências da sexualidade. Indicar o prazer, em seu alcance transgressor, no nível das experiências e não em um plano conceitual, ao que tudo indica, liga a visada foucaultiana do prazer a uma estratégia de saltar sobre uma noção já constituída de sexualidade, de formas de vida previamente reguladas e normatizadas. Em uma carta escrita por Gilles Deleuze a Michel Foucault, em 1977, intitulada “Desejo e Prazer”, é enfatizado um prazer em Foucault que diria respeito a algo que sucederia “em um campo de imanência ou de um corpo sem órgãos”, em “zonas de intensidades”, “fluxos”. Segunda a leitura deleuziana, este corpo que Foucault parece querer dizer quando relacionado ao prazer escaparia a um estrato meramente orgânico das sensações, e se comporia por ligações de intensidades que se fazem e desfazem ao sabor dos acontecimentos, que escapariam da captura de uma ordem de discurso médico e psicológico, da captura do sujeito em codificações da sexualidade. Diante disso, Deleuze arrisca-se a uma relação aproximativa com o seu “amigo Michel” no que toca à noção de prazer, aproximação dos que se sabem compartilhar uma mesma atmosfera e vida filosófica, a partir da seguinte pergunta: “Será que eu poderia pensar em equivalências do tipo: o que para mim é 'corpo sem órgãos-desejos' corresponde àquilo que, para Michel, é 'corpo-prazeres'?”. No rastro desta pergunta, pretendemos traçar algumas linhas elucidativas que servirão como fios condutores da relação entre Deleuze e Foucault no que diz respeito aos meandros do desejo e prazer.

Palavras-chave:
desejo; prazer; corpo; intensidade





Veredas Transversais

Deleuze: entre o intérprete amoroso do mundo e o guerreiro nômade

Regina Schöpke
Professor - UERJ
rschoepke@uol.com.br

A ideia é confrontar, ou antes, comparar, duas maneiras diferentes de pensar a filosofia e o filósofo no interior do próprio deleuzianismo. Duas maneiras diversas, mas, ao mesmo tempo, que se complementam, ao menos no sentido de que, em ambas, a filosofia e o próprio filósofo são pensados fora da imagem dogmática, ortodoxa, do sujeito bem-aventurado, que busca uma verdade pura e bela em si mesma. É assim que nos deparamos, na obra deleuziana sobre Proust, com uma “verdade que se trai”, uma verdade que não se chega como o coroamento de um esforço, nem como resultado de um método rigoroso e menos ainda como mérito de um espírito ascético e iluminado, mas como resultado de uma hermenêutica amorosa ou, mais precisamente, em meio a uma ardorosa decifração de signos, tal qual a de um amante apaixonado e ciumento, que busca a todo custo a verdade sobre o seu objeto de desejo, embora só consiga encontrá-la involuntariamente, onde menos imaginava encontrá-la. Sim, a filosofia como interpretação, como decifração do mundo e das coisas, emerge da leitura deleuziana de Proust, mas também de seu agenciamento com Nietzsche que, por outro lado, lhe abre ainda outra perspectiva, que é a do guerreiro nômade, que Deleuze pensará posteriormente com Guattari. Visto por certo ângulo, tratam-se de coisas muito distintas, a filosofia como interpretação e a filosofia como máquina de guerra, mas apenas em parte, porque o filósofo pensado como um guerreiro nômade é também um decifrador de signos, um intérprete do mundo, e, em uma certa medida, ainda mais apaixonado e orgulhoso do que um amante traído, porque a verdade, para ele, não é mais algo que ele buscará no mundo (ou fora dele), mas é aquilo mesmo pelo qual ele luta, é o seu próprio mundo, os seus valores, a defesa da mais pura imanência, da liberdade, do direito de existir no “aqui e agora” em toda a sua plenitude.

Palavras-chave:

filosofia; interpretação; signos; verdade; imanência; nomadismo; liberdade





Veredas Transversais

Processos de subjetivação: Preciado leitor de Deleuze e Guattari

Victor Silveira do Carmo
Rondnelly Nunes de Assis
Mestrando - UFOP/UFF
victor.silveira.carmo@gmail.com

Partindo do “Manifesto Contrassexual” (2014), traçaremos um recuo genealógico em direção a “O Anti-Édipo” (2010) e “Mil platôs” (2011) a fim de analisar as convergências conceituais das três obras, que tratam, entre outros temas, dos processos de subjetivação que são imanentes à sociedade capitalista contemporânea. Embora as obras analisem esses processos sob ângulos distintos, elas conservam uma disposição crítica comum em relação à subjetivação e o imediato político. O objetivo desse nosso movimento de leitura retrospectiva - Preciado como leitor de Deleuze e Guattari - é perscrutar a recepção de Preciado de conceitos elaborados por D&G e sua discussão sobre os n-sexos e as minorias, considerando a afirmação de Deleuze e Guattari: "A esquizoanálise é a análise variável dos n sexos num sujeito, para além da representação antropomórfica que a sociedade lhe impõe e que ele mesmo atribui à sua própria sexualidade" (AE, p. 390). A partir disso, buscaremos lançar luz sobre algumas questões, a saber: a relação entre o dildo e os objetos parciais, a ideia de um sujeito como resto “ao lado” das máquinas desejantes e o anti-modelo contrassexual como tecnologia em oposição ao dispositivo da sexualidade. Com isso intentamos responder às perguntas: de que modo o dispositivo da sexualidade se vale dos paralogismos do inconsciente na produção de identidades sexuais estáveis e fixas, e de que ferramentas as obras dispõem para confrontar a rigidez identitária com protocolos de experimentação? Quais são os riscos envolvidos na experimentação contrassexual, e por que a “libertação do desejo” não é garantida? Para executar essa proposta, recorreremos aos exercícios de leitura contrassexual que Paul Preciado faz de Deleuze e Guattari em seu ensaio “A filosofia como modo superior de dar o cu”, que faz referência à “imaculada concepção” deleuziana como método de intervenção na história da filosofia. Buscaremos, portanto, ao estabelecer esse vínculo conceitual, fazer jus à perspectiva da filosofia da diferença, analisando os ecos de Deleuze e Guattari, e alguns impasses elencados por eles, na produção filosófica de Paul B. Preciado.

Palavras-chave:

Desejo; Subjetivação; Paul B. Preciado; Gilles Deleuze; Félix Guattari





VII Encontro

**GT Deleuze
Guattari**

Pensar em veredas que se bifurcam
clínica, política, técnica, educação, estética

